

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKNEZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LEANDRO ROCHA DOS SANTOS

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO APOCALIPSE DE JOÃO

São Paulo

2023

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LEANDRO ROCHA DOS SANTOS

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO APOCALIPSE DE JOÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno

São Paulo

2023

S237a Santos, Leandro Rocha dos.
Uma análise semiótica do Apocalipse de João [recurso eletrônico]
/ Leandro Rocha dos Santos.
173 f.

Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Presbiteriana
Mackenzie, São Paulo, 2024.
Orientador: Alexandro Marcelo Bueno.
Referências bibliográficas: f. 130-133

1. Bíblia. 2. Religião. 3. Semiótica discursiva. 4. Apocalipse.
5. Análise semiótica. I. Bueno, Alexandro Marcelo. *orientador (a)*.
II. Título.

Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Leandro Rocha dos Santos

Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras

Título do Trabalho: Uma Análise Semiótica do Apocalipse de João

O presente trabalho foi realizado com o apoio de ¹:

- CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
- Instituto Presbiteriano Mackenzie/Isenção integral de Mensalidades e Taxas
- MACKPESQUISA - Fundo Mackenzie de Pesquisa
- Empresa/Indústria:
- Outro:

¹ **Observação:** caso tenha usufruído mais de um apoio ou benefício, selecione-os.

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DO APOCALIPSE DE JOÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

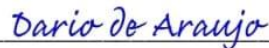
ORIENTADOR: Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno

Aprovado em ___/___/___

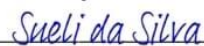
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)



Profa. Dra. Dario de Araújo Cardoso
Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ)



Profa. Dra. Sueli Maria Ramos da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



Prof. Dr. Cristhiano Motta Aguiar
Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM)



Profa. Dra. Vera Lucia Rodella Abriata
Universidade de Franca (UNIFRAN)

Este trabalho dedico à minha estimada esposa Flávia Breviglieri, que foi um esteio e motivação, dando-me alento, força e ânimo, para conseguir manter-me firme, até à linha de chegada desta linda e árdua tarefa acadêmica.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, por ter me concedido força, capacitação e saúde para conseguir concluir mais esta fase importante da minha vida. Sem ele, não teria conseguido.

Agradeço, de uma forma muito especial, à minha estimada esposa por ter me incentivado, em todos os momentos, bons ou difíceis, a continuar firme neste propósito, sempre lembrando-me de que é possível. Ela foi fundamental em todo esse processo.

Agradeço ao meu Orientador, professor Doutor Alexandre Marcelo Bueno, que se mostrou humano e solícito durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho. Foi mais que um orientador. Foi um mestre, um professor, sobretudo um amigo.

Também agradeço à Igreja Presbiteriana do Brasil, que me proporcionou esta oportunidade de avançar em meu desenvolvimento e progresso acadêmico. Sou profundamente grato a esta querida igreja, que sempre apoiou o desenvolvimento humano das pessoas, bem como de seus obreiros.

Quero agradecer também à Universidade Presbiteriana Mackenzie, por se mostrar uma instituição séria e essencialmente humana, ao proporcionar a seus discentes a estrutura, incentivo e meios necessários para o progresso acadêmico dos mesmos.

Agradeço também à Banca que, na qualificação, deu-me todo subsídio necessário para aprimorar este trabalho. Se mostraram muito solícitos, fraternos e profissionais.

Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo. (Apocalipse 1. 3).

RESUMO

O Apocalipse de João é um dos livros que compõe os sessenta e seis livros da Bíblia Sagrada. Conhecido por seu conteúdo de teor cataclísmico, o livro é extremamente rico em figuras e metáforas, o que justifica a sua análise. O livro de Apocalipse de João tem sido alvo de estudos a partir de perspectivas teológicas e religiosas, desde os primórdios de sua produção. Neste trabalho, pretendemos trazer contribuição aos estudos de Apocalipse sob a ótica da Semiótica Discursiva de Greimas. A Semiótica Greimasiana nos auxilia no processo de identificação e da análise da significação de um texto, a partir do que o texto diz, e sobretudo, o que ele faz para dizer o que diz. Um dos elementos dessa análise é o que Greimas chama de Percurso Gerativo de Sentido. Desta forma, analisaremos o livro de Apocalipse a partir do Nível Fundamental, Narrativo e Discursivo da Semiótica Discursiva. Nosso objetivo é verificar quais estratégias, tanto narrativas como discursivas, foram utilizadas pelo autor de Apocalipse, bem como tentar identificar os possíveis efeitos de sentido produzido nos destinatários. Ainda buscaremos encontrar os possíveis impactos epistêmicos e éticos produzidos por este sentido, resultando finalmente em Sanções positivas a estes, oriundas do contrato em o Destinador transcendente, Deus, e os destinatários. A partir de uma análise semiótica de Apocalipse verificamos como João se utiliza de diversas estratégias discursivas no intuito de manipular seus destinatários, para então provocar uma mudança de estado nos mesmos. Inferimos que João alcançou seu objetivo, uma vez que o cristianismo não apenas resistiu à intolerância religiosa do Império Romano, mas avançou, tornando-se uma igreja que subsiste até os dias atuais, por todos os lugares, como comprova sua história.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva, Percurso Gerativo de Sentido, Apocalipse.

ABSTRACT

The Apocalypse of John is one of the books that makes up the sixty-six books of the Holy Bible. Known for its cataclysmic content, the book is extremely rich in figures and metaphors, which justifies its analysis. The book of Revelation of John has been the subject of studies from theological and religious perspectives since the beginning of its production. In this work we intend to make a contribution to the studies of Revelation from the perspective of Greimas' Discursive Semiotics. Greimasian Semiotics helps us in the process of identifying and analyzing the meaning of a text, based on what the text says, and above all, what it does to say what it says. One of the elements of this analysis is what Greimas calls the Generative Path of Meaning. In this way, we will analyze the book of Revelation from the Fundamental, Narrative and Discursive Level of Discursive Semiotics. Our objective is to verify which strategies, both narrative and discursive, were used by the author of Revelation, as well as trying to identify the possible effects of meaning produced on the recipients. We will still seek to find the possible epistemic and ethical impacts produced by this sense, ultimately resulting in positive sanctions for them, arising from the contract between the transcendent Destinator, God, and the recipients. From a semiotic analysis of Revelation we see how João uses different discursive strategies in order to manipulate his recipients, and then cause a change of state in them. We assume that John achieved his objective, since Christianity not only resisted the religious intolerance of the Roman Empire, but advanced, becoming a church that continues to this day, everywhere, as its history proves.

Keywords: Discursive Semiotics, Generative Path of Meaning, Apocalypse.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. O LIVRO DE APOCALIPSE: UMA APRESENTAÇÃO DO LIVRO E AS PRINCIPAIS LINHAS DE INTERPRETAÇÃO	25
1.1. O Conteúdo do Livro	25
1.2. Linhas de Interpretação de Apocalipse	54
1.2.1. Quanto ao método	54
1.2.2. Quanto aos destinatários	55
1.2.2.1. Preterista	55
1.2.2.2. Historicista	56
1.2.2.3. Futurista	56
1.2.2.4. Idealista	56
1.3. Elementos Intertextuais e Interdiscursivos de Apocalipse:	57
2. A NARRATIVIDADE DE APOCALIPSE	60
2.1. O Primeiro Programa Narrativo: O Diabo como sujeito Manipulador.....	63
2.1.2. Manipulação:	63
2.2. Segundo Programa Narrativo	68
2.2.2. A Manipulação:.....	69
2.2.3. Competência:	74
2.2.4. Performance:	76
2.2.5. A transformação:	76
2.2.6. Sanção:	79
3. A DISCURSIVIDADE DE APOCALIPSE	89
3.1. A Figurativização em Apocalipse.....	94
3.1.1. Padrões Numéricos	96
3.1.2. O Uso de Contrastes.....	100
3.1.3. Elementos da Natureza.....	101
3.1.4. Elemento Somáticos.....	101
3.1.5. As Cores	102
3.1.6. A Representação do Grotesco: Criaturas	102
3.1.7. Pessoas, Lugares e Nomes.....	102

3.1.8.	A Figura do Cordeiro	103
3.1.9.	A figura da mulher grávida.....	105
3.1.10.	A figura da noiva	106
3.1.11.	A figura da cidade de Jerusalém	107
3.1.12.	A Figurativização do Juízo de Deus	107
3.1.13.	As Sete Trombetas.....	109
3.1.14.	Os Sete Cálices da Ira de Deus.....	111
3.1.15.	A Queda da Grande Babilônia.....	112
3.1.16.	O Julgamento Final.....	114
3.1.17.	O Diabo e a figura do dragão	115
3.1.18.	O Mundo Opositor.....	117
3.2.	A Tematização de Apocalipse: Tema da Opressão	119
	Considerações Finais	124
	Referências Bibliográficas	130
	ANEXO: O LIVRO DE APOCALIPSE DE JOÃO	1344

INTRODUÇÃO

A semiótica não substitui a exegese, mas lembra tanto o exegeta quanto o semioticista que em cada uma de suas múltiplas tarefas são antes de tudo leitores. (DELORME, 2001, p. 20).

A religião, como fenômeno social e cultural, não pode ser desprezada enquanto objeto de análise. Ela merece a devida atenção, pois produz impacto na sociedade e no ser humano sob diversos aspectos. Ecoando a premissa de Hellern, Notaker e Gaarder “[...] O Estudo das Religiões pode ser importante para o desenvolvimento pessoal do indivíduo. As religiões do mundo podem responder a perguntas que o homem vem fazendo desde os tempos imemoriais”. (HELLERN; NOTAKER; GAARDER; 2000, p. 14). Todavia, devido à complexa natureza do comportamento religioso, devemos ser cautelosos no estudo dela, e para fazermos este estudo de forma cuidadosa e prudente, devemos, como afirma Grecshat, “[...] fazer uma aproximação cautelosa do alvo, buscando uma resposta com a mesma atitude de alguém que se perdeu e procura uma saída.” (GRECSHAT, 2005, p. 31).

O estudo da religião tem variadas perspectivas teóricas. Um deles é o olhar fenomenológico, que se estuda o comportamento religioso. No entanto, a religião pode ser alvo de estudos e análises por outros campos de estudos, como pelo viés literário e discursivo, que inclui pesquisas de suas tradições, escritas ou corpo teológico (denominado por vezes, como corpo de doutrina¹). Assim, podemos afirmar que o fenômeno religioso é alvo de estudos pluridisciplinar, o que permite analisarmos este campo também sob o olhar da linguística, bem como de outros campos teóricos. Nesse sentido, Camurça traz contribuições importantes ao afirmar,

... que a Ciência da Religião, embora com a intenção totalizante e pluridisciplinar explicitada, termina por sugerir a fundação de uma nova instância substitutiva aos critérios e parâmetros de validação científica pertinentes a cada área acadêmica ou comunidade científica particular (Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia e História) que participa do leque pluridisciplinar do campo da ciência(s) da Religião. (CAMURÇA, 2008, p. 28).

¹ Doutrina aqui refere-se aos princípios que regem a cosmovisão e a ética das religiões, especialmente cristãs.

Enquanto um corpo de doutrina, o estudo das religiões dar-se-á por intermédio dos escritos que a compõem. A análise de textos religiosos demonstra-se um mecanismo indispensável para o estudo sobre a natureza das religiões. Isto porque, se há texto, há linguagem, e por conseguinte, uma possibilidade de análise destes. Como afirma Nogueira, “Se o texto religioso é também uma linguagem, uma linguagem em segundo grau, linguagem da cultura com o poder de organizar, nomear e estruturar a realidade, então ele é também dotado de sismicidade, interagindo na semiosfera [...]” (NOGUEIRA, 2015, p. 105,). Todavia, a semiótica reconhece o quão desafiador analisar textos religiosos a partir de um olhar semiótico. Nogueira ao tratar sobre a complexidade de textos religiosos esclarece que, os textos religiosos são complexos semioticamente, devido ao seu caráter híbrido e polissêmico. Segundo ele “essa característica estrutural faz com que sejam submetidos às mais diversas atualizações e recodificações, constituindo novos textos na cultura.” (NOGUEIRA, 2015, p. 102).

Dentre tantas religiões do mundo, optamos por um estudo voltado para o Cristianismo. Hoje parece-nos inegável que o Cristianismo se destaca dentre as religiões do mundo, tanto por seu perceptível impacto social e cultural, quanto literário. Isto fica evidente em artes como a pintura da Criação, do Juízo Final no teto da Capela Sistina, por Michelângelo, suas esculturas de Moisés e Davi, entre outras. Podemos destacar ainda as obras de Da Vinci, como a Ceia, Maria e o menino Jesus, entre outras. Na música temos evidentes influência da religião, por exemplo Johann Sebastian Bach que compôs diversas peças para o culto protestante, Beethoven que produziu obras como Missa Solemnis, entre tantos outros compositores ícones da música clássica, que compuseram obras cristãs. Na literatura não podemos esquecer de nomes como C.S Lewis, reconhecido no mundo como um grande nome da literatura, e que escreveu obras de teor cristão.

Nosso ponto de partida é a Bíblia Sagrada. Não podemos estudar o Cristianismo sem analisar seu escrito fundamental, a Bíblia Sagrada². A Bíblia

² O termo Bíblia Sagrada refere-se à Bíblia como um livro revelado por Deus aos seres humanos, como defendido pelo Judaísmo (Antigo Testamento) e o Cristianismo conservador. A Bíblia Sagrada é, na verdade, um compilado de diversos livros. Para ser mais exato, sessenta e seis livros, sendo estes escritos por uma diversidade de cerca de quarenta autores de lugares, idades e culturas diferentes, em um período que se estende ao longo de 1500 anos até que fosse finalizado todo o processo. Gisler argumenta que a Bíblia foi “[...] constituída de 66 livros escritos ao longo de 1500 anos, por cerca de quarenta autores, em diversas línguas, com centenas de tópicos [...]”. (GISLER e NIX, 1997. p. 55). Não podemos deixar de notar que o Catolicismo Romano anexa aos sessenta e seis livros mais sete, considerando estes sete, todavia, não como a Palavra de Deus, mas como livros

Sagrada é um conjunto de livros parece exercer grande influência no mundo, impactando gerações desde a finalização de sua escrita. Geisler e Nix resumem bem este aspecto nas seguintes palavras,

A Bíblia é um livro singular. Trata-se de um dos livros mais antigos do mundo e, no entanto, ainda é o bestseller mundial por excelência. É produto do mundo oriental antigo; moldou, porém, o mundo ocidental moderno. Tiranos houve que já queimaram a Bíblia, e os crentes a reverenciam. É o livro mais traduzido, mais citado, mais publicado e que mais influência tem exercido em toda a história da humanidade. (GEISLER; NIX. 1997, p. 5).

A influência da Bíblia Sagrada no mundo ocidental se deu devido ao seu apelo missionário, onde os seguidores de Jesus são instados a disseminá-la por todo o mundo, como o próprio Jesus, exortando seus discípulos orientou: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.” (Marcos 16. 15). Este mandato fez despertar um sentido de urgência de se espalhar a Bíblia por todo mundo, fazendo com que os cristãos a traduzissem, no decorrer dos séculos, em diversas línguas. Gisler e Nix ainda asseverando acerca desta influência da Bíblia a partir de sua propagação argumentam da seguinte forma:

A Bíblia foi traduzida em mais de mil línguas, abrangendo mais de 90% da população do mundo. Suas tiragens somam alguns bilhões de exemplares. Os bestsellers que têm vindo em segundo lugar, ao longo dos séculos, nunca chegam perto do detentor perpétuo do primeiro lugar, a Bíblia. A influência da Bíblia e de seu ensino sobre o mundo ocidental está bem à mostra para todos quantos estudam a história. (GISLER e NIX, 1997. p. 57).

Como supracitado, a importância do estudo de textos da Bíblia parece indubitável, pois se constitui um livro rico em conteúdo literário, poético, histórico, discursivo e teológico. Stott argumenta que,

[...] ninguém, quaisquer que sejam suas crenças ou descrenças, pode negar que a Bíblia contém de fato literatura admirável. Ela fala sobre os grandes temas da vida e do destino humanos e os trata com simplicidade, discernimento e imaginação. Sua tradução do original foi tão boa que em alguns países, como Inglaterra e Alemanha, a Bíblia tornou-se parte da herança literária nacional. (STOTT, 2005. p. 15).

que servem de fonte de inspiração. Daí, chamá-los de livros deutero-canônicos, ou seja, uma espécie de segunda revelação.

Considerando esse impacto e influência da Bíblia, temos aqui uma das razões do porquê tê-la como um objeto de pesquisa, seja no campo da Linguística, do Discurso, da Religião, da Antropologia ou de outras áreas afins.

Por ter um conteúdo tão vasto e amplo, conseqüentemente mostra-se um discurso complexo. Nesse sentido podemos aferir que o fato de a Bíblia ser um livro religioso, de forma alguma a desfavorece como literatura. Rosenberg afirma que “o valor da Bíblia como documento religioso está estreita e inseparavelmente ligado ao seu valor como literatura.” (ROSENBERG Apud ALTER, 2007. p. 38). Ao nos aproximar do texto bíblico considerando-o como um texto literário, como de fato o é, não estamos menosprezando os seus aspectos e suas influências religiosas. Como afirmam Zabatiero e Leonel, “a aplicação da análise literária em textos bíblicos, não exclui os benefícios trazidos pela pesquisa crítica, nem menospreza o caráter sagrado atribuído à Bíblia pela teologia [...]”. (ZABATIERO; LEONEL, 2011, p. 128-129). Depreendemos, assim, que cabe às Ciências das Religiões e à Teologia estudar o caráter religioso e social da Bíblia, enquanto os estudos na área de Letras se ocupam em estudar seus aspectos literários, lexicais, linguística e discursivos.

Devemos, desta forma, nos aproximar do texto por meio de uma análise e interpretação textual cuidadosa, pois toda e qualquer aproximação do leitor com o texto (seja qual for o tipo de texto) exigirá dele uma interpretação, seja uma interpretação informal, seja teórica, como afirma Lopes:

Não existe compreensão de um texto sem que haja interpretação, mesmo que essa leitura seja do jornal e o processo de compreensão seja inconsciente. Sendo um texto, a Bíblia não foge a esta regra. (LOPES, 2007. p. 21).

Sendo a Bíblia um texto religioso, com variadas formas literárias em seu conteúdo, nossa função como pesquisadores é abordá-la enquanto um texto literário, buscando investigar a significação por trás de seu texto.

Dos sessenta e seis livros da Bíblia, há um que nos chama a atenção por seu conteúdo e pelo modo como aborda temas que geralmente prendem a atenção dos leitores, por tratar de assuntos que, historicamente, provocam sentimento de medo, ansiedade, preocupação, admiração, curiosidade e, ao mesmo tempo, esperança. Esse livro é o livro de Apocalipse de João, o último livro da Bíblia. Este livro é o nosso objeto de estudo.

O livro de Apocalipse é um livro da Bíblia Sagrada, sendo o último livro desta, e encontra-se na parte da Bíblia denominada como Novo Testamento. Contém vinte e dois capítulos, subdivididos em versículos. Foi escrito pelo Apóstolo João no ano de 95 d.C, e foi destinada, primeiramente, as sete igrejas que se encontravam em sete cidades importantes da Ásia Menor. Seu conteúdo trata de palavras de consolo e exortação às igrejas, em face à perseguição religiosa que estavam sofrendo por parte do Império e de alguns judeus. Estas palavras à igreja variam entre cartas de cunho pastoral (sete cartas dentro do livro) e conteúdo mais amplo, descritos a partir de metáforas e figuras, extraídas em sua maior parte do Antigo Testamento. Sua simbologia é lúdica e ilustrativa e, por vezes, impactante, que prende a atenção do leitor, especialmente por se tratar de temas relacionados ao “fim do mundo”, ou, “fim dos tempos”. O livro é dividido em duas partes principais, como afirma Kistemaker,

O Apocalipse consiste de duas partes: os capítulos 1–11 retratam a igreja perseguida pelo mundo; os capítulos 12–22 retratam o ataque de Satanás contra Cristo e a igreja. A primeira parte descreve o conflito entre os crentes e os ímpios na terra; a segunda parte ilustra a intensidade desse conflito entre Satanás e Cristo com sua igreja. O dragão, as bestas e a prostituta atacam a igreja (cap. 12–20), mas João apresenta sua derrota em ordem inversa: a prostituta, as bestas e o dragão. No fim, todos esses inimigos são destruídos. (KISTEMAKER, 2004, p. 94).

O livro de Apocalipse tem esse nome devido à origem de seu conteúdo, de acordo com o próprio autor. Apocalipse refere-se a uma revelação que João afirma ter recebido do próprio Jesus Cristo. No primeiro versículo do capítulo primeiro está escrito da seguinte forma: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.” (Ap. 1. 1). Segundo Kistemaker:

então, o livro passou a ser chamado Revelação de Jesus, como descrito nos primeiros versículos do livro. Apocalipse é, portanto, uma tradução da palavra grega (do grego Koiné, falado nos dias de Cristo) correspondente ao termo revelação.” (Kistemaker, 2004, p. 13)

O significado da palavra grega Apocalipse, como afirma Kistamaker, é “aquilo que está sendo descoberto.” (KISTEMAKER, idem). Seu objetivo é revelar o futuro da igreja, e, por conseguinte, o futuro da humanidade. Não de um futuro qualquer,

mas especificamente de um futuro cataclísmico resultante do juízo de um Deus irado, seguido do resgate glorioso de seus seguidores oprimidos.

O autor do livro é, ao que tudo indica, o Apóstolo João, um dos discípulos de Jesus. Pohl, argumentando sobre a autoria do livro, comenta que os intérpretes “não tiveram nenhuma dúvida de que se trata do Apóstolo João, o ‘velho’, um dos Doze, o filho de Zebedeu.” (POHL, 2001, p. 29).

João se coloca como porta-voz de Deus à igreja da Ásia Menor, como ele mesmo o atesta: “João às sete igrejas que se encontram na Ásia.” (Ap. 1. 4). Ser representante de Deus à igreja, ou ao mundo, faz parte da representação profética dos atributos apostólicos.

João escreveu Apocalipse quando estava preso na ilha de Patmos, possivelmente durante do governo do imperador romano Domiciano. No versículo nove, do primeiro capítulo, João escreve: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus.” (Ap. 1. 9). Esta prisão do Apóstolo João na ilha de Patmos foi resultado da perseguição religiosa vinda tanto do império romano, como de alguns judeus, como atesta o texto citado, em que João se refere aos demais cristãos como companheiros na tribulação.

O livro de Apocalipse é o único livro da Bíblia a deixar claro o local de origem de sua redação. O local foi a ilha de Patmos, uma ilha de características vulcânicas, próximo à Mileto e Éfeso. Kistemaker a descreve nas seguintes palavras:

O Apocalipse é o único livro do Novo Testamento que declara o lugar onde foi composto: na ilha de Patmos. Esta ilha está localizada umas quarenta milhas a sudoeste de Mileto (At. 20. 15) a qual servia de porto para Éfeso. Ela mede dez milhas de norte a sul e seis de leste a oeste, e consiste de montes que sobem oitocentos pés para cima do nível do mar. Patmos é uma ilha rochosa e vulcânica, para qual o governo romano, no primeiro e segundo século, bania os exilados. (KISTEMAKER, 2004, p. 126).

A partir da indicação da localização de origem, presume-se o contexto histórico em que estava inserido o livro de Apocalipse. E este contexto, como vimos, foi um contexto intenso e conturbado, em face dos constantes levantes do império romano.

Já podemos depreender que, a partir da narrativa, João pretende demonstrar que existe um destinador e destinatário transcendente³. Esse processo é demonstrado por João no primeiro capítulo de Apocalipse, em que João afirma que o livro de Apocalipse é uma “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer, e que ele, enviando por intermédio de seu anjo, notificou ao seu servo João.” (v. 1). Diz ainda: “João, às sete igrejas que se encontram na Ásia...” (v. 4).

De acordo com Apocalipse capítulo primeiro, versículo primeiro e quarto, percebemos um processo de transmissão de conteúdo, no qual se diz que o Livro de Apocalipse é uma espécie de carta (v. 4), e que esta carta tem um arquienviador e destinatário, que é Deus, bem como um destinatário final, as sete igrejas da Ásia Menor. Todavia, no decurso do processo de transmissão e entrega desta carta, há destinatários intermediários, que são: Jesus, “Revelação de Jesus que deu lhe deu para mostrar” (v. 1); depois o “seu anjo” (v. 1), e, finalmente, “notificou a seu servo João” (v. 1). Dessa forma, Jesus, seu anjo e João são, na verdade, mediadores da enunciação, ou seja, são narradores, e Deus é o Arquienviador e Arquidestinatário.

João escreveu Apocalipse no período do governo do imperador Domiciano, em torno de 95 d.C, como assevera Kistemaker, “Se presumimos que João escreveu sua obra já quase no final do reinado de Domiciano, em 95, nossa dedução é que ele já era bem idoso.” (KISTEMAKER, 2004, p. 37). Isto reforça que neste período a Igreja estava, ao que tudo indica, enfrentando uma grande perseguição. Pohl afirma que,

Domiciano entendeu o cristianismo como um movimento próprio de alcance mundial, cuja importância superava o judaísmo. Considerou-o como um movimento contra a razão de estado, a saber, contra o culto ao imperador. Em decorrência, deu início à investida geral do Estado romano contra o cristianismo (POHL, 2001. p. 25).

Foi nesse ambiente de grande tensão que João escreveu Apocalipse. Uma das possíveis causas para essa perseguição severa era a resistência dos cristãos

³ Vale ressaltar que, a despeito do enunciador transcendente, fica evidente pelo teor da narrativa que João é o narrador do livro, bem como seu destinatário. No capítulo primeiro versículo quarto de Apocalipse: “João, às sete igrejas que se encontram na Ásia [...]”. A importância identificarmos o narrador é fundamental para o intérprete, pois, como afirma Greidanus, citando Bar-Efrat, “Junto com os personagens e os eventos (enredo), o narrador é ‘uma parte integrante da narrativa, um de seus componentes estruturais – e até mesmo o mais importante’, escreve Bar-Efrat.” (GREIDANUS, 2006, p. 248).

em obedecer a ordem de prestar culto ao Império e ao Imperador. Kistemaker elucida esta situação ao afirmar que,

Para os romanos, o Cristianismo se tornara uma religião exclusivista que não tolerava nenhum compromisso, pois seus seguidores falavam do reino de Deus no qual Jesus governava como rei. Em virtude de sua adesão à fé cristã, os cristãos como uma classe que tinham que suportar perseguição nas mãos dos oficiais romanos que eram designados a reforçar a religião do estado em cada cidade ou vila. Esses oficiais tinham autoridade de punir as pessoas que se recusassem a honrar a César, executando-os ou os exilando-os. (KISTEMAKAR, 2004, p. 57).

Assim, quanto às circunstâncias que a igreja vivenciava neste período, ressaltamos que o contexto que motivou João a escrever este livro foram as opressões ocasionadas pelo império romano.

As perseguições sofridas pela igreja não vinham apenas do Império Romano, mas também por parte dos judeus da época, como fica evidente nos seguintes textos:

Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás. Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei. (Ap. 2. 9-10; 3. 9).

As perseguições à igreja cristã provocadas por judeus radicais no primeiro século eram muito comuns, desde o início da igreja. A resposta que os líderes cristãos davam aos levantes desses judeus era não reconhecê-los como Judeus de fato, como fica evidente no texto de Apocalipse supracitado, no qual se diz que, apesar desses adversários se declararem judeus, não o são de fato, pois estavam se levantando contra seus irmãos judeus, tão somente por terem aderido ao cristianismo.⁴

Como a maioria dos cristãos do primeiro século eram judeus convertidos, eles desfrutavam da mesma proteção que o Estado dava aos demais judeus, como, por

⁴ No Evangelho de João capítulo oito, há uma longa discussão entre Jesus e alguns judeus de uma seita chamada de Fariseus. Neste diálogo estes judeus defendem o direito de serem verdadeiramente Judeus, inclusive descendentes de Abraão, enquanto Jesus responde dizendo que se fossem filhos de Abraão não intentariam matá-lo. Então Jesus conclui chamando-os de filhos do Diabo. A partir daí a Teologia Cristã passou a dividir os Judeus em duas categoriais, os Judeus por etnia e os judeus de coração, que são os que aderem ao Cristianismo, conforme atesta o Apóstolo Paulo em sua Carta à Igreja de Roma, em seu segundo capítulo, versículo vinte e nove: “Mas quem é Judeu é quem o é interiormente”.

exemplo, a liberdade religiosa. Segundo Noll, citando Frensdorff: “Todo cristianismo nesse estágio [no período apostólico] era um ‘cristianismo judaico’.” (NOLL, 2000, p. 29). Neste período os judeus usufruíam de certa paz diante do Estado, e, inicialmente também os cristãos, pois para o Estado estes eram judeus pertencente a uma pequena seita judaica. Cairns afirma sobre a igreja neste período que: “Enquanto era vista pelas autoridades como parte do judaísmo, que era uma *religio licita*, isto é, uma seita legal, a igreja sofreu pouco. Mas logo que foi distinguido do judaísmo como seita separada e pôde ser classificado como sociedade secreta, o cristianismo recebeu a interdição do estado romano que não admitia nenhum rival à obediência por parte dos súditos. Tornou-se, então, uma *religio ilícita*, uma religião ilegal, considerada uma ameaça à segurança do estado romano.” (CAIRNS, 1988, p. 70). Quando esses judeus se converteram ao cristianismo, esse fato desagradou os judeus mais radicais, os quais deram início à perseguição intensa aos cristãos. Nesse sentido, Kistemaker argumenta que,

[...] os judeus passaram a figurar entre os primeiros a acusar os cristãos aos romanos; diziam que os cristãos honravam como Senhor a Jesus, e não a César. Consequentemente, os cristãos não mais desfrutaram de proteção civil, mas foram caluniados, perseguidos e com frequência assassinados. (KISTEMAKER, 2004. p. 168).

O império romano e judeus radicais eram os maiores adversários da igreja primitiva. Essa perseguição parece ter provocado um estado de desânimo na fé, na esperança, nas convicções doutrinárias e até na moralidade de muitos cristãos, razões pelas quais João escreve as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor. O destinador, como veremos mais a frente, tentará provocar uma mudança nesse estado de desânimo e enfraquecimento da igreja primitiva, visando a um estado de esperança e fidelidade.

O que nos ajuda ainda a perceber as circunstâncias históricas, são as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor, relatadas nos capítulos dois e três do livro. Kistemaker afirma que “o conteúdo dessas cartas revela seu cenário e reflete o tempo em que foram compostas.” (KISTEMAKER, 2004, p. 54).

Como mencionamos acima, podemos inferir, que no ano de 95 d.C. a igreja cristã da Ásia Menor estava sofrendo uma série de provações, desde perseguições políticas pelo império romano, como se evidencia na prisão de João, como frequentes incursões dos judeus contra as igrejas, o que explica o teor das sete

cartas. Além disso, muitas igrejas estavam se desviando do cristianismo original, tanto moral como intelectualmente. Os Capítulos dois e três (onde estão descritas as sete cartas às igrejas) deixam fortes pistas quanto a este desvio, pois descreve as lutas e tribulações sofridas pelas sete igrejas, como podemos perceber nos trechos das cartas às sete igrejas:

Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. (Ap. 2. 2, 3); Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás. Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. (Ap. 2. 9, 10); Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. (Ap. 2. 13).

Como podemos perceber no texto acima, o autor faz referências às situações de perseguições, como: “Não podes suportar a homens maus; suportastes *provas* por causa de meu nome; conheço a tua *tribulação*. Não temas as coisas que tens de *sofrer*. Eis que serão postos em *prisão*.” (grifos nossos).

Ressaltamos ainda, que os destinatários de Apocalipse não eram apenas as sete igrejas da Ásia Menor. Além de destinar seu livro às Sete Igrejas da Ásia Menor do primeiro Século, podemos afirmar que João objetivava direcionar seu livro a todas as igrejas cristãs de todos os lugares e tempos, como demonstraremos a seguir no terceiro capítulo da tese.

O Apocalipse de João é subdividido em vinte e dois capítulos⁵. Sua leitura é considerada difícil e complexa porque o discurso é construído por meio de muitas figuras. A riqueza de figuras em Apocalipse lhe traz uma aparência ficcional. Parnier afirma que:

⁵ É necessário ressaltarmos aqui a peculiaridade da Bíblia Sagrada como coletânea de livros, para compreendermos como se dá a estrutura do livro de Apocalipse. A Bíblia não está subdividida originalmente em números de páginas. Na verdade, quando a Bíblia foi escrita não havia nem mesmo capítulos e versículos. A divisão por capítulos foi feita no século XIII pelo teólogo Stephen Langhton, enquanto Bispo de Canterbury na Inglaterra, e professor da universidade de Paris. Já a divisão do Antigo Testamento em versículos foi feita pelos judeus estudiosos da Torá, chamados massoretas, entre os séculos IX e X. A divisão do Novo Testamento em versículos foi feita pelo impressor francês Robert d’Étienne em 1551, quando morava em Gênova, na Itália. (GEISLER e NIX, 1997. p. 9).

A figura nos introduz no domínio da ficção, e é necessário que não entendemos esse termo no sentido pejorativo. Se há figura e ficção na história evangélica, isso significa duas coisas: por um lado, uma distância, um “descomprometimento”, em relação às coisas do mundo e, por outro lado, uma entrada na ordem da linguagem, na ordem discursiva do significado. (PANIER, 1985, p. 296).

Nesse sentido também Pohl afirma que “os leitores e exegetas se sentem incapazes diante da plenitude quase indecifrável de figuras do Apocalipse.” (POHL, 2001. p. 45). O hermenêuta Vilker afirma que “no século vinte, os estudiosos da Bíblia têm passado considerável tempo investigando um gênero particular chamado ‘apocalíptico’.” (VILKER, 2002, p. 147). Este esforça em entender essa literatura dar-se pelo teor figurativo de Apocalipse.

Entretanto, essa dificuldade não impede que seus leitores se sintam instigados por sua leitura. Como afirma Pate, ao tratar sobre o livro de Apocalipse: “Quem ainda não foi cativado pelo poder de seu drama e a pungência de sua mensagem?” (PATE, 2003, p. 7). Pohl destaca que “o Apocalipse constitui um único escrito ardente e contagiante, ao qual os primeiros destinatários deveriam expor-se num consistente serviço a Deus.” (POHL, 2001. p. 13). Por isso, este livro tem impactado gerações, não só no campo religioso, mas também entre não adeptos do cristianismo, e uma das razões é o misto de figuras e ilustrações sobre o fim dos tempos que está presente no imaginário das sociedades contemporâneas, por vezes fruto de propagação da mensagem de Apocalipse.

Devido ao uso frequente de figuras com teor cataclísmico o livro de Apocalipse é frequentemente retratado em filmes, novelas, animações, livros e outros recursos culturais e artístico⁶. Além de despertar a curiosidade do senso comum, incita o debate acadêmico, especialmente no campo hermenêutico. Kistemaker assevera que “para muitos leitores, Apocalipse não é revelação, mas, antes, um mistério profético que excede ao entendimento humano.” (KISTEMAKER, 2004, p. 13). Mesmo em face a toda essa polêmica cultural e teórica, o livro de Apocalipse é um texto, e como tal pode ser analisado não só sob o olhar literário e cultural, mas enquanto discurso. Para o semiótico, todo texto tem um contexto e um modus operandi que formam o discurso. É com base nesta premissa que abordaremos o livro de Apocalipse.

⁶ Sendo o acervo literário, cinematográfico, artístico que retrata os temas de Apocalipse tão vasto, optamos por não dedicarmos um espaço aqui para o exemplificarmos.

Os estudos no livro de Apocalipse vêm sendo desenvolvidos sob a ótica literária. Além disso, o foco nas questões históricas e sociais são alguns dos pontos desenvolvidos nos estudos desse livro nos últimos anos. Carson discorre sobre os novos rumos dos estudos em Apocalipse da seguinte forma:

Os estudos sobre Apocalipse, em consonância com os estudos sobre o Novo Testamento em geral, deixaram de lado a preocupação com fontes e contexto histórico e passaram a se interessar pelo produto literário final e seu contexto. Tem-se dado atenção ao gênero de Apocalipse e ao seu gênero das cartas às setes igrejas e também à estrutura e às técnicas literárias do livro. Também tem-se investigado o contexto sócio-teológico em meio ao qual surgiu o livro (CARSON, 1997. p. 573).

As análises sobre o livro de Apocalipse têm se enveredado, assim, para os estudos literários do livro, com alguma abordagem voltada para o contexto histórico. Em face às questões literárias e discursivas, não podemos perder de vista o aspecto transcendente do livro de Apocalipse, o que é um traço da literatura religiosa. Diversos campos de estudos interpretativos foram sendo desenvolvidos ao longo dos anos em torno do livro de Apocalipse, especialmente correntes de interpretação no campo da Teologia, como veremos detalhadamente no primeiro capítulo desta tese.

Todavia, escolhemos analisar o livro de Apocalipse sob um olhar de uma linha de estudos, que pouco foi utilizada em relação à análise sobre esse livro. Referimo-nos aos estudos da Semiótica⁷ Discursiva, que tem como um dos principais proponentes o linguista Algirdas Julien Greimas. A Semiótica Discursiva é “[...] a teoria que procura explicar o texto ou os sentidos do texto pelo exame, em primeiro lugar, de seu plano de conteúdo.” (BARROS, 2005. p. 13). É o que pretendemos fazer neste trabalho, analisar o texto de Apocalipse sob um olhar semiótico.

Inicialmente Greimas denominava a Semiótica Discursiva como Semântica Estrutural. Era, em seu início, fundamentada nos estudos da relação entre expressão e conteúdo de Saussure e Hjelmslev, que pressupunha a existência de uma mútua dependência entre o plano do conteúdo e plano da expressão.

Um dos mais conhecidos e importantes estudos desenvolvidos por Greimas é o que ele chama de Percurso Gerativo de Sentido. Fiorin resume bem o significado do Percurso Gerativo de Sentido. Em suas palavras, o Percurso Gerativo de Sentido é “uma sucessão de patamares, cada um dos quais susceptível de receber uma

⁷ O termo Semiótica aqui, usaremos sempre como referência à Semiótica Discursiva de linha Francesa, ou, greimasiana.

descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido.” (FIORIN, 2002, p. 17). Fiorin afirma ainda que o Percurso Gerativo de Sentido é “um simulacro metodológico para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo”. (FIORIN, 2002, p. 17). Este Percurso tem em si três níveis: o nível fundamental, o nível narrativo e, finalmente o nível discursivo.

Não podemos negligenciar a contribuição dada pela Bíblia no desenvolvimento da teoria semiótica de Greimas, mesmo que uma contribuição incipiente. Panier argumenta que,

Nos primórdios da semiótica bíblica, as proposições greimasianas da gramática narrativa foram implementadas amplamente. A vasta diversidade de narrativas contidas concedeu um preferencial terreno para por à prova a teoria semiótica de Greimas. (PARNIER, 2008, p. 5. Tradução nossa)⁸.

Entendemos que a relação entre a Semiótica Discursiva e os estudos bíblicos não são divergentes entre si, antes, ao contrário, desfrutam de mútua contribuição. Diante disso, compreendemos que uma análise do livro de Apocalipse sob o olhar da Semiótica Greimasiana poderá contribuir para o avanço de ambos os campos de estudos.

A Semiótica francesa iniciou os estudos em textos bíblicos em torno do ano de 1970 (PÈNICAUD, 2001). A relação entre a semiótica e os estudos bíblicos não nasceu como outras áreas teóricas, como através de livros e artigos. Nasceu de uma série de conferências e seminário, onde os exegetas ouviam Greimas, despertando assim nos teóricos da exegese bíblica um interesse pela semiótica. Conforme Cardoso: “No grupo de estudos formado por Greimas, encontravam-se pesquisados do discurso religioso como Louis Parnier, Jean Delorme, Jean-Claude Giroud, Jean Callo e outros.” (CARDOSO, 2017, p. 22). Thériaut também salienta:

Surgiu então um problema nas questões históricas nos estudos bíblicos, e uma necessidade de uma reflexão fundamental sobre a exegese e seus métodos no contexto do desenvolvimento dos estudos literários e das ciências da linguagem. Contudo, não foi a publicação do livro em si que estabeleceu a encontro de disciplinas. Como início da relação entre semiótica e estudos bíblicos, devemos lembrar a importância de uma sessão de três dias em Seminário Maior de Versalhes em setembro de 1968: cerca de trinta especialistas da Bíblia se reuniram em torno de A.J. Greimas, recebido como semanticista provavelmente pelo interesse dos

⁸ “Dans les débuts de la sémiotique biblique, les propositions greimasianes de grammaire narrative ont été largement mises en oeuvre. L’immense variété des modes narratifs dans la Bible fournissait un terrain de choix pour éprouver les hypothèses de la grammaire narrative”.

exegetas. A Apresentação de alguns membros do seminário de Greimas sobre textos bíblicos surpreendeu os exegetas com sua maneira de abordar o texto “de tal forma que em si ele é lido na materialidade de sua escrita”. O embate entre uma teoria e um procedimento de análise que ignorou a dimensão histórica e as condições antigas na produção do texto rompeu concepções bem estabelecidas de pesquisa bíblica. Outras reuniões aconteceram e muitos estudiosos da Bíblia foram assim tomando consciência desta nova abordagem crítica a textos que ainda eram chamados "Análise estrutural". (Tradução nossa) (THÉRIAUT, 2006, p. 67).⁹

A semiótica desenvolveu estudos de textos bíblicos sob diversas perspectivas, como uma teoria do sentido, uma reflexão sobre a linguagem, um modelo de análise textual, etc. Pénicaud comenta:

Podemos assim dizer que, desde a sua origem, a semiótica bíblica não foi apenas uma teoria do sentido, nem uma reflexão sobre a linguagem, nem um modelo de análise textual - e muito menos um método de leitura - nem um dos caminhos abertos para a exploração do texto bíblico, nem finalmente o lugar de uma elaboração teológica... Desenvolvendo-se simultaneamente nestas diversas linhas, foi, é tudo isto ao mesmo tempo (tradução nossa). (PÉNICAUD, 2001, p. 389-390).¹⁰

Greimas utilizava com certa frequência o discurso religioso, composto, por vezes, por análises de textos bíblicos. Segundo Cardoso,

Greimas, propositor e principal articulador da Semiótica, tinha o discurso religioso como constante referência em seus escritos. Em suas obras, veem-se por toda parte, menções ao discurso mítico e ao discurso religioso

⁹ Se manifestait alors une crise des problématiques historiques dans les études bibliques. Se faisait sentir le besoin d'une réflexion fondamentale sur l'exégèse et ses méthodes dans le contexte du développement des études littéraires et des sciences du langage. Ce n'est cependant pas la parution elle-même du livre qui a instauré la rencontre des disciplines. Comme amorce des rapports entre la sémiotique et les études bibliques, on doit rappeler l'importance d'une session de trois jours au Grand Séminaire de Versailles en septembre 1968: une trentaine de spécialistes. de la Bible s'étaient réunis autour d'A.J. Greimas, reçu en tant que sémanticien susceptible d'intéresser les exégètes. Les exposés de quelques membres du séminaire de Greimas sur les textes bibliques étonnèrent les exégètes par leur manière d'aborder le texte «tel qu'en lui-même il se donne à lire dans la matérialité de son écriture» 1. Le choc d'une théorie et d'une procédure d'analyse qui faisaient abstraction de la dimension historique et des conditions anciennes de production du texte bousculait des conceptions bien ancrées de la recherche biblique. D'autres rencontres eurent lieu² et de nombreux biblistes furent ainsi sensibilisés à cette nouvelle approche critique des textes qu'on appelait encore «analyse structurale». (Francês, França).

¹⁰ On peut ainsi dire que, dès son origine, la sémiotique biblique n'a été uniquement ni une théorie de la signification, ni une réflexion sur le langage, ni un modèle d'analyse textuelle - et moins encore une méthode de lecture - ni non plus l'une des voies ouvertes pour l'exploration du texte biblique, ni enfin le lieu d'une élaboration théologique... Se développant simultanément sur ces diverses lignes, elle a été, elle est tout cela à la fois. (Francês, França).

e suas práticas. Ele fez uso desses discursos tanto para análise e exemplificação como para referência teórica.” (CARDOSO, 2017, p. 25).

O fato de a Semiótica desenvolver estudos teóricos de textos bíblicos sob diversas perspectivas promove um cenário propício para explorarmos novos horizontes dos estudos semióticos da Bíblia, como o estudo do discurso de Apocalipse de João.

Dentre as linhas de estudos da Bíblia Sagrada destaca-se a linha de interpretação histórico-gramatical, utilizada especialmente por teólogos reformados. A hermenêutica reformada busca alcançar o sentido do texto através do estudo de seu contexto histórico, e nesse sentido, o pesquisador estuda o contexto literário, cultural, histórico e gramatical em torno do texto. Já a Semiótica Discursiva estuda textos bíblicos a partir da perspectiva da enunciação. Panier (PANIER, 2008. p. 9), por exemplo, argumenta que “a abordagem semiótica para a Bíblia, em seus avanços mais recentes norteia-se, portanto, rumo a uma semiótica da enunciação.”¹¹ (Tradução nossa). Assim, buscaremos entender o sentido do texto enunciado de Apocalipse, bem como os efeitos de sentidos produzidos nele e a partir dele.

A Bíblia como um amplo campo de estudo, e o livro de Apocalipse como um livro cativante, tanto para o senso comum como para os estudos acadêmicos, revelam-se como uma oportunidade de avanço nos estudos bíblicos à luz da semiótica. Em especial o livro de Apocalipse é um caminho oportuno para o semioticista, devido à sua natureza discursiva e figurativa, sem deixar de ter também um teor narrativo. Panier reforça esta premissa quando afirma:

O Apocalipse é um livro difícil de dominar no nível narrativo; não podemos resumir como uma história centrada em torno de uma performance principal na declaração, e articulada por um sistema de valores e objetos. A nível discursivo, é difícil “estabilizar” isotopias figurativo, daí a tentação dos intérpretes de fazerem uma leitura alegórica (ou simbólica) figuras tomadas individualmente, ou tomá-las como uma linguagem codificada que expressa de forma “figurativa” os acontecimentos reais da situação histórica da redação. Sem falar relações complexas entre as figuras do narrador-visionário e a possível posição de o autor. Portanto, um campo de escolha para o semioticista... Não podemos confiar no mundo possível da ficção narrativa, nem no mundo realidade da situação editorial. Resta, portanto,

¹¹ “L’approche sémiotique de la Bible, dans ses développements les plus récents s’oriente donc vers une sémiotique de l’énonciation.”. Francês (França).

“ler” e construir coerência semântica do texto e refletir sobre as condições pressupostas por esta coerência. (PARNIER, 2007, p. 2. Tradução nossa).¹²

Parnier contempla como caminho possível para o semiótico a construção de uma coerência semântica do texto, e por conseguinte, refletir sobre os pressupostos resultantes dessa coerência. Apesar dos evidentes desafios para o hermenêuta e para o semiótico, estudar o livro de Apocalipse à luz da semiótica discursiva revela-se como um percurso promissor no estudo da Bíblia e da Semiótica.

O livro de Apocalipse narra a batalha entre um sujeito e um anti-sujeito cósmicos, Deus e o Diabo, ambos com seus exércitos; o Diabo com seus anjos caídos e seus seguidores; e Deus também com seus seguidores e seus anjos. Tudo isso é narrado a partir de uma batalha cósmica, e que por conseguinte revela-se um discurso transcendente. Fiorin esclarece sobre o aspecto transcendente da Bíblia, ao afirmar que o discurso religioso “[...] é proferido por uma instância transcendente” (FIORIN, 2013, p. 25).

Podemos afirmar que o Apocalipse tem um teor profético, ou seja, ele apresenta o relato de eventos apocalípticos vislumbrados por João em uma visão, que ele descreve e em seguida as encaminha às sete igrejas da Ásia Menor.

O Primeiro Capítulo de Apocalipse traz algumas questões introdutórias, a partir de métodos comuns às cartas do Primeiro Século¹³. Neste capítulo, João relata quem enviou o livro, quem o escreveu, a quem escreveu e porque o escreveu. João descreve a si mesmo como remetente e as sete igrejas da Ásia Menor do Primeiro Século como destinatário. Através de evidências internas (intra-texto) e evidências externas (Documentos históricos), segundo estudos já consolidados no campo filológico, conclui-se que João foi motivado a consolar aquelas igrejas com uma

¹² L'apocalypse est un livre difficile à maîtriser au plan narratif ; on ne peut le résumer comme un récit centré autour d'une performance principale dans l'énoncé, et articulé par un système de valeur et d'objets. Au plan discursif, il est difficile de « stabiliser » des isotopies figuratives, d'où la tentation des interprètes à faire une lecture allégorique (ou symbolique) des figures prises individuellement, ou à le prendre pour un langage codé exprimant de manière « figurée » les événements réels de la situation historique de la rédaction. Sans parler des rapports complexes entre les figures du narrateur-visionnaire et la position éventuelle de l'auteur. Donc un terrain de choix pour le sémioticien. On ne peut pas s'appuyer sur le monde possible de la fiction narrative, ni sur le monde réel de la situation de la rédaction. Il reste donc à « lire », et à construire la cohérence sémantique du texte et de réfléchir aux conditions présupposées par cette cohérence. (Francês – França).

¹³ Primeiro Século é uma referência usual na historiografia para referir-se aos cem primeiros anos depois de Cristo.

mensagem de esperança, em face às duras perseguições e pressões religiosas incitadas pelo Império Romano, sob o poder de Domiciano, então o Imperador romano no ano 95 depois de Cristo, período em que, ao que tudo indica, o livro foi escrito.

Os capítulos dois e três contém as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor. Estas cartas são introduzidas por uma visão que João tem de Jesus, manifestado em característica de um majestoso rei. Em seguida, na introdução de cada carta, há uma referência ao aspecto majestoso de Cristo. Em seguida, vem o teor das cartas, contendo um prefácio, um elogio, o relato de um problema, uma crítica, uma exortação e finalmente uma promessa.

Nos capítulos cinco e seis, João descreve uma sua visão de Deus sentado em um trono, como que conduzindo a história. Isto para introduzir a visão dos sete selos relatados nos capítulos seis a nove. O texto relata que apenas Jesus pode abrir os selos. Em seguida abre-se o conteúdo deles, que contém relatos de catástrofes.

No capítulo dez, João relata acerca do poder de influência da mensagem apregoada pela igreja. Ele o faz ilustrando-a como árvore frutífera e com caráter profético, o que por conseguinte provoca as perseguições.

João descreve, nos capítulos onze a treze todo o sofrimento que a igreja estava sofrendo e ainda iria sofrer, devido a perseguição religiosa. Ele usa para isso a figura do tempo, no capítulo onze; em seguida, no capítulo doze a metáfora de uma mulher sendo perseguida por um dragão, e, finalmente, no capítulo treze o pano de fundo político dessas perseguições, ilustrando-a através da descrição da figura de duas bestas, e o relato do número de uma dessas bestas, o número 666, o qual passou a ser referência de catástrofes apocalípticas no ocidente.

Nos capítulos quatorze a dezoito João descreve o lado moral dessa perseguição religiosa. Para isto ele usa o império babilônio e uma grande meretriz (que contrasta com a bela mulher do capítulo treze) para exemplificar isto.

No capítulo vinte, há uma descrição do juízo final, precedido por um grande sofrimento à igreja. Em seguida, João conclui o livro com o capítulo vinte e um e vinte e dois, descrevendo a vida pós-morte, como sendo uma vida de paz eterna. Este é um breve resumo descritivo acerca do objeto de estudo, o livro de Apocalipse. Mais detalhes serão trabalhados no primeiro capítulo da tese.

O livro de Apocalipse de João já recebeu diversas traduções e versões, em vários idiomas. Usaremos como base a tradução de João Ferreira de Almeida, em sua versão revista e atualizada.¹⁴ Destacamos ainda que não há dificuldade para o semioticista a utilização de um texto que seja já fruto de uma tradução. Entendemos que nenhuma tradução capta de forma precisa todo o sentido dos originais. No entanto, a despeito disto, faz-se necessário acolhermos uma tradução e versão, como fio condutor de nossa análise. Em face a toda essa problemática, não podemos nos eximir de aspectos subjetivos na escolha da versão que iremos usar. Mas para o semioticista, essas dificuldades não se constituem obstáculo. Aqui, ecoamos as palavras de Chabrol, ao defender o uso da versão francesa da Bíblia em suas análises, a despeito do texto bíblico original. Chabrol afirma:

[...] É bem verdade que a tradução, por melhor que seja, sempre introduz mudanças que podem, às vezes, afetar a estruturas semântica ou narrativa. Além disso, ela não pode dar mais do que uma vaga ideia do jogo estilístico dos significantes originais, das metáforas, elipses, duplo sentidos, próprios da movimentação de um texto em sua língua de origem. Entretanto, na medida em que o semioticista se pretende isentar de qualquer 'fetichismo' do texto Primeiro, Original, ou Princeps, ele não verá nenhum inconveniente em considerar o estudo do texto francês da Bíblia como devendo ser conduzido por si próprio (CHABROL, 1980, p. 7).

Geisler e Nix comentando sobre a tradução de João Ferreira, afirma que “Coube a João Ferreira de Almeida a grandiosa tarefa de traduzir pela primeira vez para o português o Antigo e o Novo Testamento.” (GEISLER e NIX, 1997. p. 249). Ele disserta ainda da seguinte forma,

¹⁴ Optamos por usar como texto base a Edição Revista e Atualizada de João Ferreira de Almeida devido ao impacto que promoveu na cultura e história do Brasil. Segundo Santos, “A primorosa obra de João Ferreira de Almeida, feita num estilo clássico, de português castiço e rico vocabulário, no melhor esforço de equivalência formal do texto, foi a primeira de muitas outras traduções que se seguiram, mas ainda permanece como a principal tradução da Bíblia Sagrada para a língua portuguesa e um dos grandes patrimônios da língua portuguesa para a fé cristã.” (SANTOS, Ministério Fiel, 2023). A tradução de Almeida já representa 60% das Bíblias entre os evangélicos, de acordo com o site da própria publicação da Sociedade Bíblica do Brasil. A edição que estamos utilizando, a Revista e Atualizada, Publicada em 1956, é resultado de mais de uma década de revisões e atualizações teológica e linguística, segundo a SBB. Foi desenvolvida a partir da descoberta de manuscritos bíblicos mais antigos e sua última revisão foi elaborada em 1993. Segundo o site da Sociedade Bíblia Brasileira, “A tradução do Antigo Testamento foi completada em 1694 por Jacobus op den Akker, pastor holandês, colega de Almeida. O texto do Antigo Testamento completo só viria a ser impresso em 1751. A Bíblia completa em um único volume só foi publicada em 1819. A edição de 1898, feita na Europa, viria a ser conhecida como “Revista e Corrigida”. Em meados do século XX, no Brasil, o texto de Almeida foi revisto e atualizado e essa edição é conhecida como “Revista e Atualizada”. (Sociedade Bíblica do Brasil). Ainda, Malzoni argumenta que “esta é a Bíblia utilizada pela grande maioria dos fiéis das igrejas reformadas e evangélicas.” (MALZONI, 2010, p. 116).

[...] é razoável que se pergunte se a Bíblia em português, de que dispomos hoje, no final do século XX, constitui a reprodução exata dos textos hebraicos e gregos.” (GEISLER e NIX, 1997. p. 121). Todavia, a despeito do hiato entre a era contemporânea e a época dos autores bíblicos, podemos ter alguma segurança sobre a proximidade das cópias aos originais. Geisler e Nix argumentam que “além dos três mil manuscritos gregos, existem ainda cerca de dois mil manuscritos de lecionários que apoiam o texto do Novo Testamento. Além do apoio literário de documentos não-bíblicos que se encontram nos papiros, há numerosos documentos sob a forma de óstracos e de transcrições com citações bíblicas. Bastariam as citações bíblicas feitas pelos pais primitivos da igreja para que praticamente todo o Novo Testamento estivesse preservado. Afora todas estas testemunhas, existem inúmeras alusões e citações dos séculos II e III, encravadas nos livros apócrifos, as quais dão testemunho direto da existência da maioria dos 27 livros do Novo Testamento. No todo, temos aqui um testemunho altamente significativo do texto bíblico. (GEISLER e NIX, 1997. p. 154).

O objetivo desta pesquisa é analisar o livro de Apocalipse a partir da Semiótica Discursiva. Tentaremos identificar quais estratégias narrativas e discursivas utilizadas pelo Apóstolo João na produção de seu livro. Pretendemos assim utilizar a semiótica discursiva como referencial analítico para um estudo de Apocalipse de João, para compreender como o texto diz o que diz, e como isto produz um efeito de sentido aos destinatários. Ainda buscaremos encontrar os possíveis impactos epistêmicos e éticos produzidos por este sentido, resultando finalmente em Sanções positivas a estes, oriundas do contrato em o Destinador transcendente, Deus, e os destinatários imediatos, “as sete igrejas da Ásia” (Ap. 1. 4), e os destinatários finais, “Seus servos” (Ap. 1. 1).

Nossa tarefa é, assim, tentar compreender as condições em que o livro de Apocalipse se torna objeto significativo para o leitor. Barros afirma que “a semiótica, como a vê Greimas, tenta determinar as condições em que um objeto se torna objeto significativo para o homem” (BARROS, 2002, p. 13). Dessa forma, pretendemos analisar as organizações narrativas e estratégias discursivas que produziram sentido, ou, objeto significativo, no livro de Apocalipse a seus destinatários.

Em face da escolha teórica sobre o livro de Apocalipse de João, estabeleceu-se a seguinte problemática: Que contribuições teóricas podemos extrair de uma análise semiótica de Apocalipse? Como podemos detalhar estas contribuições? Como estas contribuições podem repercutir no estudo de textos religiosos de teor apocalípticos? Essas são problemáticas ainda não respondidas, e que pretendemos trabalhar e explorar nesta pesquisa.

O que justifica este trabalho é a possível contribuição que a Semiótica pode trazer aos estudos de Apocalipse. Acreditamos que a estrutura metodológica da Semiótica Discursiva tem muito a acrescentar no desenvolvimento dos estudos bíblicos¹⁵. Percebemos que há inúmeros estudos no livro do Apocalipse¹⁶, a partir de diversos campos do conhecimento, mas nada ainda relacionado à Semiótica Discursiva de Greimas no Apocalipse. Esta lacuna nos estimulou e nos desafiou a fazer esta abordagem, para tentarmos produzir alguma contribuição na expansão dos estudos sêmio-discursivos na literatura bíblica.

Pretendemos organizar esta tese a partir de três capítulos, sendo o primeiro capítulo sobre as teorias e métodos de análise da Bíblia, onde demonstraremos as principais correntes exegéticas em torno do livro, bem como uma análise do livro sob um olhar da hermenêutica reformada. Aqui analisaremos as questões introdutórias do livro em si, com as circunstâncias históricas em que foi escrito. A estrutura do primeiro capítulo se dará da seguinte forma:

1. O livro de apocalipse: uma apresentação do livro e as principais linhas de interpretação.
 - 1.1. O Conteúdo do Livro.
 - 1.2. Linhas de Interpretação de Apocalipse.
 - 1.2.1. Quanto ao método.
 - 1.2.2. Quanto aos destinatários.
 - 1.2.2.1. Preterista.
 - 1.2.2.2. Historicista.
 - 1.2.2.3. Futurista.

¹⁵ Para fins de complementação, diálogo e referências nos estudos relacionados a esta tese, pesquisamos outros trabalhos já produzidos acerca da temática semiótica e estudos bíblicos, ou sobre o livro de Apocalipse. A partir de pesquisa feita nos principais bancos de dados acadêmicos brasileiros e internacionais, foram encontrados alguns trabalhos que se aproximam ao tema desta tese. Um deles é a Tese de Doutorado *Corpo e Presença da Bíblia Sagrada*, por Dario Cardoso de Araújo, a partir do Catálogo da USP. Este trabalho de Cardoso aproxima muito da proposta de nossa tese, uma vez que trata-se da relação entre Semiótica Francesa e a Bíblia Sagrada. Há uma aproximação entre nossa tese e este trabalho de Cardoso, tendo, todavia, como uma das diferenças, que nossa tese tem como corpus o Livro de Apocalipse.

¹⁶ Outro trabalho bastante interessante para a nossa pesquisa é a Tese de Doutorado, *Apocalipse Como Literatura*, de Leandro Lima, a partir do Catálogo Mackenzie. Nela, Lima analisa o livro de Apocalipse, especialmente os capítulos doze a quatorze, sob o ponto de vista literário. Além deste, há também outros trabalhos que aproximam-se da linha de estudos de nossa tese, tais como: o Artigo, *Semiótica a Serviço da Leitura Bíblica*, de Anderson de Oliveira Lima, da revista eletrônica *Darandina* e o Livro *Semiótica Narrativa dos Textos Bíblicos* de Chabrol e Marin. Pretendemos dialogar e talvez contribuir com o estudos destes trabalhos.

1.2.2.4. Idealista.

1.3. Elementos Intertextuais e Interdiscursivos de Apocalipse.

No segundo capítulo, pretendemos produzir uma abordagem sobre o nível semionarrativo do livro de Apocalipse. Descreveremos sobre os enunciados elementares do livro, bem como sobre uma análise do livro a partir do Percorso Gerativo de Sentido da Semiótica Discursiva Aplicados especialmente nas cartas às Sete Igrejas, por entender que estas cartas estão intimamente correlacionadas ao restante do livro, e pela aplicação do simulacro do Percorso Gerativo de Sentido melhor se visualizar nestas cartas. A divisão desse capítulo ficaria da seguinte forma:

2. A NARRATIVIDADE DE APOCALIPSE

2.1. O Primeiro Programa Narrativo: O Diabo como sujeito Manipulador.

2.1.2. Manipulação.

2.2. Segundo Programa Narrativo.

2.2.2. A Manipulação.

2.2.3. Competência.

2.2.4. Performance.

2.2.5. A transformação.

2.2.6. Sanção.

Buscaremos, então, fazer uma análise a partir do Nível Narrativo. Demonstraremos como o destinador manipula o destinatário, a fim de que ele passe do estado de infiel para fiel, dando-lhe competência para que haja uma transformação. Veremos como Jesus, o destinador, tenta reconquistar a fidelidade, fé e esperança de sua igreja, por meio das quatro etapas da Manipulação, quais seja, Sedução, Intimidação, Provocação e Tentação.

Trataremos também neste capítulo do Nível Fundamental da narratividade do livro de Apocalipse. Buscaremos descrever Apocalipse a partir das palavras que descrevem a semântica de oposição fundamental, para a partir daí, propor qual caminho discursivo foi percorrido, e sob quais pilares discursivos o livro se revela. O

primeiro nível do Percurso Gerativo de Sentido é o Nível Fundamental. É nesse nível que se identifica as estruturas elementares do discurso, através de palavras chaves da narrativa, que se encontram em oposição semântica. É a base nuclear da narrativa. É o que Barros chama de a “instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso” (BARROS, 2002, p. 15). Pretendemos analisar o livro de Apocalipse também a partir de suas estruturas fundamentais.

Ao final desse capítulo, pretendemos abordar o livro de Apocalipse sob a perspectiva sêmio-discursiva de contrato. Tentaremos explorar como João trabalha o aspecto contratual entre o destinador primeiro (Deus) e os destinatários. Em seguida, tentaremos verificar em que nível a perspectiva de contrato da semiótica se conflui com a perspectiva reformada de contrato.

No terceiro capítulo, abordaremos a Discursividade do livro de Apocalipse. Neste capítulo pretendemos verificar como a discursividade de Apocalipse assume as ideologias por trás da narrativa, revelando-se por vezes por meio de temas e figuras. Barros coloca da seguinte forma: “Ainda no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolve-se sob a forma e de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras” (BARROS, 2005, p. 16), e de certa forma, ideológico, e já chegando à conclusão, percebemos temáticas como a perseguição religiosa. A estrutura deste capítulo se dará da seguinte forma:

3. A DISCURSIVIDADE DE APOCALIPSE

3.1. A Figurativização em Apocalipse.

3.1.1. Padrões Numéricos.

3.1.2. O Uso de Contrastes.

3.1.3. Elementos da Natureza.

3.1.4. Elemento Somáticos.

3.1.5. As Cores.

3.1.6. A Representação do Grotesco: Criaturas.

No terceiro capítulo, então, pretendemos analisar os aspectos discursivos do livro, a partir de elementos como actorização, fuguratização, tematização, os efeitos de sentido do livro sobre seus destinatários.

Os elementos de oposição semântica é o que dá valor ao objeto do sujeito. São os objetos de valor descritivos. Eles se manifestam como valores eufóricos quando são positivos, ou disfóricos quando são negativos, como por exemplo, vida e morte, opressão e liberdade. É nesse nível que se identifica as estruturas elementares do discurso, através de palavras chaves da narrativa, que se encontram em oposição semântica. É a base nuclear da narrativa. É o que Barros chama de a “instância mais profunda, em que são determinadas as estruturas elementares do discurso” (BARROS, 2002, p. 15). Ao que nos parece, como veremos mais exhaustivamente no capítulo próprio, “vida e morte”, por exemplo, compõem a estrutura fundamental do livro de Apocalipse. São conceitos que norteiam o discurso de Apocalipse.

Os primeiros capítulos de Apocalipse, bem como as palavras que postulam o Nível Fundamental, atestam que a Igreja primitiva estava sofrendo forte perseguição do Império Romano. Aqui percebemos os bastidores políticos e religiosos do livro. Também aqui se reforça a premissa de que o livro de Apocalipse foi escrito para reanimar a igreja em face da forte pressão e opressão que estava vivendo, e isto através de promessas de uma vida melhor no futuro.

Na conclusão da tese, pretendemos trazer resultados do processo de verificação da hipótese levantada, pressupondo que o efeito de sentido de Apocalipse é a promoção da fé, esperança e ética nos destinatários, e isto através do processo de manipulação pelo Destinator. Para isso, o destinator intenta promover o fazer crer no destinatário. Greimas conceitua essa premissa da seguinte forma:

Trata-se [...] de operações factivas que consistem na montagem de simulacros que são capazes, graças ao fazer interpretativo ‘influenciado’, de colher a adesão do sujeito manipulado; em suma, são procedimentos que explicam os efeitos de sentido de ‘fazer crer’ e de ‘crer’ (GREIMAS, 2014, p. 135).

Nossa expectativa é de que este trabalho promova contribuições no campo de estudos semióticos, no que tange à sua aplicação e relação com a literaturas religiosas de narrativas apocalípticas. Sabemos, no entanto, que o caminho a ser

expandido neste sentido ainda é longo, mas dentro de nossas possibilidades, tentaremos participar, de alguma forma, no desenvolvimento destes estudos, como segue nos próximos capítulos.

1. O LIVRO DE APOCALIPSE: UMA APRESENTAÇÃO DO LIVRO E AS PRINCIPAIS LINHAS DE INTERPRETAÇÃO.

“Antes de fazer a exegese de qualquer visão (ou carta) no Apocalipse, você precisará obter uma boa compreensão das características literárias formais do livro [...]” (STUART e FEE, p. 226, 2005).

Antes de fazermos uma breve apresentação do Livro de Apocalipse, faz-se necessário trazer algumas questões introdutórias, como o propósito do autor. Por que João escreveu o livro de Apocalipse? É uma pergunta tão complexa quanto as possíveis respostas. Uma das respostas que o Apóstolo João escreveu Apocalipse com o propósito de confortar os fiéis diante das constantes lutas e perdas. João tinha também o objetivo de exortar as igrejas a permanecerem fiéis aos ensinamentos de Jesus, em face de constantes tentativas de falsos mestres que adentravam no seio das igrejas a fim de minarem a fé dos crentes. Finalmente, a intenção de João também era alimentar nos cristãos primitivos uma esperança de um mundo melhor, como defende Kistemaker: “a mensagem do Apocalipse é uma mensagem de esperança, porquanto, Cristo que já venceu o mundo, por fim vingará seus santos.” (KISTEMAKER, 2004, p. 81). Assim, o tema esperança permeia o teor do texto de Apocalipse, e torna-se então uma espécie de “fio condutor” da obra. Um olhar sobre o propósito do autor nos ajuda a perceber mais assertivamente como ele desenvolveu seu percurso narrativo, bem como delineou seu discurso.

1.1. O Conteúdo do Livro

Nosso objetivo nesta seção é esboçar um breve resumo de cada capítulo do livro de Apocalipse, a fim de trazer um panorama global do livro. É importante ressaltar que o alvo deste tópico não é fazer um exame detalhado de cada capítulo e versículo. Tampouco o objetivo é fazer aqui análises literárias, discursivas, gramaticais histórica ou cultural do livro. O trabalho pretende tratar estas questões mais adiante.

Faz-se necessário ressaltar sobre o modo como se dá o ritmo narrativo do livro de Apocalipse. Ao que nos parece, e pretendemos evidenciar esta premissa, as perícopes¹⁷ do livro são narradas sob um fluxo rítmico marcado por um prelúdio (uma introdução), um interlúdio (conteúdo principal) e um poslúdio (uma espécie de conclusão). Cada nova narrativa inicia-se com uma visão que transmite um consolo, seguido então de uma revelação catastrófica, e se encerrando com uma mensagem de esperança. Nesse sentido, os prelúdios costumam ser visões que João tem de Deus Pai, ou de Jesus, sentado em um trono controlando a história humana e a levando para um fim pacífico e feliz, como afirma Kistemaker:

O propósito para esta descrição é demonstrar que Deus é o supremo governante deste universo. Ele governa tudo, de modo que nada acontece fora de sua vontade, seja bom ou seja ruim. Ele lhes assegura que ele, e não Satanás, está no comando. (KISTAMAKER, 2004. p. 244). No centro do universo, Deus está assentado em seu trono para governar tudo quanto ele criou. Ainda que a terra está cheia de desordem e tumulto, de catástrofes naturais, de inundações e terremotos, de sofrimento humano em termos de fome e epidemias, guerras e conflitos, não obstante Deus está soberanamente no comando. Ele alimenta as aves do ar e faz lírios crescerem nos campos (Mt. 6. 26, 28, 29). Nada acontece fora de sua vontade. Se, pois, Deus cuida da sua grande criação, muito mais ele cuida de seu povo. (KISTEMAKER, 2004. p. 261).

Em seguida, o interlúdio revela o que, geralmente a Bíblia retrata como “dores de parto”¹⁸, ou seja, uma grande perseguição sem precedentes que a Igreja sofrerá, o que produzirá uma aguda expectativa do resgate operado Deus. Por fim, conclui-se sempre com um poslúdio glorioso, em que Cristo vem resgatar sua Igreja, tal qual um noivo resgata cerimonialmente sua noiva. Diante disso, podemos asseverar que esses três tempos rítmicos – prelúdio, interlúdio e poslúdio - ressaltam, da parte do destinador, uma espécie de preparação para a descrição de catástrofes, seguida com a revelação de um futuro catastrófico, e, finalmente um final que provoca esperança. As Sete micronarrativas dentro da macro narrativa do livro, atestam uma espécie de loop rítmico da narrativa.

¹⁷ Perícope refere-se a um bloco narrativo ou exortativo de um livro bíblico, em que reside um sentido completo. No que se refere às narrativas, diz respeito a uma narrativa completa. Quando um versículo começa uma nova narrativa, então ali inicia-se uma nova perícope. No que tange às exortações (como a carta a cada uma das sete igrejas), quando um versículo inicia uma nova exortação ou ensino, ali se inicia uma nova perícope.

¹⁸ Analisando o texto do Apóstolo Paulo aos Romanos em seu capítulo oitavo, onde Paulo trata sobre os gemidos da criação, dos filhos de Deus e do Espírito Santo como reflexos dos sofrimentos que jaz no mundo, Kistemaker afirma que “Os três (a criação, nós e o Espírito) gemem como uma mulher que sente as dores de parto, aguardando esperançosamente o nascimento da glória prometida.” (KISTEMAKER, 2011, p. 337).

Após uma descrição do *modus operandi* do ritmo narrativo de Apocalipse, passamos a demonstrar o conteúdo do livro, de maneira resumida, mas já com alguns apontamentos elucidativos do ponto de vista literário, a fim de clarear o entendimento acerca de algumas expressões, e termos típicos da literatura bíblica.

No primeiro capítulo de Apocalipse o autor faz uma introdução, típica das cartas e dos documentos do primeiro século, apontando o remetente, conteúdo e destinatários. No caso em voga, o primeiro capítulo relata que o remetente é Jesus, por intermédio do Apóstolo João, como afirma o versículo primeiro: “Revelação de Jesus Cristo, (...) que notificou a seu servo João.” (v. 1). Em seguida aponta os destinatários, quais sejam, “as sete igrejas da Ásia Menor” (v. 4).

João apresenta um resumo do conteúdo do livro, quando afirma que ele trata “das coisas que em breve devem acontecer” (v. 1). Ainda no capítulo primeiro, João deixa claro que estava ciente do sofrimento pelo qual a igreja estava passando.

Em seguida, apresenta uma visão do Cristo glorificado, mostrando detalhes de seu corpo glorioso e de suas vestes gloriosas. Essa parte serve para introduzir o capítulo dois e três, direcionados às sete igrejas da Ásia Menor, pois na introdução de cada carta a cada igreja há uma referência a um aspecto da revelação do Cristo glorificado, pois este detalhe serve de consolo ou exortação prévia à referida igreja.

Demonstraremos agora como cada um desses aspectos gloriosos de Jesus serve para introduzir cada carta às sete igrejas, evidenciando por meios das palavras que estão grifadas:

- “Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que **conserva na mão direita as sete estrelas** e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro.” (Ap. 2. 1);
- “Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: ‘**Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver**’.” (Ap. 2. 8);
- “Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem **a espada afiada de dois gumes**.” Ap. 2. 12);
- “Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem **os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido**.” (Ap. 2. 18);

- “Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e **as sete estrelas**: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto.” (Ap. 3. 1);
- “Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem **a chave de Davi**, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá.” (Ap. 3. 7);
- “Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: Estas coisas diz o Amém, **a testemunha fiel** e verdadeira, o princípio da criação de Deus.” (Ap. 3. 14).

Esta visão de Jesus glorioso parece remeter à imagem de um poderoso e transcendente juiz, como afirma Pohl, “o aspecto característico da imagem é o judicial.” (POHL, 2001, p. 90). Essa imagem significa que o intento do autor é exortar as igrejas a partir de um teor de julgamento, não apenas de teor pastoral, ainda que, ao que parece, o julgamento não seja condenatório, mas disciplinar: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te.” (Ap. 3. 19).

Nos capítulos dois e três João relata as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor. As igrejas são: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. Em cada carta, se apresenta uma estrutura padrão, com raras variações. Essa estrutura, como afirma Kistemaker:

consiste em sete partes:

1. O endereçamento a cada uma das sete igrejas da Ásia Menor.
 2. Um aspecto da aparência do Senhor para João em Patmos.
 3. Uma avaliação da saúde espiritual da igreja.
 4. Palavras de elogio e/ou reprovação.
 5. Palavras de exortação.
 6. Promessa ao vencedor.
 7. Uma ordem para ouvir o que o Espírito diz às igrejas.
- (KISTEMAKER, 2004, p. 146).

Para demonstrar essa estrutura, iremos inserir uma das cartas na íntegra:

Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro: Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu

primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas. Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus. (Ap. 2. 1-7).

Como podemos notar, João mantém a estrutura de sete partes e referências contínuas ao número sete que indica perfeição e plenitude: Sete igrejas; sete cartas, e as cartas subdivididas em sete seções.

O capítulo quatro e cinco mostra uma visão de Deus em estado de glória, sentado em seu trono, manifestado de forma gloriosa, rodeado de anjos e de anciãos adorando-o. Nessa visão, ao que parece, João pretende ressaltar às igrejas atributos de Deus que, talvez, devido às opressões sofridas, a igreja tenha se esquecido. Esses atributos de Deus serviriam então como uma espécie de alento à igreja, em meio à sua opressão.

A visão que João tem é a de uma porta aberta no céu. Em seguida, ele teve uma visão de um trono, e de alguém glorioso sentado nesse trono, sendo adorado por quatro seres viventes que têm semelhanças a seres viventes vivenciados em visões de profetas do Antigo Testamento como Ezequiel (capítulo primeiro de Ezequiel). Segue trecho do livro de Ezequiel:

Aconteceu no trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, que, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, se abriram os céus, e eu tive visões de Deus. 2 No quinto dia do referido mês, no quinto ano de cativo do rei Joaquim, 3 veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, o sacerdote, na terra dos caldeus, junto ao rio Quebar, e ali estive sobre ele a mão do Senhor. 4 Olhei, e eis que um vento tempestuoso vinha do Norte, e uma grande nuvem, com fogo a revolver-se, e resplendor ao redor dela, e no meio disto, uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo. 5 Do meio dessa nuvem saía a semelhança de quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de homem. 6 Cada um tinha quatro rostos, como também quatro asas. 7 As suas pernas eram direitas, a planta de cujos pés era como a de um bezerro e luzia como o brilho de bronze polido. 8 Debaixo das asas tinham mãos de homem, aos quatro lados; assim todos os quatro tinham rostos e asas. 9 Estas se uniam uma à outra; não se viravam quando iam; cada qual andava para a sua frente. 10 A forma de seus rostos era como o de homem; à direita, os quatro tinham rosto de leão; à esquerda, rosto de boi; e também rosto de águia, todos os quatro. 11 Assim eram os seus rostos. Suas asas se abriam em cima; cada ser tinha duas asas, unidas cada uma à do outro; outras duas cobriam o corpo deles. 12 Cada qual andava para a sua frente; para onde o espírito havia de ir, iam; não se viravam quando iam. 13 O aspecto dos seres viventes era como carvão em brasa, à semelhança de tochas; o fogo corria resplendente por entre os seres, e dele saíam relâmpagos, 14 os

seres viventes ziguezagueavam à semelhança de relâmpagos. (EZEQUIEL, 1. 1-14).

Essa narrativa do livro de Ezequiel reflete também a narrativa do livro de Isaías, em seu sexto capítulo, que retrata de forma semelhante (com nuances diferentes) o trono de Deus, como podemos ver no trecho a seguir:

No ano da morte do rei Uzias, eu vi o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo. 2 Serafins estavam por cima dele; cada um tinha seis asas: com duas cobria o rosto, com duas cobria os seus pés e com duas voava. 3 E clamavam uns para os outros, dizendo: Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória. 4 As bases do limiar se moveram à voz do que clamava, e a casa se encheu de fumaça. 5 Então, disse eu: ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos! 6 Então, um dos serafins voou para mim, trazendo na mão uma brasa viva, que tirara do altar com uma tenaz; 7 com a brasa tocou a minha boca e disse: Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado. (ISAÍAS 6. 1-7).

Essas descrições de Deus no trono remetem ao aspecto de soberania, visto que trono em Apocalipse geralmente remete a governo e soberania, como já demonstrado anteriormente.

Aliado à manifestação de sua soberania, a visão que João descreve remete também à glória de Deus uma vez que na visão aparecem figuras que geralmente fazem referência a algo gloriosos, que são pedras preciosas, como “, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda.” (Ap. 4. 3). Kistameker reforça que “João transmite uma sensação da majestade e beleza da aparência de Deus e do trono, comparando-as com três pedras preciosas: o jaspe, o sardônio, e a esmeralda.” (KISTMAKER, 2014, p. 248).

A visão também salienta o atributo de Deus denominado fidelidade. Essa fidelidade de Deus é ressaltada na visão quando a imagem da Aliança é evocada na figura vista de um arco-íris ao redor do trono. O arco-íris passou a ser usado como símbolo da aliança de Deus com seu povo, a partir do fim do dilúvio registrado por Moisés: “porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra.” (Gn. 9. 13). Esta aliança se refere à promessa de Deus de não mais destruir a terra com dilúvio, mesmo em face da contínua maldade humana:

Este é o sinal da minha aliança que faço entre mim e vós e entre todos os seres vivos que estão convosco, para perpétuas gerações: 13 porei nas nuvens o meu arco; será por sinal da aliança entre mim e a terra. 14 Sucederá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e nelas aparecer o arco, 15 então, me lembrarei da minha aliança, firmada entre mim e vós e todos os seres vivos de toda carne; e as águas não mais se tornarão em dilúvio para destruir toda carne. 16 O arco estará nas nuvens; vê-lo-ei e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de toda carne que há sobre a terra. 17 Disse Deus a Noé: Este é o sinal da aliança estabelecida entre mim e toda carne sobre a terra. (Gênesis 9. 13-17).

João traz à memória da igreja a justiça de Deus, outro atributo dele nessa visão, que serve de reforço às figuras remetentes à justiça de Deus descritas nas cartas às igrejas, como já evidenciadas. Na visão de Apocalipse quatro, a justiça de Deus é ressaltada através dos elementos da natureza descritos na visão, que evocam medo e temor no humano, tais como “saem do trono relâmpagos, vozes e trovão [...]” (Ap. 4. 5). Esses eventos da natureza são elementos que provocam medo no ser humano, e por conseguinte, muitas culturas os enxergam como elementos que revelam a ira de Deus ou dos deuses. A mitologia grega, e outras literaturas antigas, o atestam. No caso em voga, João faz seus destinatários se lembrarem do evento da entrega das tábuas da lei, o Decálogo, em que Deus, para revelar sua justiça, deu sua lei ao povo, como regulamentação da relação do povo consigo e com seus semelhantes, conforma assevera Kistemaker: “Ele escreve com uma passagem veterotestamentária em mente, a saber: a cena do Monte Sinai, quando Deus dá o Decálogo aos israelitas: ‘Na manhã do terceiro dia houve trovão e relâmpago, com uma nuvem densa sobre o monte e com um forte clangor de trombeta.’. (Êx. 19. 16)” (KISTEMAKER, 2004. p. 249).

Além da soberania, fidelidade, justiça, João relembra seus leitores acerca da santidade de Deus, ressaltada na visão de sete tochas acesas e sete espíritos de Deus, os quais, ambos, simbolizam o Espírito Santo, como se João quisesse enfatizar que ele é sete vezes santo, e sete vezes luz para o mundo. Nesse sentido, Kistameker afirma que “essas sete tochas representam os sete espíritos de Deus. O simbolismo da plenitude do Espírito de Deus aponta para a obra que o Espírito Santo realiza com respeito à interpretação da vontade de Deus, animando e confortando seu povo, santificando os santos e reprovando os pecadores”. (KISTEMAKER, 2004. p. 249).

A visão acerca de vinte e quatro anciãos apontam para a liderança da igreja, que, no Antigo Testamento estava sob o comando de doze tribos de Israel, e no

Novo Testamento sob a liderança de doze apóstolos, formando assim um governo amplo de doze tribos e doze apóstolos, totalizando vinte e quatro. Kistemaker defende que os vinte e quatro anciãos, ou a liderança da igreja do Antigo e do Novo Testamento, são representantes do povo de Deus em geral, ou, do que ele chama de humanidade redimida. Ele assevera que “Também os vinte e quatro anciãos, representando a humanidade redimida, adoram a Deus, caindo sobre seus rostos diante do trono.” (KISTEMAKER, 2004. p. 25).

Nesse capítulo João vê em torno do trono quatro seres viventes. Seres viventes é, geralmente, uma referência a anjos. É uma visão que tem como padrão a visão semelhante descrita pelo profeta Ezequiel. Kistameker afirma que,

[...] Ezequiel os chama de Querubins (Ez. 10, 20, 21), que eram seres celestiais de elevada hierarquia, designados a proteger e guardar, por exemplo, a árvore da vida (Gn. 3. 24) e a arca da aliança (Êx. 25. 20). São cheios de vida, sempre alertas e inteligentes. São cheio de olhos na frente e por trás (Ez. 1. 18), de modo que nada escapa à sua atenção. Juntamente com os anciãos, cantam louvores e dizem: ‘amém’ (Ap. 5. 6, 8, 11 e 14). (KISTEMAKER, 2004, p. 252).

A descrição da visão de João, portanto, remete aos seres angelicais construídos por Moisés em ouro e colocados em cima da arca da aliança, no interior do Tabernáculo, mais precisamente no local chamado Santo dos Santos. Os Querubins da Arca da Aliança foram colocados ali para, assim, representar a adoração recebida por Deus pelos anjos.

Essa visão pretende revelar de antemão que as ações de Deus sobre o mundo, descritas em Apocalipse, serão intermediadas, em sua maioria, por anjos que lhe estão sujeitos, como afirma Kistemaker: “Os anjos são apenas mensageiros que obedientemente ouvem as ordens e as cumprem”. (KISTEMAKER, 2014, p. 271). Durante todo o livro os anjos ocupam lugar de destaque, como se vê nos seguintes trechos: “as sete estrelas são os sete anjos das igrejas”. (Ap. 1. 20), “vi e ouvi a voz de muitos anjos ao redor do trono.” (Ap. 5. 11), “vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra”. (Ap. 7. 1), “os sete anjos tinham sete trombetas”. (Ap 8. 6), “Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão”. (Ap. 12. 7), “Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos.” (Ap. 15. 1), “Tinha grande e alta muralha, doze portas, e junto às portas doze anjos.” (Ap. 21. 12).

Como apontado, o livro de Apocalipse está repleto de alusões aos anjos. Parece que o relato de João está de acordo com o texto bíblico de Hebreus que afirma que a função dos anjos é:

Ora, a qual dos anjos jamais disse: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés? 14 Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para serviço a favor dos que hão de herdar a salvação? (Hb. 1. 14).

De acordo com o texto de Hebreus, a função dos anjos é serem enviados para servir aos santos. Essa relação está de acordo com o teor do texto de Apocalipse, que narra o resgate que Deus opera em favor de sua igreja. O livro de Apocalipse é repleto de referências aos anjos, do como ele executam as ordens de Deus, no desenrolar de seus planos.

No capítulo quatro, é registrada a ação de quatro anjos, denominados como quatro seres viventes. É necessário acrescentar ainda que os quatro seres viventes trazem em seu aspecto visual uma simbologia cristológica¹⁹, pois, como afirma o texto, no versículo sete, o primeiro ser vivente tem aparência de Leão. O messias profetizado no Antigo Testamento é chamado de Leão da tribo de Judá, como está escrito em Gênesis quarenta e nove, verso nove: “Judá é leãozinho”. Encontra-se a mesma referência em Apocalipse capítulo cinco, versículo cinco: “Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.”

O segundo ser vivente aponta, ao que tudo indica, para a morte de Jesus enquanto morte sacrificial, pois a morte do messias foi apontada no Antigo Testamento, estabelece uma relação interdiscursiva com o Novo Testamento, a partir de referências aos sacrifícios de novilho, como atestam os seguintes textos:

Também cada dia prepararás um novilho como oferta pelo pecado para as expiações; e purificarás o altar, fazendo expiação por ele mediante oferta pelo pecado; e o ungirás para consagrá-lo. (Êx. 29. 36); O príncipe, no mesmo dia, por si e por todo o povo da terra, proverá um novilho para oferta pelo pecado. (Ez. 45. 22). “Eis o cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (Jo. 1. 29).

O terceiro ser vivente indica o aspecto corpóreo de Jesus, ou, sua existência humana, pois esse ser vivente tem aparência de homem. Aqui a visão de João

¹⁹ Que aponta para Cristo.

dialoga com outros textos do Novo Testamento, como o que segue: “antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana.” (Fl. 2. 7).

O quarto ser vivente é descrito como tendo aparência de água quando está voando. Este aspecto do quarto ser vivente lembra os destinatários do poder providencial de Jesus, que virá um dia para resgatá-los do poder opressor de Roma. No capítulo doze versículo quatorze, João retoma esse ensinamento quando descreve a visão de uma mulher que fugiu do dragão para o deserto, mas foi levada sob as asas de uma grande águia para o deserto, lembrando os destinatários do livramento dado aos seus antepassados israelitas, quando fugiam de Faraó: “Tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim.” (Êx. 19. 4).

O capítulo cinco de Apocalipse é um capítulo narrado com um teor dramático, pois revela Deus sentado em um trono, tendo na mão direita a história da humanidade, especialmente relacionado ao Fim, contida em um livro, escrito por fora e por dentro, e todo selado. O drama se dá porque o texto relata que ninguém é digno de abrir os setes selos do livro. Assim, João cai em prantos por não haver, aparentemente, ninguém digno de abrir os selos. Então, um dos anjos que está em volta do altar vem a João e o consola, dizendo-lhe para não chorar, e dando-lhe a razão para tal, que Cristo, como um cordeiro que foi morto sacrificialmente, é o único digno de abrir os selos.

A dignidade e autoridade de Cristo para abrir os selos são demonstradas figuradamente através da aparência dos quatro seres viventes que estão em torno do trono, pois são aparências de animais que representam a pessoa ou a obra de Cristo, prefigurada no Antigo Testamento, como evidenciado na análise do quarto capítulo.

Selos eram usados em documentos oficiais no primeiro século para lacrar esses documentos, de forma que somente uma pessoa autorizada poderia abri-los. Como medida de segurança, os documentos eram selados com sete selos, para evitar que fossem de alguma forma violados. Pohl comenta que,

Era usual selar documentos romanos sete vezes. P. ex., um testador ditava um testamento e o selava no final em conjunto com seis testemunhas. Depois todos os sete selavam o documento enrolado do lado de fora. Agora ele precisava de uma instância judicial para ser aberto. A inscrição dos dois lados explica-se melhor pelo costume antigo do documento duplo. O texto

interno continha o texto de validade legal. Ele era selado, eventualmente sete vezes. Do lado de fora, anotava-se, necessariamente de forma resumida, o mesmo conteúdo, de forma que todos podiam lê-lo sem que se desfizessem os selos. A abertura e quebra os selos por instância judicial não trazia informação nova, mas a determinação passava a vigorar. Na mesma linha encontra-se a abertura do rolo do livro no cap. 5. Não se informa nada acerca de uma leitura atenta do rolo, nada indica que o conteúdo é assimilado, porém, tudo aponta para sua instituição legal. (POHL, 2001. p. 154).

Ao que tudo indica, e de acordo com a contextualização apontada por Pohl, os sete selos indicam eventos que acontecerão no futuro, cuja execução está sob a autoridade de Jesus, como executor e coordenador deles.

O sexto capítulo de apocalipse trata da abertura dos selos do livro relatado no quinto capítulo. Os selos são, ao que parece, catástrofes naturais, que atingirão a terra, mas não em sua totalidade, apenas terça parte dela. Os quatro primeiros selos são quatro cavalos, que representam os quatro cavaleiros do Apocalipse.

Como descrito acima, o primeiro selo, é um cavalo branco e seu cavaleiro. Seu cavaleiro simboliza Cristo comandando o curso da história, pois de acordo com o capítulo dezenove, versículo onze, quem está montado em um cavalo branco é Fiel e Verdadeiro, e, de acordo com o primeiro capítulo, versículo cinco, Jesus é a testemunha fiel. Ao que nos parece, o autor intenciona demonstrar Jesus como um comandante entre os quatro cavaleiros.

O segundo selo é o cavalo vermelho. Ao que tudo indica, este cavalo vermelho simboliza guerras. Isto se evidencia por meio do texto que afirma que o objetivo deste sinal é tirar a paz da terra. Ainda afirma o texto que foi dado ao cavaleiro uma grande espada, figura que remete à guerra, especialmente no período do primeiro século. Kistemaker argumenta que, “Enquanto o branco está para santidade, pureza e justiça, a cor vermelha significa banho de sangue e aponta para a guerra”. (KISTEMAKER, 2004. p. 293).

O terceiro cavalo do Apocalipse representa uma crise econômica, que, ao que parece, há de vir sobre o mundo todo. O que evidencia esta interpretação são as metáforas do texto, que citam figuras como balança, medidas e exortações para que se não desperdice alimentos. Comentando sobre o terceiro cavalo, Kistemaker afirma que, “O cavalo cavalgado pelo cavaleiro é o preto, retratando a fome, como vem ilustrado pela balança para medir o peso do alimento, e pelos preços inflacionados em excesso, de trigo e cevada.” (KISTEMAKER, 2004. p. 295).

O quarto cavaleiro do Apocalipse e seu cavalo preto faz referência a uma alta taxa de mortalidade sobre o planeta, que virá de uma só vez, através de diversas causas, como epidemias, violência, e outros eventos como a fome. Uma característica deste cavalo é a morte. Por isso, parece ser um dos sinais mais terríveis do Apocalipse. Kistemaker afirma que “[...] de todos os quatro cavaleiros, somente o que monta o quarto cavalo tem um nome: morte.” (KISTEMAKER, 2004. p. 298). Complementando, Kistemaker segue: “[...] Aqui, porém, o contexto dá à morte um escopo muito mais amplo do que meramente pestilência, pois seus métodos destrutivos incluem espada, fome, doença e feras.” (KISTEMAKER, idem).

O quinto selo não é um sinal nem uma catástrofe. O quinto selo é um evento. Este evento é o clamor dos mártires, rogando a Deus que venha vingar seu povo, resgatando-os do poder de seus opressores. Esta imagem dos mártires clamando a Deus é descrita metaforicamente por intermédio da visão de João, que viu essas almas debaixo do altar.

O altar no Antigo Testamento, no tabernáculo de Moisés, remetia tanto ao sacrifício como às orações dos santos por intermédio de incenso. Isto implica que neste momento histórico do quinto selo, o mundo estava em convulsão por causa da perseguição aos cristãos em toda parte, o que resultará em uma forte mobilização da cristandade em oração. Kistemaker afirma que “[...] a fumaça que sobe deste altar simboliza as orações dos santos (Ap. 8. 3)”. (KISTEMAKER, 2004. p. 300). Ao que nos parece, João mostrava a oração como um caminho de consolo aos cristãos que estavam sofrendo.

O sexto selo é a resposta de Deus às orações dos santos descritas no quinto selo. A resposta de Deus, como poderemos ver, se dá através de eventos da natureza, que provocarão uma série de catástrofes.

As catástrofes naturais do sexto selo têm origem no céu. O sol e a lua se escurecerão, e as estrelas cairão do céu. Todavia, esses eventos se desdobrarão também sobre o planeta, pois afirma-se que haverá terremotos em vários lugares.

É necessário localizarmos os eventos desta visão no quadro geral da Bíblia, bem como no restante do texto de Apocalipse. Catástrofes naturais como fruto da ira divina já eram ressaltadas no Antigo Testamento. O profeta Isaías, por exemplo, descreve:

Porque as estrelas e constelações dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz. Castigarei o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; farei cessar a arrogância dos atrevidos e abaterei a soberba dos violentos. (Is. 13. 10-11).

Além do profeta Isaías, outros profetas como Ezequiel, Joel, também escreveram profecias com este teor, ou, com expressões praticamente iguais. No Novo Testamento podemos ler Jesus o declarando também:

Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus. (Mt. 24. 29-31).

A Similaridade entre os textos do Antigo Testamento, de Jesus e de Apocalipse seis é quase que auto-evidente. Dessa forma podemos localizar os eventos do sexto selo, à luz de toda a Bíblia como sendo o cumprimento de profecias do Antigo Testamento, reafirmadas por Jesus, e exploradas por João em Apocalipse.

Salientamos ainda que, de acordo com as palavras de Jesus no Evangelho de Mateus capítulo vinte e quatro, eventos como guerras, rumores de guerra, fomes (crise econômica) e epidemias são denominados como princípios das dores²⁰, pois, segundo Jesus, esses eventos não se configuram ainda como o fim de todas as coisas. Podemos perceber então uma conexão entre estas palavras de Jesus sobre o que ele chama de princípio das dores e os quatro cavaleiros do Apocalipse, uma vez que os eventos significantes desses quatro cavaleiros coincidem com os descritos por Jesus, quais sejam, cavalo branco e seu cavaleiro (simbolizando Jesus como comandante santo), guerras (cavalo vermelho), fomes (cavalo preto) e cavalo amarelo (epidemias).

Se os quatro primeiros selos, ou seja, os quatro cavaleiros do Apocalipse coincidem com o princípio das dores narrado por Jesus, em seguida virão os eventos caracterizados como as próprias dores de parto, pois dizem respeito à ira de

²⁰ Uma referência a partir da metáfora da gravidez de uma mulher, metáforas muito comuns na Bíblia. A Bíblia faz esta metáfora através de três fases da gravidez: As contrações (o que Jesus chamou de princípio das dores), as dores (o sofrimento intenso que a Bíblia afirma que virá sobre o mundo), e, finalmente, o aparecimento do filho (simbolizando o aparecimento de Jesus para o julgamento final).

Deus sobre o mundo, na forma de catástrofes naturais, vindas especialmente do céu, como um símbolo da autoria divina.

É importante destacar que o sexto e o sétimo selo tratam dos mesmos eventos. Todavia, no sexto selo os eventos estão descritos de forma resumida, enquanto no sétimo selo os eventos estão descritos de forma mais detalhada, inclusive por etapas, onde o autor descreve cada etapa na forma de trombeta. Assim, o sétimo selo descreve sete trombetas, que são os desdobramentos da aplicação da ira divina sobre a humanidade. Revela eventos cataclísmicos de natureza global, em que os astros serão atingidos de alguma forma, ou, em uma perspectiva mais contemporânea, nosso planeta será privado das benesses dos astros, como da luz do sol e das estrelas. Isso porque o texto afirma que o sol se escurecerá e a lua, bem como as estrelas, não darão mais a sua claridade. O texto afirma que o sol e a lua se escureceram.

Depois, entre o sexto e o sétimo selo, há um interlúdio. Esse interlúdio é descrito no capítulo sete. O capítulo sete faz uma referência simbólica aos eleitos de Deus, seus seguidores. Essa referência é feita de maneira simbólica, quando o texto revela o número dos eleitos, que é cento e quarenta e quatro mil. O texto chama esse povo de Israel, por meio das doze tribos. É um uso figurativo, pois não se trata de Israel literalmente. Os cento e quarenta e quatro mil são na verdade o número total dos escolhidos, tanto do período do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento, uma vez que as doze tribos de Israel multiplicadas por doze apóstolos resultam em exatos cento e quarenta, multiplicado simbolicamente por milhares, vai dar cento e quarenta e quatro mil. Essa é uma forma poética de dizer que os escolhidos são inumeráveis. Kistemaker conclui dizendo que “em suma, o termo Israel, neste versículo, representa o povo de Deus.” (KISTEMAKER, 2004, p. 322).

O capítulo sétimo trata-se de uma visão que João tem dos cento e quarenta e quatro mil eleitos, diante do trono de Deus, louvando-o e adorando-o. Ao que nos parece, a intenção de João é consolar os destinatários de que, mesmo sendo perseguidos e até mortos, irão um dia usufruir de status de vencedores. Kistemaker afirma que essa é a visão acerca dos redimidos, que, “[...] estão em pé diante do trono do Cordeiro de Deus, que está sentado no trono, planejou a obra salvífica em prol de seu povo e comissionou seu Filho para iniciá-la, executá-la e completá-la.” (KISTEMAKER, 2004. p. 328).

Pode-se entender que esses cento e quarenta e quatro mil simbolizam os crentes de todas as épocas e lugares. Ao que nos parece, sempre antes do relato de uma catástrofe o autor consola seus ouvintes através da revelação de alguma manifestação de Deus no trono ou dos escolhidos se alegrando diante de Deus pelo livramento final. Esta estrutura acompanha o livro do início ao fim, tendo sempre um prelúdio e um poslúdio, quando vai narrar uma catástrofe.

A intenção de João é confortar os cristãos perseguidos, afirmando que eles compõem um grupo seleta, para não dizer, eleitos, que tem um número figurado de cento e quarenta e quatro mil, correspondendo, metaforicamente, aos santos da Antiga e da Nova Aliança. Esse aspecto fica evidente através da conclusão do capítulo, em que João salienta que estes santos,

Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima. (Ap. 7).

Essas palavras de consolo são usadas novamente no penúltimo capítulo do livro, e parecem descrever uma fórmula comum de consolo no livro de Apocalipse. O teor dessas palavras dá indícios do sofrimento a que os cristãos eram submetidos. Exilados na Ilha de Patmos, como o próprio autor, provavelmente eram forçados a trabalhos braçais sob o calor do sol, em situação de escassez de alimento e água, por vezes longe de seus familiares, provocando um estado de dor e lágrimas. Por isso, também no penúltimo capítulo o livro reforça:

Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. 4 E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. (Ap. 21. 3-4).

O Capítulo oito de Apocalipse trata do sétimo selo. O sétimo selo é o mesmo sexto selo, mas agora descrito de forma mais detalhada, mostrando a repercussão catastrófica deste evento.

Trata-se de um único evento, mas que é tão grandioso que se torna necessário descrevê-lo em etapas, e cada uma destas etapas o Apocalipse dá o nome de trombeta. Então o sétimo selo é descrito através do anunciar de sete trombetas.

Pelo teor e descrição dos eventos dessas trombetas, chega-se à hipótese de que João vislumbra um evento catastrófico como a queda de uma grande rocha, em chamas, colidindo com a Terra. A descrição textual relata, em várias partes do capítulo oito, sobre uma grande pedra ardendo em chamas caindo do céu na terra, que, inclusive é descrito por João nas palavras gregas “mega ásteros”, que se traduz como grande estrela.

Os eventos do capítulo oito são tão dramáticos que João os introduz afirmando que, “[...] quando ele abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu por cerca de meia hora”. (Ap. 8. 1). O objetivo destes intróitos solenes é destacar a gravidade dos eventos.

João faz questão de salientar novamente, antes de descrever as sete trombetas, que esses eventos são a resposta de Deus às orações dos santos, pois nos versículos dois a seis João descreve a visão de um anjo com um incenso, cuja fumaça chega até Deus, sendo a fumaça as orações dos santos. Kistemaker esclarece este ponto ao afirmar que,

Incensário é um recipiente onde se deita incenso, o qual às vezes era feito de uma resina aromática da madeira de Líbano. Esse incenso era queimado para que a fumaça permanecesse à área com seu fragrante aroma. Presumivelmente, Deus deu ao anjo um abundante suprimento de incenso. A multidão de orações expressa por todos os santos sobre a terra tinha de ser misturada com essa fragrância de aroma suave.” (KISTAMEKER, 2004. p. 346).

Do versículo sete até o capítulo novo então, João descreve a visão da destruição causada pelas sete trombetas. Cada trombeta revela como essas grandes rochas ardendo em chamas irá impactar cada parte do planeta: uma cairá sobre o mar, destruindo a terça parte das embarcações; a outra cairá sobre o verde da terra; outra cairá sobre os rios; e outra cairá sobre uma porção seca do solo, provocando um buraco, descrito como um abismo de onde sairão destroços tão destruidores que João os descreve como portadores de uma aparência monstruosa, semelhantes a gafanhotos com mordidas de escorpião, e cavalos preparados para batalha, com rosto de homem, cabelos de mulher, dentes de leão e couraça de ferro, provocando um estrondoso barulho, com sofrimento tamanho que fará com que “[...] os homens buscarão a morte e não acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles.” (Ap. 9. 6).

A primeira trombeta fala de fogo atirado à Terra, especificamente no verde da Terra, ou seja, na terça parte da flora. A segunda trombeta fala de uma grande montanha ardendo em chamas caindo no mar. A terceira trombeta fala sobre uma grande estrela ardendo em chama caindo sobre os rios. A quarta trombeta fala das consequências desses eventos sobre a atmosfera, pois narra que a luz do sol, da lua e das estrelas foi atingida. O capítulo oito se encerra com uma frase que aponta para algo grave que ainda está por vir: “Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar! (Ap. 8. 13).

O capítulo nove de Apocalipse é uma continuação da narração sobre as trombetas, em particular sobre a quinta trombeta, que é uma estrela caída do céu na Terra. Esta “ásteros” caída na terra provocou um grande abismo, uma cratera. Tamanho foi o impacto que produziu uma poeira que atingiu o ar, como afirma o versículo dois: “Saiu a fumaceira que saía do poço escureceu o sol e o ar.” (Apocalipse 9. 2). Então, ao que nos parece, esse evento está interligado à quarta trombeta, que narra o escurecer do sol, da lua e das estrelas. A perspectiva que se tem é de que acabou a luz do sol e das estrelas. Ao que parece, essa poeira saída da cratera causada por essa “mega ásteros” provocou essa poluição no ar.

O capítulo nove relata, ainda, que saiu do poço algo como que gafanhotos e cavalos com caldas semelhantes a fumaça. Ao que nos parece, é uma descrição dramática e metafórica dos detritos que sairão dessa cratera ocasionados pelo impacto da “mega ásteros” sobre a terra. João ainda destaca o protagonismo de um anjo na direção desse evento, como afirma o versículo onze: “e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom”. (Ap. 9. 11). Kistemaker defende ser o Diabo este anjo, como ele afirma: “Aqui o anjo é ou Satanás ou uma figura demoníaca que representa o Diabo. Ele é chamado ‘destruidor’ em ambos os idiomas; hebraico e grego. (KISTEMAKER, 2004. p. 373).

Ao final do capítulo nove, ao descrever a sexta trombeta, João faz um comentário afirmando que, a despeito de tanto sofrimento oriundo da ira de Deus sobre o mundo, as pessoas, mesmos assim, não se arrependeram de suas obras más. O texto é descrito da seguinte forma: “nem ainda se arrependeram dos seus assassinios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.” (Ap. 9. 21).

A Sétima trombeta é descrita apenas no capítulo onze de Apocalipse, após um interlúdio no capítulo dez, que se refere ao juízo final e vitória dos santos. Ao que parece, o objetivo de João é incentivar a igreja a continuar testemunhando, sem temor, como demonstraremos a seguir.

Passa-se então a mais um interlúdio antes de chegar na sétima trombeta. Mais uma vez João traz uma palavra de consolo aos fiéis, a despeito de todo caos natural e caos religioso ocasionado pelas constantes perseguições aos cristãos. Esse interlúdio é o capítulo dez e onze de Apocalipse. O capítulo décimo é descrito como uma visão que João tem de um forte anjo, segurando um pequeno rolo, que se dirige a ele, ordenando-lhe que comesse um livrinho que tinha um duplo efeito: ser doce na boca, mas amargo no estômago.

Um dos principais temas de Apocalipse é seu próprio discurso, ou seja, sua mensagem. Essa mensagem é voltada aos descrentes, para que se arrependam de seus desvios morais e se abracem a fé cristã. João chama essa mensagem, por vezes, de testemunho. No primeiro capítulo versículo um a dois é dito:

Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, 2 o qual atestou a **palavra de Deus e o testemunho** (grifo nosso) de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu. (Ap. 1. 1-2).

João reforça ainda o protagonismo dessa mensagem, afirmando que ela foi a causa de sua prisão. Ele afirma: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da **palavra de Deus e do testemunho de Jesus. (grifo nosso)**” (Ap. 1. 9).

João pretende, ao que parece, revitalizar a pregação cristã, pois, em face a tanta perseguição, naturalmente os cristãos estariam desmotivados a continuar pregando essa mensagem. Então, em meio às visões caóticas sobre o fim, João procura reanimar os destinatários a continuar pregando essa mensagem. Para reafirmar isso, João descreve uma visão repleta de alusões à mensagem. Essas alusões são evidentes através da figura de um anjo forte, uma vez que a palavra grega “angellos” significa mensageiro. Em seguida ele afirma que esse anjo veio do céu, ao que parece apontando para a fonte dessa mensagem, que é o céu (Deus), como é testificado nos primeiros versículos do capítulo primeiro.

O teor dessa mensagem é o Pacto com Deus, anunciado a partir de Noé, após o dilúvio, visto que esse anjo forte tem sobre sua cabeça um arco-íris. A mensagem desse anjo é sustentada por essa mensagem, pois há referência a duas colunas, pois as duas pernas desse anjo são como duas colunas de fogo. No Novo Testamento, na primeira carta de Paulo a Timóteo, capítulo terceiro, versículo quinze, Paulo afirma que a igreja é a coluna e baluarte da verdade. Paulo afirma: “Escrevo-te estas coisas, esperando ir ver-te em breve; para que, se eu tardar, fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade.” (1Tm. 3. 15).

De acordo com o Evangelista João, no capítulo dezessete, versículo dezessete de seu Evangelho, a Palavra de Deus é a verdade. Ele afirma, narrando palavras de Jesus: “A tua palavra é a verdade”. (Jo. 17. 17). Logo, concluímos, à luz do discurso do Novo Testamento que, para os apóstolos a igreja é a coluna e baluarte da verdade, e para a igreja cristã, a Palavra de Deus é a verdade. Então quando João relata essa visão de um anjo forte com duas pernas como duas colunas de fogo, remete à igreja, que é a coluna da verdade, e com uma mensagem de juízo, uma vez que fogo em Apocalipse aponta para juízo ou condenação eterna.

O anjo ordena que João coma um livrinho. A figura de um profeta engolindo um livro é revelada já no Antigo Testamento. Em Ezequiel capítulo dois se diz:

Tu, ó filho do homem, ouve o que eu te digo, não te insurjas como a casa rebelde; abre a boca e come o que eu te dou. Então, vi, e eis que certa mão se estendia para mim, e nela se achava o rolo de um livro. Estendeu-o diante de mim, e estava escrito por dentro e por fora; nele, estavam escritas lamentações, suspiros e ais. (Ez. 2. 8-10).

Ao que parece, a intenção de João é testificar à igreja que o teor da mensagem é sim, por vezes, indigesto, a despeito de ser, de quando em quando, consoladora. É uma doce mensagem sob a perspectiva do fim, quando a igreja será resgatada, mas é indigesta da perspectiva do percurso até esse dia, em face aos eventos apocalípticos que antecederão o fim dos tempos.

No capítulo onze, versículo um e dois, João faz um pequeno interlúdio, para consolar seu povo, relatando uma visão que teve de alguém lhe dando uma vara para medir o santuário de Deus, a fim de mostrar que os seus adoradores estarão

para sempre nesse santuário e farão parte da cidade santa para toda a eternidade, enquanto os “gentios”²¹ ficarão de fora dessa cidade santa. O texto afirma:

Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram; mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa. (Ap. 11. 1-2).

O Apóstolo João ressalta ainda que os gentios (os perseguidores do cristianismo) ainda calcarão aos pés da cidade santa por um período de quarenta e dois meses, ou seja, três anos e meio. Enquanto gentios é uma metonímia para se referir aos incrédulos, cidade santa se refere à igreja, uma vez que na literatura do Novo Testamento, a igreja é tida como santuário de Deus.²² Calcar aos pés significa pisotear, oprimir. Então esse interlúdio é uma visão da igreja sendo oprimida, mas tendo o afeto de Jesus lhe revelado pela figura de uma santa cidade reservada para ele, e esta cidade é a própria igreja. Kistemaker, nesse sentido, observa que,

O ato de pisotear a cidade santa se refere a períodos de perseguição que os cristãos sofrem ao longo das eras. Porém, lembre-se de que Deus estabeleceu o limite para a sua duração. De fato, esse período abarca o tempo da ascensão de Jesus até a sua volta. Concluo que, no Apocalipse, o tempo é uma ideia apresentada de modo resumido que não deve ser expressa em termos literais de anos, ou mesmo séculos. O tempo cronológico tem importância fugaz nesse livro, pois o que governa o Apocalipse não é o tempo, mas princípios. (KISTEMAKER, 2004. p. 418).

No capítulo onze, versículo três em diante, é relatado acerca de duas testemunhas que testemunharam o Evangelho e sofreram as consequências disso, pagando com a própria vida. Essas duas testemunhas simbolizam o testemunho dos fiéis sob a Antiga e sob a Nova Aliança. Ao final do capítulo onze narra-se vozes louvando a Deus pela vitória final.

No versículo terceiro em diante, do capítulo onze, o restante da visão de João reforça o que foi dito no versículo primeiro e segundo, que é a necessidade de a

²¹ Na Bíblia termo usado para referir-se a qualquer um que não fosse judeu. Passou a ser usado como sinônimo de não-cristãos.

²² “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é **santuário** (grifo nosso) do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?” (1Co. 6. 9); “Mas tendes chegado ao monte Sião e à **cidade** (grifo nosso) do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia 23 e **igreja** (grifo nosso) dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados.” (Hb. 12. 22).

igreja perseverar na pregação da mensagem do Evangelho, a despeito das perseguições sofridas.

As alusões à pregação do Evangelho são feitas, em primeiro lugar, através da referência às duas testemunhas, que, possivelmente, liga à mensagem bíblica do Antigo e do Novo Testamento. O povo de Deus, do Antigo e do Novo Testamento são os responsáveis por apregoar essa mensagem. Os destinatários são lembrados de que eles são como duas oliveiras e dois candelabros (versículo terceiro). O número dois aqui é uma referência à existência do povo de Deus na Antiga Aliança (Antigo Testamento) e na Nova Aliança (Novo Testamento). Nesse sentido, Kistemaker argumenta:

Finalmente, João se baseia numa profecia do Antigo Testamento, pois ele descreve as duas testemunhas como duas oliveiras ou dois candelabros (v. 4). O profeta Zacarias menciona duas oliveiras e um candelabro todo de ouro (Zc 4.2–3); o óleo de oliva colocado no candelabro serve para espalhar a luz e dissipar as trevas. Além disso, simbolicamente um candelabro representa a igreja (1.20), composta de crentes que vivem pela palavra de Deus e pelo testemunho de Jesus. (KISTEMAKER, 2014, p. 429).

A visão de João continua mostrando o poder do testemunho da igreja, relembando a igreja do poder do testemunho de duas grandes testemunhas do Antigo Testamento, Moisés e Elias, salientando que a igreja tem autoridade semelhante a esses dois profetas, pois é dito que as duas oliveiras (referência à igreja) têm autoridade para fazer parar de chover como fez o profeta Elias, e tem autoridade para converter a água em sangue, como fez Moisés. É dito ainda que da boca das testemunhas (a igreja) sai boca que causa a morte de seus opositores. Um modo metafórico de se referir ao efeito punitivo e judicial da palavra pregada pela igreja.

O testemunho da igreja deve durar o mesmo período em que ela será pisada pelos gentios, quarenta e dois meses, ou seja, mil, duzentos e sessenta dias, o que equivale a três anos e meio. Não sendo um número literal, possivelmente indica um período longo, mas não eterno. Kistemaker sugere um período específico:

A voz do céu diz a João que as duas testemunhas recebem poder para profetizar durante 1.260 dias. Esse número dividido por trinta representa 42 meses, que é o mesmo período no qual os gentios profanam o átrio exterior (v. 2). É o período que vai da Grande Comissão até a consumação, do nascimento da igreja do Novo Testamento até o fim dos tempos (Mt 28.19–20). (KISTEMAKER, 2014, p. 430).

O capítulo onze passa a ter um teor dramático aos destinatários, pois é dito que, por causa do seu testemunho (pregação), muitos serão mortos e terão seus corpos expostos em praça pública, à semelhança de seu mestre. Além disso, após um curto período de testemunho e perseguição (três dias e meio), Deus resgatará essa igreja, e à levará às nuvens e castigará em seguida seus opositores, descritos aqui metaforicamente através da Besta (introduzido aqui o tema sobre a Besta do capítulo treze). O local dessa perseguição é simbolizado através da figura do Egito e de Sodoma, que aludem aos reinos que perseguiram o povo de Deus no Antigo Testamento.

O capítulo doze de Apocalipse serve de pano de fundo para o capítulo treze, sendo também uma espécie de continuidade da perseguição à igreja explanada no capítulo onze.

No capítulo doze narra-se sobre Satanás perseguindo uma mulher revestida de glória, representando o povo de Deus. Ele perseguiu essa mulher tanto antes do nascimento de Jesus, como especialmente após o seu nascimento e assunção ao céu. O texto afirma que Satanás, simbolizado na figura de um dragão e de uma serpente, foi expulso do céu, e estava vindo para a Terra com grande ira e furor. Por isso a mulher, que representa a igreja, fugiu da vista da serpente, o dragão. Kistemaker observa que “Ao longo desse capítulo, Satanás é descrito como um perdedor cinco vezes, enquanto Cristo e sua igreja são vitoriosos.” (KISTEMAKER, 2014. p. 459).

O capítulo doze é um dos capítulos mais ricos em figuras. Essas figuras são em geral, contrastados com figuras do Antigo Testamento, que era o texto religioso de base dos primeiros cristãos, em sua maior parte judeus convertidos ao cristianismo. Apresentaremos brevemente algumas das figuras desse capítulo.

Em primeiro lugar, o texto mostra João tendo a visão de um grande sinal no céu, a saber, uma mulher. Contrariando todo preconceito oriental do primeiro século em relação às mulheres, a Bíblia dá uma importância singular às mulheres. Há diversas evidências que apontam nessa direção. No entanto, nos dedicaremos a analisar as referências que se relacionam ao livro de Apocalipse.

A mulher é tomada como símbolo pactual de Deus com seu povo. Duas mulheres especificamente passaram a ter essa denominação. São elas, Sara, esposa do patriarca Abraão, e sua concubina Agar. O Apóstolo Paulo ressalta essa premissa em sua carta aos crentes da Galácia:

Dizei-me vós, os que quereis estar sob a lei: acaso, não ouvís a lei? Pois está escrito que Abraão teve dois filhos, um da mulher escrava e outro da livre. Mas o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa. Estas coisas são alegóricas; **porque estas mulheres são duas alianças (grifo nosso)**; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. (Gl. 4. 21-27).

Como vimos, a mulher passou a ser tema figurado da Aliança. Nesse sentido, o povo da Aliança, o povo de Deus, passou a ser figurado como uma mulher. Essa simbologia se inicia desde o Antigo Testamento, como podemos verificar no texto a seguir, em que Deus chama a nação de Israel de sua esposa: “Convertei-vos, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque **eu sou o vosso esposo** (Grifo nosso) e vos tomarei, um de cada cidade e dois de cada família, e vos levarei a Sião.” (Jr. 3. 14). Já o próprio livro de Apocalipse retrata a igreja como sendo a noiva de Jesus, como segue: “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.” (Ap. 21. 2).

O capítulo treze, que é a realidade visível dos bastidores por trás dessa perseguição do dragão à mulher, mostra os cristãos sofrendo abusos e opressão aguda por parte de duas bestas. A primeira besta representa um grande poder político global, que surgirá contra a igreja. Esta besta emerge do mar, que simboliza muita gente, uma grande multidão, tem dez chifres, dez diademas, com nomes sobre a cabeça. Todas essas características indicam que esta besta diz respeito a um grande poder político global, pois cifres, diademas e cabeças na Bíblia apontam para elementos de governo. A segunda besta diz respeito a uma religião que perseguirá o cristianismo, pois, como afirma o texto, ela parece-se com um cordeiro, mas fala como um dragão, ou seja, é a voz do dragão com aparência de um cordeiro, contrastando com a religião cristã que é pautada na vida e obra do cordeiro de Deus, Jesus.

Em mais um interlúdio que parece objetivar uma espécie de alívio psicológico no leitor, depois de uma intensa narrativa de desastres e opressões, João relata mais uma visão dos escolhidos glorificados e como vencedores, junto ao Cordeiro, Cristo, sobre o monte Sião, símbolo da Aliança de Israel com seu Deus. É disso que trata o capítulo catorze. Junto a isto, mais uma vez o texto ressalta a vingança de

Deus contra os que oprimiram seu povo, prometendo resgatá-los. A vingança é representada por meio de figuras como quatro vozes vindas do céu e por meio da figura da ceifa e da vindima. Apocalipse mostra Deus como um criador descontente, que arremete contra suas criaturas sua cólera, em face de uma espécie de contrato quebrado.

Os capítulos quinze e dezesseis de Apocalipse relatam os últimos eventos sobre o mundo que representam uma espécie de juízo divino. As primeiras figuras que representam o juízo divino foram os sete selos. O segundo sinal forma as sete trombetas. Finalmente, para completar a trindade judicial, é revelado a última etapa do juízo de Deus, os sete flagelos ou sete taças da igreja divina, manifestando-se especialmente em forma de úlceras graves, uma espécie de enfermidade que não se tem certeza de sua natureza.

O diferencial desses flagelos é que, como aconteceu com as pragas do Egito, esses flagelos têm como objetivo atingir apenas os que têm a marca da besta, ou seja, os que oprimiram os cristãos.

Os capítulos dezessete e dezoito tratam do destino final dos opositores da igreja, bem como de suas características. Como uma das manifestações históricas desse mundo opositor estava o grande império romano capitaneado por sua capital Roma. Como João estava exilado e preso na ilha de Patmos por esse império, João foi obrigado a descrever esse mundo por meio de figuras, como a da antiga e fatídica Babilônia, pois se descreve no livro, de forma clara e literal como uma referência à Roma, certamente sofreria as consequências penais de sua perseguição aos cristãos.

A descrição do mundo opositor aos cristãos, da própria Roma, é feita com a metáfora da Babilônia em forma de uma meretriz. Essa meretriz estava montada em uma besta, indicando que em todas as épocas em que os cristãos foram perseguidos, o foram por um poder político, que tem uma sede, uma capital, por vezes marcada por orgias, como era Roma, por isso ilustrada como uma espécie de meretriz. O capítulo dezoito faz uma espécie de resumo dos três sinais de juízo, para evidenciar a queda e julgamento do mundo opositor à igreja, bem como o lamento dos indivíduos ante sua queda, dando ênfase ao lamento dos que lucravam com essa oposição.

O capítulo dezenove produz mais um interlúdio consolador. Nesse capítulo João tem uma visão dos cristãos vitoriosos cantando hinos de vitória nos céus, bem

como um relato resumido da vitória do Cristo sobre a Besta, o sistema político e religioso anticristão, bem como contra o falso profeta, o indivíduo que será o representante humano dessa opressão, mais conhecido como anticristo.

No capítulo vinte de Apocalipse João faz o último relato resumido da história humana, descrita metaforicamente como milênio. Alguns estudiosos entendem que se trata de um período de mil anos literalmente. Outros encaram como apenas uma referência simbólica, do tempo em que se inicia com a ressurreição de Cristo, e se encerra pouco tempo antes de seu retorno. Sobre o capítulo vinte de Apocalipse, Clouse salienta que “tentativas de relacionar estes textos ao curso da História humana levaram os cristãos a criarem vários sistemas diferentes para explicar a volta de Cristo e seu reino, três dos quais foram rotulados pré-milenista, amilenista e pós-milenista.” (CLOUSE, 1990, p. 7). A análise mais detalhada da interpretação desse capítulo ocorrerá na seção que trata sobre os métodos de interpretação de Apocalipse.

Cabe aqui apenas um relato resumido do conteúdo desse capítulo. Nele, João narra que Satanás será preso por um anjo, com uma corrente no abismo e permanecerá lá por mil anos, para não mais seduzir as nações.

Ao final dos mil anos, Satanás será solto e seduzirá as nações e as reunirá para a última batalha, quando, antes de ela alcançar seu ápice, Jesus virá com seus anjos e efetuará a derrocada de Satanás, seus anjos caídos e seus seguidores seduzidos. Nesse momento Jesus efetua a ressurreição de todos os mortos e realiza o julgamento final, designando os condenados para o fogo eterno. E os salvos seguem para um novo céu e nova terra, que é descrito detalhada e simbolicamente no capítulo vinte e um, em que se enfatiza que é um lugar de paz, restauração e felicidade. A igreja é retratada como uma cidade gloriosa, chamando-a de nova Jerusalém, contrastando-a assim à cidade caída da Babilônia do capítulo dezessete e dezoito.

Tratando ainda sobre as linhas de interpretação do livro, faremos agora um percurso sobre as análises em torno do Milênio de Apocalipse, assim como o modo pelo qual se encaixa na história. Ao que nos parece, em um primeiro momento, a ordem dos eventos em Apocalipse acontece em torno do milênio descrito no capítulo 20 de Apocalipse.

O capítulo 20 de Apocalipse é um dos capítulos mais polêmicos e complexos do Livro. Esse capítulo é, inclusive, um grande divisor das perspectivas cristã na

história entre as principais igrejas do cristianismo. Por exemplo, entre os principais movimentos protestantes, tais como calvinistas, batistas, pentecostais, neopentecostais, entre outras, a interpretação de Apocalipse 20 é uma das principais diferenças entre essas correntes evangélicas.

Nesse capítulo é relatado que Satanás será preso por mil anos, e que os santos reinarão com Cristo por mil anos. A partir da interpretação desse milênio, pode-se localizar historicamente os eventos descritos em Apocalipse. Eis a importância de um estudo aprofundado sobre o significado do milênio. Clouse afirma que,

um dos mais difíceis temas com que os intérpretes da Bíblia têm de lidar é o ensino do reino de Deus; o problema surge claramente quando o crente dá sua explicação de passagens como Daniel 2 e Apocalipse 20. Tentativas de relacionar estes textos ao curso da História humana levaram os cristãos a criarem vários sistemas diferentes para explicar a volta de Cristo e seu reino, três dos quais foram rotulados pré-milenismo, amilenismo e pós-milenismo (CLOUSE, 1990, p. 7).

A problemática em torno do milênio surge em relação à volta de Cristo, pois o capítulo 19 retrata sobre o retorno glorioso de Cristo. Diante disso, existem linhas que consideram que a volta de Cristo ocorrerá antes do milênio descrito no capítulo 20. Outros teóricos consideram que a volta de Cristo se dará após o milênio, pois os capítulos seguintes ao capítulo 20 também retratam a volta de Cristo. Ainda há o grupo de estudiosos que defendem que o milênio na verdade é utilizado no sentido figurado, e, portanto, não seriam mil anos literalmente. Assim, Cristo voltará ao final deste período.

A teoria Premilenista Dispensacionalista defende que A Bíblia relata ação de Deus no mundo sob sete dispensações. Nesse caso, o milênio seria uma das últimas dispensações da ação de Deus no mundo. Defende ainda que haverá dois retornos de Cristo, sendo o primeiro retorno caracterizado pelo arrebatamento da igreja (uma espécie de resgate da igreja sofredora), e, em seguida, celebrará com a igreja uma espécie de bodas no céu, por sete anos. Ao findar dos sete anos, ele retorna à terra mais uma vez, a fim de iniciar o milênio. Ao final do milênio ele executará o juízo final. Clouse argumenta que,

os pré-milenistas crêem que a volta de Cristo será precedida de certos sinais como a pregação do Evangelho a todas as nações, uma grande apostasia, guerra, fomes, terremotos, o aparecimento do Anti-Cristo e uma grande tribulação. Sua volta será seguida de um período de paz e justiça

antes do fim do mundo. Cristo reinará pessoalmente ou com um grupo seleto de seguidores. (CLOUSE, 1990, p. 7, 8).

A linha interpretativa do posmilenismo defende que Cristo voltará apenas ao final de um milênio caracterizado por uma progressiva melhora da sociedade. Entre os principais aspectos dessa linha de pensamento está, como afirma Clouse, o fato de que “o reino de Deus está atualmente sendo expandido através do ensino e pregação cristã. Esta ação fará com que o mundo se cristianize e resultará em um longo período de paz e prosperidade chamado milênio.” (CLOUSE, 1990, P. 8). Essa corrente de interpretação tem um teor mais otimista da história.

A terceira linha de interpretação sobre o milênio de Apocalipse 20 é a teoria amilenista. Essa linha de interpretação defende que o milênio de Apocalipse 20 é um período figurado, assim como as demais referências numéricas de Apocalipse. Argumentam que o milênio começa na ressurreição de Cristo, e se encerra em um período próximo à sua vinda. Defendem que o que caracteriza esse período figurado do milênio é uma certa liberdade dada à igreja de continuamente anunciar a mensagem de Cristo às nações, pois, como afirma o capítulo vinte, nesse período Satanás, o opositor da igreja, está preso, ou seja, limitado, no sentido de não poder mais enganar e seduzir as nações.

Ao final do milênio, Satanás será solto, podendo assim dar cabo de seus intentos de seduzir as nações, formando assim um bloco político e religioso único para batalhar contra a igreja, agindo a tal ponto de quase dar cabo da vida da igreja, mas que após intenso sofrimento desta, então Cristo voltará, e em um único dia, denominado biblicamente de Dia do Senhor, ele executa o juízo final, livrando assim sua igreja eternamente de toda tentação.

Esta linha de interpretação sustenta sua argumentação baseada nas voltas de Cristo relatadas nos capítulos anteriores e posteriores ao capítulo vinte como narrativas do mesmo evento, narradas de maneira repetida, mas com novos detalhes, formando assim o paralelismo progressivo através de sete relatos sobre o Fim, descritos em todo o Apocalipse. Clouse resume essa perspectiva da seguinte forma:

Os amilenistas mantêm que a Bíblia não prevê um período de paz e justiça universais antes do fim do mundo. Eles crêem que haverá um crescimento contínuo de bem e mal no mundo que culminará na Segunda Vinda de Cristo quando os mortos ressuscitarão e se processará o julgamento final. (CLOUSE, 1990, p. 8).

Em suma, o amilenismo crê que os mil anos de apocalipse vinte são metafóricos, ou figurados, e que nesse período a igreja desfrutará de uma relativa paz para expandir o Evangelho pelo mundo. Creem ainda que o milênio começou na ressurreição de Cristo, culminando no retorno de Cristo. Nesse período, Satanás terá seu campo de ação limitado. Concluimos que, como afirma Hendriksen, “foi indicado que na terra, o milênio, ou os “mil anos” abrange o período da primeira até a segunda vinda de Cristo”. (HENDRIKSEN, 2004, p. 189). O Milênio seria, então, todo o período desde o nascimento de Jesus até a sua volta.

Entender essas linhas de interpretações, mesmo que de forma breve, nos introduz ao livro de Apocalipse de maneira mais clara, e nos auxilia no entendimento de como esse livro tem sido analisado pelos estudiosos da literatura apocalíptica. Alinhado aos aspectos metodológicos, abordaremos os aspectos históricos em torno do livro.

No livro de Apocalipse, há um entrelaçamento natural entre todos os capítulos. Cada capítulo relembra conceitos já explorados nos capítulos anteriores. Assim, cada novo capítulo recapitula os anteriores, mas acrescenta novos dados e, assim, se formam as narrativas de modo progressivo. Hendriksen defende que o livro de Apocalipse está escrito em um formato de uma espiral, sob sete partes principais, respeitando assim, o simbolismo do livro centrado no número sete. Kistemaker, comentando este conceito de Hendriksen, afirma: “William Hendriksen chama essas sete referências ao juízo final de ‘paralelismo progressivo’, que divide o Apocalipse em sete partes.” (HENDRIKSEN, APUD KISTEMAKER, p. 23. 2004). As cartas às sete igrejas, por exemplo, têm em seu conteúdo um resumo do que trata todo o livro, e ainda tem sua aplicação voltada para toda cristandade em todos os lugares e épocas. Kistemaker esclarece este aspecto, ao afirmar que,

Estas sete são representantes da Igreja Universal; as sete cartas são endereçadas a toda região onde o povo de Deus se congrega para o culto, comunhão e expansão do espírito. Portanto, o número sete não deve ser tomada em um sentido absoluto, mas, antes, como símbolo que aponta para completude.” O Apocalipse é uma unidade do princípio ao fim, na qual as sete cartas formam uma parte integrante (KISTEMAKER, 2004. p. 146,-147).

Entender o paralelismo progressivo de Apocalipse defendido por Hendriksen pode auxiliar na compreensão panorâmica do livro, pois demonstra como suas

narrativas se organizam de forma paralela, numa crescente de novas informações a cada novo capítulo, recapitulando informações dadas, associando-as a novas informações, sintetizando assim uma linha de pensamento.

Os últimos capítulos de Apocalipse, o capítulo vinte, e vinte e dois, relatam os detalhes sobre como será o novo céu e a nova terra, assim como o estado final da nova igreja, denominada nova Jerusalém. Em seguida, faz as últimas exortações e promessas, concluindo com uma proibição de se fazer alterações no livro sob ameaça de punição eterna, e, com a promessa de retorno iminente do Cristo glorificado. Encerra com uma metáfora de uma noiva ansiosa pelo cortejo que trará o seu noivo, descrevendo a igreja como noiva e Cristo como o noivo. No último capítulo de Apocalipse evidencia-se o propósito do autor em produzir um efeito de sentido de esperança, expectativa e anseio pelo encontro com Deus, na pessoa de Jesus como noivo, como afirmam Leoni e Luisa:

É então interessante notar como o corpus bíblico termina com o livro de o Apocalipse de João. Este livro mina as capacidades imaginárias de representação figurativo, limita a busca por significado ou conhecimento sobre os fins finais, mas coloque-os condições de uma leitura, e desperta o desejo de encontro com Deus, sob as figuras da cidade aberta e casamentos, conforme indicado no final do último livro da Bíblia. (Tradução Nossa). (LEONE; LUISA, 2009, p. 11).²³

Assim termina o Apocalipse, despertando no leitor esperança de um futuro sem sofrimento, através de figuras que remetem à paz e segurança. Nos dois últimos capítulos João traz a promessa de habitação em uma nova terra, onde não haverá morte, dor nem tristeza.

Tendo expostos de forma breve um relato sobre os últimos capítulos de Apocalipse, a fim de trazer uma visão panorâmica do mesmo, passaremos agora é demonstrar as principais linhas de interpretação do livro. Essas linhas de interpretação discutem questões como método, destinatários e hermenêutica do livro.

²³ Il est alors intéressant de noter comment se clôt le corpus biblique avec le livre de l'Apocalypse de Jean. Ce livre met à mal les capacités imaginaires de la représentation figurative, il bride la quête d'un sens ou d'un savoir sur les fins dernières, mais pose les conditions d'une lecture et suscite le désir d'une rencontre avec Dieu, sous les figures de la cité ouverte et des noces, ainsi que l'indique la finale de dernier livre de la Bible. (Francês – França).

1.2. Linhas de Interpretação de Apocalipse

Neste tópico pretendemos fazer uma breve abordagem sobre as principais correntes de interpretação do livro de Apocalipse. Nosso objetivo é demonstrar algumas vertentes hermenêuticas, para evidenciar as duas principais linhas hermenêuticas sobre o livro de Apocalipse. Além disso, pretendemos salientar os métodos de interpretação a respeito da linha do tempo em Apocalipse, ou seja, como algumas correntes de interpretação enxergam o livro de Apocalipse à luz da história.

1.2.1. Quanto ao método

No que tange aos estudos de interpretações a respeito do livro de Apocalipse, os principais métodos utilizados pelos teóricos são os métodos histórico-gramatical e o histórico-crítico. O método histórico-crítico busca o estudo do texto religioso desvinculado das influências dogmáticas da cristandade, desmitologizando assim o texto, a partir de uma análise crítica, questionando desde a autoria até partes do conteúdo. Comentando sobre esse método, Lopes afirma: “Segundo os intérpretes críticos, as fontes que os autores usaram estavam revestidas de mitos. Surge o termo ‘alta crítica’ para se referir à essa tarefa de ‘criticar’ o relato bíblico e ‘limpá-lo’ dos acréscimos mitológicos” (LOPES, op. cit, p. 188). Um dos objetivos da alta crítica é retirar o que eles denominam como o aspecto mitológico do texto. Geisler e Nix comentam que “quando se aplica o julgamento dos estudiosos à autenticidade do texto bíblico, esse julgamento se chama alta crítica ou crítica histórica.” (GEISLER e NIX, 1997. p. 155). Lima reforça a definição dessa corrente hermenêutica ao afirmar que, “

Uma forma de abordagem, nesse sentido, ficou conhecida como *crítico-histórico*. Nessa linha de abordagem, os eruditos tentam descobrir “o que realmente aconteceu”, ou seja, a história verdadeira por trás das narrativas, uma vez que não são aceitas como fidedignas. (LIMA, 2012. p. 32-33).

Além do método histórico-crítico há também o método histórico-gramatical, de vertente protestante reformada. É o método Histórico-Gramatical, que busca encontrar o sentido do texto por meio de uma acurada análise do contexto histórico, cultural, linguístico e gramatical do texto bíblico, cujas remetem aos reformadores,

como afirma Lopes: “Havia a preocupação dos reformadores em chegar ao sentido óbvio, claro e simples de cada passagem das Escrituras. E isto seria feito pela observação cuidadosa da gramática e do contexto” (LOPES, 2007. p. 161).

1.2.2. Quanto aos destinatários

Os modos de interpretação de Apocalipse estão relacionados à discussão em torno dos destinatários do livro e do período em que os eventos acontecem. Para alguns estudiosos, como se mencionará a seguir, o livro trata sobre os eventos e públicos apenas do período do Apóstolo João. Essa linha de interpretação é conhecida como Preterista.

Para outros, o conteúdo do livro especifica apenas o período do futuro. Esses são os futuristas. Outros ainda consideram que o livro trata de eventos no decorrer de toda história, inclusive eventos anteriores à escrita do livro, mas com ênfase progressiva às questões futuras. Essa linha de interpretação é denominada como Idealistas. Vamos, então, descrever sucintamente cada uma das abordagens teóricas nessa perspectiva que considera o destinatário do livro de Apocalipse.

1.2.2.1. Preterista

De acordo com essa corrente de interpretação, os eventos do livro de Apocalipse já aconteceram no período do primeiro século, como afirma Kistemaker, “em conformidade com este ponto de vista, tudo o que está registrado no Apocalipse já se cumpriu no primeiro século, tempo em que João escreveu este livro” (KISTEMAKER, 2004, p. 60). Defendem ainda que alguns eventos chegaram a acontecer alguns anos após o primeiro século. A dificuldade dessa interpretação, bem como sua imprecisão está na constatação de que não consegue fornecer respostas satisfatórias aos eventos futuros descritos no livro, como cataclismas relatados nos capítulos 6 a 8, e o julgamento final do capítulo 20.

1.2.2.2. Historicista

A perspectiva historicista interpreta os eventos do Apocalipse como eventos de natureza contínua no decorrer da história, e tentam fazer uma análise convergente entre a história secular e a história religiosa. Um exemplo disso, como afirma Kistemaker, foi o caso de “Joachim de Fiore, que morreu em 1202, que considerava a besta emergida do mar (13. 1) como sendo o Islã, o qual foi fundado pelas cruzadas. Os reformadores do século 16 identificaram o papa e o papado com o anticristo.” (KISTEMAKER, 2004, p. 62-63). A dificuldade de encontrarmos fundamento nessa interpretação é o fato de que uma grande quantidade de eventos do Apocalipse tem uma aplicabilidade imediata ao primeiro século como por exemplo as sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor, descritas nos capítulos dois e três de Apocalipse.

1.2.2.3. Futurista

A interpretação futurista considera que a maior parte dos eventos de Apocalipse acontecem no futuro, especialmente os eventos relatados a partir do capítulo 4. Kistemaker afirma que “os proponentes enfatizam que as profecias deste livro se cumprirão um pouco antes, durante e depois do regresso de Jesus à terra. (...) Essa visão do Apocalipse é escatológica e põe ênfase no dia do regresso de Cristo” (KISTEMAKER, 2004, p. 64). Todavia, parece evidente que a fragilidade desta interpretação é também o fato de que os primeiros capítulos não tratam sobre o futuro, mas sobre problemas que a igreja primitiva da Ásia Menor estava passando.

1.2.2.4. Idealista

A última linha de interpretação é a idealista. De acordo com Kistemaker, “ela interpreta o Apocalipse como livro de princípios que contrastam o Cristo vitorioso e seu povo com um Satanás derrotado e seus seguidores”. (KISTEMAKER, 2004, p. 65). Kistemaker resume essa corrente afirmando que “o apocalipse não é uma história de eventos que têm ocorrido no passado, ou uma profecia de eventos que

acontecerão no futuro. É um livro que enche o povo de Deus com conforto e motivação para suportar até o fim.” (KISTEMAKER, 2004, p. 65).

Podemos afirmar, como escreve Kistemaker, que: “Os idealistas enfatizam os princípios neste livro de modo que sua mensagem seja aplicável aos cristãos de todas as gerações, desde o tempo de João até o fim das eras.” (KISTEMAKER, 2004, p. 65). Como encontramos evidências internas que apontam para eventos do primeiro século, eventos do decorrer da História, eventos que retratam o fim, aliando elementos intertextuais e interdiscursivos com os livros do Antigo Testamento, bem como exortações à igreja, parece-nos que essa linha de interpretação encontra mais embasamento lógico e textual.

Nossa linha de interpretação então terá como referência interpretativa inicial a linha Idealista, por considerar que, de acordo com evidentes dados do conteúdo de Apocalipse, temos claras referências históricas, que remetem ao período do Primeiro Século, assim como referências ao que João afirma que ainda acontecerá no futuro, e ainda em um futuro mais distante, qual seja, a eternidade. Concluímos que o livro de Apocalipse não trata apenas de eventos do período de João, nem apenas a eventos futuros, mas de ambos os tempos, através de focos específicos bem como um foco duplo, no passado, no presente e no futuro.

1.3. Elementos Intertextuais e Interdiscursivos de Apocalipse:

Os primeiros destinatários do livro de Apocalipse eram os cristãos que viviam na Ásia Menor. Os cristãos tinham familiaridade com a Bíblia da época, qual seja, o Antigo Testamento. Por isso, João aproveita este conhecimento dos cristãos da época, e faz diversas referências a textos, figuras, imagens, personagens e ventos do Antigo Testamento. Os exemplos são inúmeros. João fala do altar. Fala também da antiga serpente, lembrando da serpente do jardim do Éden. Faz referência ao monte Sião, à Jerusalém. Faz referências a personagens do Antigo Testamento, como Jezabel, Balaão.

O livro de Apocalipse cita também a árvore da vida, a mesma que é citada em Gênesis. Isto torna imprescindível que o leitor conheça o Antigo Testamento, caso queira fazer uma leitura realmente proveitosa de Apocalipse. Kistemaker afirma que “os quatrocentos e quatro versículos do Apocalipse divulgam umas quinhentas

alusões ao Antigo Testamento. Para ser preciso, há quatorze citações incompletas do Antigo Testamento.” (KISTEMAKER, 2004, P. 31).

Vale ressaltar o significado de intertextualidade. Como afirma... “o termo ‘intertextualidade’ sugere uma relação externa entre textos, e, ao que parece, é nesse sentido que o termo vem sendo usado.” (MACIEL, 2017, P. 149). Aprofundando um pouco mais, Fiorin distingue intertextualidade e interdiscursividade, afirmando que o intertexto é a materialização do interdiscurso, e este, por sua vez, é resultado da relação dialógica que se configura como relação de sentido. Assim, Fiorin afirma:

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aqueles que se dão entre textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. O termo *intertextualidade* fica reservado apenas para os casos em que a relação discursiva é materializada em textos. Isso significa que a intertextualidade pressupõe sempre uma interdiscursividade, mas que o contrário não é verdadeiro. (FIORIN, p. 181, 2005).

Apocalipse é repleto de aspectos intertextuais resultantes de um interdiscurso entre o Novo e o Antigo Testamento. O capítulo terceiro de Apocalipse faz referência à Jezabel e a Balaão, que são personagens típicos do Antigo Testamento. Faz referência ainda à antiga serpente (Ap. 12), que em Apocalipse muda para o estado de um grande dragão vermelho. Lima, tratando sobre a intertextualidade entre Gênesis e Apocalipse, destaca o paralelo existente entre os textos de Apocalipse 12 e Gênesis 3, ao afirmar que: “Nota-se que o capítulo 12 de Apocalipse reverbera, amplia e interpreta a antiga narrativa do capítulo 3 de Gênesis. Os dois textos falam de uma mulher grávida que sofre as dores de parto, sobre um filho (descendente) da mulher, mostram o inimigo (dragão-serpente), e, principalmente, mencionam uma inimizade.” (LIMA, p. 166, 2012). Há constantes referências à Jerusalém celestial, contrastando com a Jerusalém terrena. Também há referências ao Tabernáculo e à árvore da vida. Além de tantas outras referências vetero-testamentárias, o que evidencia o aspecto intertextual de Apocalipse e o Antigo Testamento.

Após descrevermos os principais aspectos do livro de Apocalipse e de apresentarmos as principais linhas de interpretação a respeito desse livro, passaremos à análise narrativa do livro de Apocalipse baseados na teoria semiótica

de linha francesa, em que trataremos da narratividade e da discursividade do Apocalipse.

2. A NARRATIVIDADE DE APOCALIPSE

Tendo descrito, no primeiro capítulo desta tese, um panorama analítico do Livro de Apocalipse, passaremos, a partir do segundo capítulo, a explorá-lo mais especificamente sob a perspectiva da semiótica discursiva, que é o pressuposto teórico-metodológico deste trabalho.

A semiótica se preocupa fazer análises de transformações que ocorrem no mundo. Essas transformações são a base da narratividade na semiótica. Quando há um sujeito que provoca alguma transformação de estado, então temos uma premissa semiótica de uma narrativa. Nesse sentido, então, o livro de Apocalipse mostra-se como um campo frutífero para as análises, uma vez que o tema central do livro está relacionado a uma série de transformações. A igreja, que em seu momento embrionário desfrutava de paz, sofria uma transformação do estado de harmonia para o estado de perturbações provocadas por elementos externos e internos. João, por sua vez, tenta reanimar a igreja, narrando promessas de futuras transformações promovidas por Jesus.

A semiótica, enquanto teoria que procura explicar o sentido de um texto pelo exame de seu plano de conteúdo, dividido e organizado em etapas pelo que ficou conhecido como Percurso Gerativo de Sentido, que contém três níveis. O primeiro nível é o nível fundamental.

O Nível Fundamental é o nível das estruturas mais simples e abstratas. É nesse nível que aparece a significação como oposições semânticas mínimas, como, por exemplo, a oposição entre vida e morte, opressão e liberdade, força e fraqueza, entre outras. A linha sintagmática de Apocalipse, bem como sua coerência semântica desenvolvem-se especialmente a partir dos valores descritivos de liberdade e opressão, bem como os valores eufóricos decorrentes destes dois valores.

O segundo nível do percurso gerativo de sentido é o nível narrativo, será estudado neste capítulo. Este nível organiza-se a partir do ponto de vista do sujeito. É onde se efetivam as transformações que o sujeito opera no mundo, ou seja, no objeto. Essas transformações se dão quando o destinador, através dos valores modais, dá ao sujeito competência, para ele, através de uma performance, possa

estabelecer um tipo de relação com o objeto, a fim de obter a sanção esperada pelo destinador-julgador. A manipulação ocorre quando o destinador-manipulador tenta promover um contrato fiduciário, ou seja, de confiança, para que o sujeito realize a transformação de estado da relação do sujeito com o objeto. A manipulação é, esquematicamente, organizada em quatro categoriais: tentação, provocação, intimidação ou sedução.

O terceiro nível, que é o nível que abordaremos no terceiro capítulo da tese, é o discursivo, no qual se evidencia o enunciador e o enunciatário, que estavam implícitos no texto, e onde também se operacionaliza as debreagens e desembreagens, por meio do estudo da pessoa, lugar e tempo. É nesse nível que aparecem as figuras e temas, que dão os indícios ideológicos do texto. Por ter um teor mais concreto, deixamos o estudo desse nível para o terceiro capítulo.

Faz-se necessário ressaltar o escopo essencial de um enunciado no nível narrativo. O enunciado pode se revelar como enunciado de estado e enunciado de fazer. Para a semiótica, um enunciado se estabelece quando há uma relação de transitividade entre dois actantes, os quais, após receberem características semânticas passam a ser denominados como sujeito e objeto, relação na qual aquele age e visa à sua transformação de estado para alterar sua relação com este.

A relação sujeito e objeto é uma relação de junção (conjunção ou disjunção), que definem um estado, formando a base da narratividade. A narratividade é uma sequência de transformações de estados realizada por um sujeito. Temos também os enunciados que definem um fazer, um enunciado de transformação. Os objetos, por sua vez, podem ser entendidos por meio de valores descritivos ou valores modais. Os valores descritivos podem se referir a coisas ou questões de valores eufóricos, que em estado de disjunção passam a ter uma conotação disfórica. Já os valores modais têm uma direta relação com a competência do sujeito. São eles o dever-fazer ou querer-fazer, poder-fazer e saber-fazer.

No nível narrativo, pretendemos estudar os capítulos segundo e terceiro de Apocalipse, que narra sobre as sete cartas direcionadas por Jesus às sete igrejas da Asia Menor. As razões para este recorte se dão pelo fato de que, como dito no primeiro capítulo, as sete cartas resumem o que João pretende tratar no livro todo de Apocalipse, pois nessas cartas residem exortações claras e diretas, enquanto no

restante do livro essas exortações aparecem descritas por meio de figuras, as quais estudaremos no terceiro capítulo da tese.

Como vimos no primeiro capítulo, as cartas às sete igrejas do Apocalipse parecem conter uma estrutura padrão, em que João traz uma palavra de incentivo, exortação e consolo às igrejas. A estrutura parece conter sete partes, sendo uma descrição de um dos atributos de Jesus narrados no capítulo primeiro, depois um diagnóstico da situação daquela igreja, em seguida uma palavra de elogio àquela igreja, depois uma crítica, uma exortação, uma promessa, e, finalmente, uma exortação às igrejas para que deem ouvidos à voz do Espírito Santo.

O destinador é o Apóstolo João. Ele descreve Jesus como o sujeito do enunciado e a Igreja como o objeto e, ao mesmo tempo, sujeito-destinatário, como ficou evidenciado no primeiro capítulo da tese. Na carta às sete igrejas percebemos inicialmente um enunciado de estado. Em cada uma das sete igrejas, João trabalha a disjunção de valores específicos para cada uma delas. Geralmente, valores descritivos, como vida, liberdade, segurança, ânimo, esperança, moralidade e fidelidade. Um dos valores que mais se evidenciam nas cartas e em todo o livro é a vida, pois o livro de Apocalipse faz constante referências aos mártires daquele período. As igrejas se encontravam em um estado disjunção com a vida, pois muitos fiéis estavam morrendo como mártires. Esta situação provocou na igreja um estado de disjunção com outros valores descritivos eufóricos, resultando em um estado de desânimo e tentação à infidelidade e à imoralidade, como pôde ser visto nos capítulos segundo e terceiro de Apocalipse. Trata-se, assim, da ameaça de adesão da igreja a um outro programa narrativo, ligado aos valores da infidelidade e da imoralidade. Em outras palavras, João tenta, por meio de sua manipulação, evitar a passagem da igreja para um anti-programa narrativo.

Como vimos, a igreja estava em disjunção com o objeto de valor, a vida. Colocando de outra forma, quando o sujeito fica em disjunção com o seu objeto de valor, observamos que a vida de muitos fiéis da igreja, segundo o relato de Apocalipse, está ao mesmo tempo em relação de privação com o objeto-valor. Por consequência, o destinatário perde sua fé, que passa a ser tema predominante, depois das categorias de morte e vida.

É necessário esclarecermos que a sequência canônica do percurso gerativo de sentido pode ser organizada a partir de modos diversos, uma vez que se encadeiam em função de relações de pressuposição, podem ser entendidas mesmo não sendo descritas. Desse modo, partes podem ser suprimidas ou enfatizadas sem assim trazer prejuízos à compreensão do texto.

Muitas narrativas não contêm apenas uma sequência canônica da estrutura narrativa, que podem encaixar-se umas nas outras ou suceder-se. Por isso, no texto de Apocalipse a aplicação da sequência canônica demonstrar-se-á volátil. Assim, apesar de a sequência canônica ocorrer pelas etapas da Manipulação, Competência, Performance e Sanção, veremos que essa ordem sofre alterações, mas com o intuito de respeitarmos o curso natural da narrativa de Apocalipse, que se manifesta através de diversos programas narrativos. A ordem fica, assim, da seguinte forma, como uma espécie de decupagem da narrativa em Apocalipse:

2.1. O Primeiro Programa Narrativo: O Diabo como sujeito Manipulador.

2.1.2. Manipulação:

Neste primeiro programa narrativo o Diabo, como anti-destinador-manipulador, visa a manipular a igreja para passar do estado de fiel para infiel, de pura para impura, de feliz para infeliz, de crédula para incrédula, de viva para morta, e ainda, a manter-se em seu estado; como anti-sujeito, busca transformar o estado da igreja, privando-a de seus objetos de valores descritivos, como vida, fé, pureza, ânimo, esperança. Neste programa narrativo o Diabo apresenta-se como o Sujeito do fazer, tendo como ação ferir a integridade física, moral e psicológica da igreja através de seus representantes, quais sejam, de acordo com João alguns judeus e autoridades romanas da época. Como Sujeito de Estado temos a Igreja. Esta encontra-se em Disjunção, pois perde sua Integridade física, moral e psicológica. Assim a igreja tem como objeto de valor positivo e eufórico: Passar a querer de volta a integridade devido a sua relação Disjuntiva (Privação) com esta.

Iniciamos, então, a análise a partir de um primeiro programa narrativo, que trata do Diabo como o sujeito do fazer, e a igreja como o sujeito de estado. Nessa primeira análise trataremos das etapas da Manipulação, onde o Diabo tenta,

intimida, seduz e provoca a igreja para que ela perca seu objeto de valor eufórico, qual seja, sua integridade, desde suas dimensões físicas, psicológicas e morais, como fica evidente no seguinte processo de manipulação:

2.1.3. Tentação:

Na carta à Igreja de Tiatira, da Ásia Menor, Jesus critica a igreja por ser tolerante ao pecado ao ceder à tentação das relações sexuais ilícitas, ou seja, alguns cristãos estavam cedendo à tentação da promiscuidade, que era oferecida pelas prostitutas cultuais, do Império Romana, nos cultos dos deuses gregos, além de comerem carnes (sobra de carne dos animais sacrificados nos templos pagãos), como podemos observar na carta à igreja de Pérgamo: “Tenho, todavia, contra ti, algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem carne sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição.” (Ap. 2. 14).

O manipulador desse estado da igreja era Satanás. O versículo que antecede a este supracitado é o que João descreve da seguinte forma: “[...] entre vós, onde Satanás habita.” (Ap. 2. 13). Segundo João, Satanás estava tentando a igreja se contaminar com carnes sacrificadas aos ídolos, e a se contaminar com prostituição, para então, privar a igreja de seu estado de fidelidade e pureza.

João ainda fundamenta seu argumento quando faz uma relação intertextual com a literatura do Antigo Testamento, ao citar personagens como Balaão e Balaque. O Antigo Testamento descreve Balaão como um profeta que estava sendo coagido por Balaque a proferir palavras de maldição sobre os israelitas. Este episódio está descrito no livro de Números, capítulo 22 a 24.

Considerando que a maior parte dos primeiros cristãos eram judeus convertidos ao cristianismo, e que o nome Balaão é um nome carregado semanticamente, pois remete, na memória judaica, a um período de constante entrave na história de Israel, João utiliza este nome para mostrar que a tentação de Satanás traz as consequências que fizeram Israel sofrer no Antigo Testamento.

O ponto central aqui é a tentativa de Satanás de fazer os fiéis perderem seu estado de pureza e fidelidade. Pureza por tentar os fiéis a se prostituírem, como

vimos no texto, e fidelidade por tentar os fiéis a comeram comidas proibidas pela lei de Moisés, comidas sacrificadas a ídolos.

O que João pretende mostrar é que, em alguma medida Satanás conseguiu provocar uma performance na igreja, onde ela passou do estado de pura para impura, de fiel para infiel. Satanás fez isto oferecendo a alguns fiéis da igreja de Pérgamo os objetos de valores descritivos, como os prazeres sexuais e alimentares.

João reforça seu argumento também para a igreja de Tiatira. De forma semelhante, em Tiatira Satanás estava usando uma mulher, a qual João denomina como Jezabel. João fazer esta relação intertextual com o Antigo Testamento aqui também, pois ele recorre a narrativa do Antigo Testamento que narra sobre a história de uma rainha que estava fazendo o povo se desviar moral e doutrinariamente. O texto afirma: “Tenho, porém, contra ti, o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesmo se declara profetiza, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem prostituição e a comerem coisas sacrificadas a ídolos.” (Ap. 2. 20).

O sujeito, então, que estava intermediando esse processo de tentação era uma mulher denominada Jezabel. Aqui há um processo intertextual com o Antigo Testamento, no livro dos Reis de Israel, que narra a insurgência de uma rainha em Samaria, que levou muitos israelitas a aderirem ao pluralismo religioso, ato expressamente proibido pela lei de Moisés. Dentro da literatura bíblica como um todo, o Diabo está por trás das tentações, e isto desde Gênesis, até a tentação de Jesus no deserto. João reforça este adjetivo de tentador ao Diabo, quando afirma em Apocalipse 12. 9: “Diabo, o sedutor de todo o mundo”. Nesse sentido, Jesus associa essa tentação na igreja de Tiatira à ação do Diabo, como pode ser visto no texto de Apocalipse 2.20–24:

Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher Jezabel, que a si mesma se declara profetiza, não somente ensine, mas ainda *seduza os meus servos* (grifo nosso) a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não

conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás. (Apocalipse 2. 20-24).

O objetivo do Diabo ao tentar levar os cristãos a caírem em tentação foi fazer a igreja perder seu objeto de valor: a sua integridade moral. Os princípios morais e éticos são para a igreja da mais alta valia, pois trata-se dos ensinamentos morais apregoados pelo fundador da igreja, Jesus. Assim, o Diabo age, tentando tirar a integridade moral da igreja, através do processo de tentação. Dentro ainda do aspecto de intertextualidade, percebe-se que João pretende despertar a memória dos judeus cristãos de sua época sobre as consequências de aderirem à idolatria e imoralidade propostas pelo tentador, ressaltando um nome nesse sentido emblemático para Israel, o nome Jezabel.

2.1.1.2. Intimidação:

O Diabo age como um destinator-manipulador intimidador, a fim de operar uma disjunção do objeto de valor da igreja, qual seja a sua integridade física e psicológica. Essa intimidação acontece através de uma forte oposição, em que o Diabo insurge contra a igreja de Pérgamo através de autoridades romanas. Ao fazer uma referência à essa oposição João utiliza o termo trono, como podemos ver:

Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. (Apocalipse 2. 12-13).

Neste texto supracitado, João faz referência não o trono romano, e sim o trono de Satanás, para demonstrar que quem estava por trás dessas perseguições das autoridades aos cristãos era, na verdade, o Diabo, fazendo ecoar as palavras do Apóstolo Paulo, que afirma que a luta cristã não é contra os seres humanos, mas contra o Diabo: “Porque a nossa luta não é contra carne ou sangue, e sim contra as forças espirituais do mal” (Ef. 6. 12-13). A perseguição era tão intensa que provocou a morte de muitos cristãos, como foi o caso de um deles, que se chamava Antipas, que, intencionalmente ou coincidentemente, significa “contra todos”. No texto Jesus

reconhece que a igreja estava sofrendo intimidações do Diabo através das autoridades romanas da época, como fica evidente em suas palavras à igreja: “Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita” (Apocalipse. 2. 13). A palavra trono em Apocalipse é uma das palavras mais usadas pelo apóstolo João, pois seu objetivo com esse uso é fazer um contraste entre governos, no qual, de um lado há, o governo de Cristo em seu trono, em oposição ao governo de Satanás, que trava uma batalha constante com Cristo, usando tronos humanos (os governantes humanos) para oprimir a igreja.

Percebemos ainda, no versículo 13, uma referência à morte de um cristão, Antipas, devido a esta oposição das autoridades, que João descreve Satanás como mentor espiritual. Dessa forma, Satanás configura-se como um manipulador, ao tentar provocar uma transformação no estado de alegria para o estado de tristeza, ou, infelicidade. Isto ele faz através da intimidação. Assim, temos o seguinte percurso:

- **Sujeito do fazer:** Diabo:
- **Ação do Diabo:** Ferir:
- **A integridade física:** Apocalipse 2.10: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.”

A igreja era considerada, desde os seus primórdios como uma igreja pura. Em Atos dos Apóstolos capítulo dois, Lucas relata que a igreja persevera na doutrina dos Apóstolos, na comunhão, no partir do pão, e contava com a simpatia de todo o povo. Mas esta igreja estava sofrendo manipulação do Diabo, com o objetivo de deixá-la em um estado de disjunção com sua pureza, levando-a a se prostituir para atingir sua integridade moral, como se ver através da visão que João descreve do mundo, ilustrado como a grande babilônia:

Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável,3pois todas as

nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria. 4 Ouvi outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos. (Apocalipse 18.2-4).

João coloca Satanás como manipulador também quando este intimida a igreja, tirando-lhe seu objeto de valor, sua integridade psicológica, trazendo sobre ela tristeza, angústia ao promover privações materiais, como podemos verificar em Apocalipse 2. 9: “Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás.”

2.2. Segundo Programa Narrativo

Antes de tudo é necessário ressaltar que esta análise não se trata de um trabalho teológico ou dogmático, mas, antes, de um estudo linguístico a partir da semiótica discursiva, e, como tal, se utiliza de terminologias e metalinguagem com aplicações próprias e específicas. Neste sentido a palavra manipulação (bem como intimidação, tentação, sedução, provação) não está sendo usada aqui a partir de um referencial moral e ético, mas a partir da aplicação técnica utilizada pela semiótica.

Manipulação, dentro da semiótica discursiva refere-se a um percurso narrativo em que um destinador manipulador atribui ao destinatário-sujeito a competência semântica e modal necessárias à ação. No que se refere à Jesus como sujeito-manipulador, utilizamos este termo apenas no sentido semiótico, para referir-se à ação transformadora que Jesus promove na igreja concedendo-lhe competência para performar de um estado para outro, como por exemplo, do estado de infidelidade para fidelidade, para ao final lhe sancionar positivamente.

Podemos perceber pelo teor das sete cartas às sete igrejas do Apocalipse, que o destinador inseri um novo sujeito manipulador, Jesus. Enquanto no primeiro programa narrativo Satanás é o sujeito manipulador, que promove uma performance na igreja, privando-a de sua integridade física (com mortes, fome e tribulações), integridade psicológica (com perseguições) e integridade moral (levando-a, por vezes, a se evolver com idolatria e prostituição), agora, no segundo programa

narrativo João aponta Jesus como o sujeito manipulador, tentando restaurar a igreja para seu estado de conjunção com sua integridade moral, física e psicológica. João demonstra que Jesus manipula a igreja, lhe dando competência, para que esta venha performar positivamente, a fim de lhe sancionar positivamente.

2.2.2. A Manipulação:

Nesse segundo programa narrativo, Jesus busca provocar a transformação do estado de desânimo, infidelidade e desesperança da igreja, ao estado de esperança, fé e fidelidade, prometendo-lhe os objetivos de valores descritivos, como a vida e o perdão, com o intuito, por meio dessas promessas, dar competência à igreja, a fim de que ela venha a performar positivamente, para receber dádivas futuras, como resultado de sanções positivas.

Como vimos no primeiro programa narrativo, o sujeito da ação era Satanás, o qual provocou uma transformação na igreja, ao causar-lhe a disjunção de seus objetos de valores, quais sejam: Sua integridade física, psicológica e moral. Isto se evidenciou com a morte de muitos cristãos relatados por João no capítulo 6, como segue:

Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? (Apocalipse 6. 9-10).

Segundo João, Satanás suprimiu a integridade física dos fiéis quando lhes provocou a morte por intermédio das autoridades da época. Além disso, como vimos no primeiro programa narrativo, Satanás também suplantou a integridade moral da igreja, quando a fez corromper-se com prostituições e idolatrias. E ainda, tirou a integridade psicológica da igreja, quando lhe submeteu a tribulações, fome e perseguições.

No segundo programa narrativo, Jesus passa a ser o sujeito da ação, tentando manipular a igreja, prometendo-lhe restaurar sua integridade física, através da ressurreição final, sua integridade moral, transformando o caráter e o corpo dos fiéis no novo céu e nova terra; e, finalmente, a integridade psicológica, livrando-a da tristeza e dor.

Nessa perspectiva, podemos perceber que nas sete cartas Jesus sempre faz promessas de restaurar a conjunção da igreja com os objetos de valor descritivos que ela perdera, como integridade física dos fiéis, integridade psicológica e moral. Verificaremos, a partir de então, o fazer dessa manipulação de Jesus. A integridade física da igreja, por exemplo, será restaurada, de acordo com João, quando esta for poupada da morte eterna, denominada no texto como segunda morte, como podemos verificar em Apocalipse 2:

Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida.¹¹ Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte (Apocalipse 2.10–11).

2.2.2.1. **Tentação** – Poder-fazer-querer-fazer (valores positivos):

Os destinatários são manipulados através da tentação quando o autor procura conferir-lhes competência para performar por meio de uma promessa: “Ao vencedor dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.” (v. 7). “Ao vencedor dar-lhe-ei do maná escondido...”. (Ap. 2. 17). A árvore da vida é uma figura que remete à ideia de vida eterna.

Aqui podemos inferir novamente o diálogo intertextual entre Gênesis e Apocalipse trazido por João. O cristianismo assevera que humanidade perdeu a vida eterna desde Adão, porque quando comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 3), foi privado de ter acesso à comunhão com Deus, tipificada na figura da árvore da vida (Gênesis 3. 23-24). Diante da morte de muitos cristãos no primeiro século, e diante das iminentes prisões e mortes, Jesus estimula a Igreja a ter esperança e fidelidade, com uma promessa tentadora, que era de poder alimentar-se espiritualmente, de maneira plena e eterna da árvore da Vida. Aqui Jesus voltar a enfatizar os valores semânticos de vida e morte. Faz-se necessário acrescentar que tentação aqui não é usada no sentido comumente usada pela cristandade, que a utiliza como termo para descrever o processo de tentativa de levar outrem a quebrar regras morais. Tentação aqui é utilizada como procedimento de despertar no outro o desejo de cumprir a vontade do destinador por meio da ação estabelecida pelo contrato fiduciário, que prevê uma espécie de prêmio por meio da sanção pragmática positiva. No caso em voga, Jesus destinador-manipulador, tenta

tornar a igreja competente a poder-fazer sua parte contratual de fidelidade a ele próprio.

O destinador reforça a restauração da vida como objeto de valor, quando expande, no final do livro, as promessas de uma vida plena e abundando, ao descrever o novo céu e nova terra, como segue:

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. (Apocalipse 21. 1-4).

Por causa da perseguição, os féis estavam sendo tentados a performar em favor do primeiro manipulador, Satanás. Então Jesus, através da tentação, busca causar uma transformação no estado da igreja, a fim de lhe restaurar a alegria, esperança e fidelidade.

2.2.2.2. **Intimidação** – Poder-fazer-dever-fazer (valores negativos):

No primeiro capítulo de Apocalipse João descreve Jesus como um juiz. Para a cultura judaica do Antigo Testamento, os juizes eram tidos como anciões. João descreve Jesus como tendo cabelos brancos como a alva lã. Além disso, João faz um diálogo interdiscursiva com a literatura do Antigo Testamento, quando faz uso da figura do fogo, que remete a juízo. Na descrição que João faz de Jesus, ele ressalta a figura do fogo, quando narra Jesus como tendo chamas de fogo em seus olhos, possivelmente para ilustrar o julgamento de Jesus como juiz. Essa descrição fica evidente na narrativa de João, como segue:

Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes tálares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado

numa fornalha; a voz, como voz de muitas águas. Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força. (Apocalipse 1. 12-16).

No versículo 5 podemos perceber como Jesus ameaça, como juiz, a igreja, a fim de que ela cumpra sua vontade: “Se não venho a ti, e removerei do teu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas.” (v. 5). Para manipular a igreja no sentido de dar-lhe competência para sair de seu estado de desânimo e desesperança, bem como para estimulá-la a se purificar e ser fiel, Jesus a intimida, prometendo o ato de disciplina e correção, evidenciado frase: “removerei o teu candeeiro”. De acordo com o Ap. 1. 20, candeeiro em Apocalipse significa a igreja. Nesse sentido, Jesus intimida a igreja, ameaçando-a tirar-lhe o aspecto de igreja física, para assim, motivá-la a perseverar por meio de um sentido de dever.

Jesus ainda tenta promover transformação no estado de infidelidade da igreja, intimidando-a com a ameaça de correção, ao afirmar: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê zeloso e arrepende-te”. (Ap. 3. 19).

2.2.2.3. **Sedução** – Saber-fazer-querer-fazer (valores positivos):

Na sedução, o destinador-manipulador ressalta valores positivos no sujeito manipulado. Jesus, como sujeito da ação, ressalta em Apocalipse 2. 19 uma imagem positiva da igreja, a fim de dar-lhe competência à performance transformadora. Ele o faz quando escreve:

- à igreja de Éfeso:

“Ao anjo da igreja em Éfeso escreve: Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro: Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer.” (Apocalipse 2. 1-3).

- À Igreja de Tiatira ele diz: “Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras” (Ap. 2. 19).
- À igreja de Filadélfia:

Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve:

Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: 8 Conheço as tuas obras —eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar —que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. 9 Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei. 10 Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. (Apocalipse 3. 7-10).

Como vimos, aqui Jesus tenta seduzir as igrejas, elogiando-as e evidenciando suas qualidades, para então motivá-la a voltar a um estado de conjugação com sua fidelidade moral e ao estado de esperança.

2.2.2.4. **Provocação** – Saber-fazer-dever-fazer (valores negativos):

Os destinatários são provocados quando recebem a seguinte palavra de Jesus: “Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente. Assim, porque és morno, nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca.” (Ap. 3. 15). Parece-nos evidente aqui a atitude de Jesus em provocar a igreja, quando afirma: “quem dera fosses frio ou quente”. Assim, Jesus intenciona despertar a fidelidade da igreja, provocando-a a despertar-se da letargia espiritual.

Jesus também tenta promover a transformação do estado de infidelidade da igreja de Laodiceia, quando usa o recurso da ironia, ao afirmar: “Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifestada a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas”. (Ap. 3. 18). Essa fala de Jesus vem de encontro ao posicionamento arrogante da igreja, ao dizer-se rica, abastarda,

e que não precisa de nada (Ap. 3. 17). Para contextualizar esses dizeres da carta, recorreremos ao comentário de Kistemaker, que ao falar sobre a igreja de Laodiceia afirma:

As evidências indicam que a igreja havia adotado as normas de Laodiceia e as aplicara à esfera espiritual. Por exemplo, a cidade, conhecida como um centro financeiro, havia construído edifícios, portões e torres grandes logo depois do terremoto que destruíra a cidade. Ela se orgulhava de sua independência e de sua capacidade de ajudar os vizinhos que havia sofrido a mesma calamidade. (KISTEMAKER, 2014. p. 231).

Como pudemos observar, o destinador descreve Jesus como sujeito manipulador sobre os destinatários, as sete igrejas da Ásia Menor, a fim de lhe restaurar a fidelidade e a esperança, doravante extraídas das igrejas pelo primeiro sujeito manipulador, como demonstramos no primeiro programa narrativo.

2.2.3. Competência²⁴:

Querer-fazer:

Já no corpo das cartas às sete igrejas João demonstra que a igreja tornou-se competente para realizar a performance desejada por Jesus: “Conheço as tuas obras, que tens pouca força, entretanto guardaste a minha palavra.” (v. 8). Aqui Jesus demonstra que a Igreja, apesar de enfraquecida pelas investidas do Diabo, guardou sua integridade moral, ou seja, guardar a palavra de Cristo. Jesus ressalta a ação da igreja de querer-fazer a prática da sua palavra, evidenciando a mudança de estado de infidelidade para fidelidade. João ressalta ainda esta competência da igreja, ao retratá-la no final do livro como uma igreja pura, tal qual noiva virgem a seu noivo:

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de

²⁴ Segundo Barros, competência é: “um tipo de programa narrativo, em que o destinatário-sujeito recebe do destinador qualificação necessária à ação.” (BARROS, p. 80. 2005).

Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. (Apocalipse 21. 1-4).

Dever-fazer:

No versículo onze do terceiro capítulo, Jesus dirige a seguinte ordem à igreja de Filadélfia: “Conserva o que tens.” (v. 11). Nessa exortação de Jesus, evidencia-se o dever da igreja, que era o dever de conservar o que ela ainda tinha de perseverança e esperança. O objetivo de Jesus aqui é ressaltar a competência à igreja para o seu dever-fazer, a fim de provocar nela a performance esperada.

Saber-fazer:

João atesta que Jesus conseguiu que a igreja de Filadélfia performou, tal qual intentou no processo de manipulação: “Não negaste o meu nome”. (v. 8). Ao que nos parece aqui, o fato de que a igreja não negou o nome de Jesus, demonstra que ela conhecia o caminho para a fidelidade, tanto conhecimento teórico como prático, no sentido de colocar em prática a fidelidade ao nome de Jesus.

Poder-fazer:

João descreve a igreja como uma cidade perfeita, e uma noiva pura. “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.” (Apocalipse 21. 2). Nesse versículo manifesta-se o estado final da Igreja, depois de enfrentar as lutas contra o Diabo e contra a morte, e vencer, através da vitória de seu soberano Jesus, promovendo ao final um novo estado, um estado glorioso, em que ele é revelado como uma nova Jerusalém. Esse estado final comprova que, de fato, a igreja tornou-se competente e adquiriu forças e ânimo para continuar sua caminhada, confiante de que seu Senhor lhe restituiria sua integridade moral, psicológica e física. A igreja então realiza uma performance a ponto de poder-fazer sua parte contratual de fidelidade.

2.2.4. Performance²⁵:

A Igreja se torna fiel e esperançosa. Demonstraremos como o texto de Apocalipse evidencia o modus operandi da transformação da igreja. Alguns trechos de Apocalipse já evidencia a repercussão dessa performance da igreja, como Apocalipse 2. 3: “e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer”. Jesus atesta que a igreja não se deixou esmorecer, ou seja, continuou firme. Em Apocalipse 2. 6 João escreve: “Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio.” Nesse ponto Jesus evidencia que a igreja assimilou sua manipulação, passando a restabelecer sua integridade moral subtraída pelo Diabo. Isso fica evidente quando Jesus declara que a igreja odiava o que Jesus odeia, ou seja, a imoralidade e impureza. Em Apocalipse 2.19 João escreve: “Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras.” Aqui Jesus esclarece que a igreja voltou a praticar mais obras, depois do processo de manipulação exercido por ele, a fim de reanimá-la. Em Apocalipse 3.4, João escreve: “Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas;”. Mais uma vez Jesus revela que a igreja retomou sua integridade moral, quando o texto relata sobre algumas pessoas que não se contaminaram.

2.2.5. A transformação:

Podemos verificar o resultado da manipulação exercida sobre a igreja, quando vemos em algumas partes de Apocalipse trechos em que João apontam uma transformação no estado da igreja. Para ressaltar, por exemplo, que a igreja passou a um estado de conjunção com sua fidelidade, João escreve que ela performou como testemunhas fiéis de Jesus:

Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. 4 São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra. 5 Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve

²⁵ De acordo com Barros, performance “é o programa narrativo que representa a ação do sujeito que se apropria, por sua própria conta, dos objetos-valor que deseja.” (BARROS, p. 84, 2005).

morrer. 6 Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem. 7 Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as vencerá, e matará, 8 e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. 9 Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados. 10 Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra. 11 Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; 12 e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. (Apocalipse 11. 1-12).

O texto supracitado mostra a igreja atuando como testemunha de Jesus. Essas duas oliveiras remetem à igreja porque no capítulo 1 verso 20 João deixa claro que as igrejas são os candeeiros, como segue: “Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.” João aponta a duplicidade dessa igreja, sendo dois candeeiros e duas oliveiras porque faz uma referência aos crentes da Antiga e da Nova Aliança.

Esta igreja voltou a ser fiel e esperançosa, pois passou a iluminar os que estavam em trevas através de sua função de iluminar o mundo, tal qual candeeiro. Aqui João traz um diálogo intertextual com outros textos do Novo Testamento, como Mateus 5. 16: “Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso pai que está nos céus”. E ainda: “Vós sois a luz do mundo.” (Mateus 5. 13-15). Dialoga ainda com o Apóstolo Paulo, que diz: “[...] vocês brilham como luzeiros no mundo.” (Filipenses 2. 15-16).

No primeiro programa narrativo vimos que o sujeito manipulador (Satanás) subtraiu da igreja sua integridade moral, qual seja, sua pureza, promovendo tentações, para que a igreja passasse do estado de fidelidade para infidelidade. No entanto, Jesus como novo sujeito destinador-manipulador, dá competência à igreja, para que esta venha performar em uma transformação de seu estado de infidelidade para fidelidade, fazendo-a reencontrar seu objetivo de valor descritivo, qual seja, integridade moral. João demonstra o resultado dessa transformação no texto que trata sobre as duas testemunhas, pois João dialoga com os autores do Antigo Testamento, quando retrata a igreja como duas oliveiras, uma vez que a oliveira era

a planta responsável por produzir o azeite que se derramava sobre os reis, sacerdotes e profetas, simbolizando a sua capacitação espiritual. Em Êxodo 27. 20 se diz: “Ordenarás aos filhos de Israel que te tragam azeite puro de oliveira, batido, para o candelabro, para que haja lâmpada acesa continuamente.” João em Apocalipse faz esta relação intertextual, quando compara a igreja com o candelabro, e com a oliveira, apontando assim, para o azeite de oliva como o combustível que dá força à igreja para exercer sua função iluminadora sobre o mundo.

João, em sua primeira epístola afirma que a igreja tem o óleo da unção que vem do Santo, ou seja, de Jesus, como podemos verificar: “Vós tendes a unção que vem do Santo”. (1João 2. 20). Esta unção remete à capacitação profética de testemunhar as palavras de Jesus. Em Isaías capítulo 61 o profeta Isaías escreve: “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, e proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados.” (Isaías 61. 1).

Como podemos verificar em Apocalipse 11, a competência dada à igreja por Jesus para performar como testemunha fiel se evidencia na metáfora do óleo da unção, por isso, João descreve a igreja como oliveira e como candelabro. Concluímos que Jesus conseguiu manipular a igreja, no sentido de passá-la do estado de infiel para fiel testemunha. Apocalipse 11.1 ainda enfatiza essa transformação e capacitação da igreja quando diz: “Darei as minhas duas testemunhas que profetizem” [...].

A transformação da igreja acontece finalmente quando ao final do livro, é relatado o clamor da igreja ansiando pela volta de Jesus, quando ela diz: “Vem Senhor Jesus”. João ressalta o mútuo anseio de um relacionamento entre Jesus e a Igreja:

“Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã.” “O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.” (Apocalipse. 22. 16, 17).

Estas palavras finais ressaltam que a igreja sofreu uma transformação após o processo de manipulação de Jesus, no qual ela passou a adquirir valor eufórico de esperança e integridade moral e psicológica, a partir da esperança de readquirir

novamente um dia a integridade física, qual seja, a liberdade e a ressurreição de seus mortos.

2.2.6. Sanção:

João mostra que Jesus, como sujeito destinador-manipulador sancionará positivamente a igreja por sua performance fiel. Ele mostra isto quando retrata as duas testemunhas, recebendo como recompensa por sua fidelidade, a ressurreição de seus corpos e a recepção num estado de glória eterna, descritos nas palavras de João, como segue:

Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. (Apocalipse 11. 11-12).

A sanção positiva é dada à igreja também quando João a apresenta como uma nova Jerusalém, no final do livro, para ressaltar a transformação final realizada por Jesus sobre a Igreja, promovendo assim, a liquidação de suas privações. Os dois últimos capítulos de Apocalipse nos revelam que os valores de que a igreja fora privada, quais sejam, sua integridade física, moral e psicológica, lhe foram devolvidos, o que fica evidente na narrativa profética do texto que revela que ao final de tudo, aquela igreja sofrida será revestida de esplendor e glória, na qual seus fiéis serão ressuscitados com um novo e perfeito corpo, e onde “não haverá mais dor, nem pranto, nem choro, nem luto, nem tristeza”. (Ap. 21. 4). Vale ressaltar aqui a importância narrativa que o Apocalipse dá para o corpo, promovendo uma expectativa nos destinatários de que um dia seus corpos serão restaurados. Também os capítulos 21 e 22 descrevem essa igreja futura como uma igreja gloriosa, figura esta que é ilustrada por meio da visão de uma igreja como que a nova Jerusalém, revestida de ouro e pedras preciosas.

João demonstra que a igreja recebeu transformação, e demonstra isso no cenário do julgamento final. “Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles.” (Ap. 20. 11-15). A constatação da transformação da igreja se deu através de alguns aspectos futuros. Um deles é o julgamento final, que revela o destino lamentável de seus inimigos, como forma de castigo:

Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo. (Ap. 20. 11-15).

No julgamento final a igreja será poupada do castigo eterno, ilustrado na descrição do fogo. Aqui, João dialoga com o texto do Evangelho de Mateus capítulo 25, verso 34, que também trata sobre o julgamento final, onde se relata a sanção positiva à igreja, quando Jesus, como juiz retribui a igreja por sua fidelidade, convidando esta para o estado de glória eterna, como podemos verificar: “Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: ‘vinde, benditos de meu pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo!’.”

A constatação da transformação também se deu pela premiação da igreja. No processo de manipulação Jesus prometera à igreja que esta receberia dele premiações, premiações que ficam mais claros no texto a seguir:

“Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.” (Ap. 20. 11-15).

Para submeter o destinatário à transformação do estado de incredulidade para fé, o destinador manipula o destinatário, como mencionamos, tentando provocar uma transformação no sujeito destinatário, manipulando-a através dos processos de tentação, intimidação, sedução e provocação. Nesse processo, como vimos, o destinador potencializa o sujeito com competências, para então dar-lhe a possibilidade da realização de uma performance. A narrativa se encerra com uma sanção, que é a retribuição contratual.

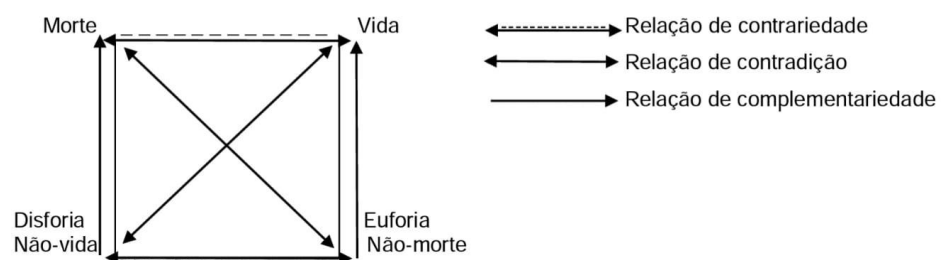
Como um segundo programa narrativo, a igreja enquanto sujeito estava em disjunção com o objeto modal da fé. Dessa forma a igreja estava em um estado de

incredulidade, ou, sendo tentada à incredulidade, provocada por situações como prisão, fome, privações, tribulações, aflições, perseguições, miséria, danos, e até a morte (algumas igrejas sofriam mais que outras esses danos).

Como vimos, para passar do estado de disjunção para o estado de conjunção com o objeto de valor vida eterna, o destinatário precisa cumprir o contrato com o destinador, pois a vida do destinatário é um objeto de valor que será dado pelo destinador-julgador no momento da sanção. Todavia, para dar competência ao destinatário, para que a transformação de infiel para fiel seja realizada, o destinador manipula o destinatário, como veremos no programa a seguir.

Faz-se necessário destacar ainda que existe um percurso entre os termos de oposição semântica. Como afirma Barros: “Além das relações mencionadas e de sua determinação axiológica, estabelece-se no nível das estruturas fundamentais um percurso entre os termos” (BARROS, 2005, p. 14). Assim, no texto de Apocalipse, passa-se da não-morte para a vida. Demonstraremos aqui, de maneira breve, a perspectiva do Nível Fundamental.

A oposição semântica do texto pode ser mais bem ilustrada no chamado Quadrado Semiótico, definido como “a representação lógica, ‘tão simples quanto possível’ da estrutura elementar” (BARROS, 2002, p. 21). O Quadrado Semiótica, interpreta, como modelo lógico, as relações de oposição, contrariedade, contradição e complementariedade entre os elementos. Podemos ilustrar da seguinte forma:



Portanto, como aspecto essencial e para se encontrar o sentido da narrativa, o Nível Fundamental se mostra importante, e significativo, evidenciando em Apocalipse a oposição semântica entre vida e morte. As contribuições do primeiro nível para a compreensão da narrativa parecem-nos evidentes pela transformação

que se encerra no nível fundamental. A seguir, vamos desenvolver a análise das transformações do sujeito no livro de Apocalipse.

Vimos que o destinatário estava em um estado de morte, e, por conseguinte, em um estado de tentação à infidelidade e desânimo. Além disso, também o destinatário (as igrejas) estava em um estado de infelicidade.

A narrativa das cartas às sete igrejas do Apocalipse, que simboliza uma carta à igreja cristã em geral, se revela sob dois enunciados, um de estado e um de transformação. O enunciado de estado são dois. Um é o estado de luto da igreja devido à morte de muitos fiéis. Por consequência, algumas das sete igrejas revelavam-se infiéis, ora moralmente, ora doutrinariamente, e ora sob o aspecto de relacionamento com o destinador.

Moralmente a transformação se deu porque cristãos dessa igreja estavam se furtando ao cumprimento do acordo de fidelidade a Cristo, o destinador, cometendo atos contrários à ética e à moral estabelecidas por este. Atos como “prostituição”, “adultério” e “idolatria”, conforme pode ser visto na lista de palavras-chaves do Nível Fundamental, demonstram o estado de infidelidade do destinatário. Doutrinariamente porque muitos cristãos dessas igrejas estavam flertando com filosofias e ensinamentos contrários ao ensino estipulado pelo destinador. Isso fica evidente em palavras como “caíste”, “volta”, “arrepende-te”, e “negaste”. E sob o aspecto relacional porque muitos chegaram ao ponto de abandonar os valores do destinador, negando-o e afastando-se do seio da comunidade, por causa da pressão político-religiosa da época. O destinador, então, lança palavras de exortação para que os demais não caiam no mesmo erro, e convida o destinatário a cear com ele. Assim, o destinador intenciona manipular (em sentido semiótico, ou seja, fazer-fazer) o destinatário por meio da figura da sedução (não no sentido moral), enaltecendo a qualidade dos que não o negaram. As evidências ficam por conta de frases como “não negaste meu nome”.

O outro enunciado de estado é o de infelicidade do destinatário. Parece evidente que o destinatário, a igreja cristã primitiva da Ásia Menor, estava sofrendo forte aflição, ao ser alvo de sanções, embargos econômicos, prisões, e até morte por parte do Império Romano, além da ajuda de alguns judeus da época, que consideravam o cristianismo uma seita dissidente e indigna. Esse estado de

infelicidade fica evidente tanto pelas palavras da narrativa, como “pobreza”, “prisão”, “tribulação”, e “morte”, como pelo contexto histórico que evidencia que a igreja foi alvo de constantes ataques do poder do Império no primeiro século.

O Nível Narrativo do texto de Apocalipse nasce a partir da transformação do enunciado de estado do sujeito. Do estado de infidelidade para fidelidade, de incredulidade para fé e de desânimo para esperança. O Nível Narrativo retratará o modus operandi da tentativa do destinador de dar competência a este sujeito igreja, a fim de lhe provocar uma transformação, produzindo uma conjunção do destinador com seu objeto de valor, bem como uma conjunção final do destinatário com seu objeto de valor (a vida). Em outras palavras, sob a perspectiva do livro, Jesus deseja restaurar a fidelidade, credulidade e esperança de sua igreja, prometendo devolver-lhe seu objetivo de valor, a vida, agora ao final, a vida eterna. Aqui se resume o teor e a intencionalidade da narrativa.

No Nível Narrativo, o destinador manipula o destinatário, a fim de que ele passe do estado de infiel para fiel, dando-lhe competência para que realize uma transformação. Jesus, o destinador, tenta reconquistar a fidelidade, fé e esperança de sua igreja, por meio das quatro etapas da Manipulação, quais seja, Sedução, Intimidação, Provocação e Tentação.

Na sedução o destinatário é levado a confirmar sua competência, sendo colocado numa posição de escolha como que forçada. Nesta etapa, portanto, ele deixa-se manipular ou rejeita a manipulação. Barros coloca esta etapa da seguinte forma:

Na provocação e na sedução, o destinador diz ao destinatário, de forma clara ou implícita, o que sabe de sua competência, colocando-o em posição de escolha forçada. Na provocação, deve escolher entre aceitar a imagem desfavorável que dele foi apresentada ou fazer o que o manipulador pretende; na sedução, precisa recusar a representação lisonjeira que dele foi feita ou deixar-se manipular (BARROS, 2002, p. 37).

Em Apocalipse, Jesus, como destinador, tenta seduzir sua igreja a voltar ao estado de fé, tecendo-lhe elogios, tentando conferir-lhe competência através de um querer-fazer. Essa questão é possível de ser verificada quando no capítulo 2 ele a chama de “candeeiro de ouro”. De acordo com o capítulo 1 versículo 20, os sete

candeeiros são as sete igrejas, ou, simbolicamente, a própria igreja de Cristo. Ouro em Apocalipse simboliza riqueza, esplendor, glória. “Candeeiro de ouro” é, assim, uma forma simbólica de referir-se à igreja como uma igreja gloriosa e rica aos olhos do próprio Cristo, mesmo que aos olhos dela própria ela esteja circunstancialmente se vendo como sofredora. Cristo ainda a elogia dizendo:

Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos (Ap. 2. 2); odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio. (Ap. 2. 6); Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) (Ap. 2. 9); conservas o meu nome e não negaste a minha fé (Ap. 2. 13); Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. (Ap. 2. 19); tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. (Ap. 3. 8); e guardaste a palavra da minha perseverança. (Ap. 3. 10).

A primeira etapa que o destinador usou para dar competência ao sujeito destinatário foi a sedução, elogiando-o a fim de lhe mudar o estado de infidelidade e incredulidade. A segunda etapa de Manipulação usado pelo destinador foi a intimidação, na qual o destinador procura dar competência ao sujeito através de um dever-fazer, como podemos ver:

Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas. (Ap. 2. 5); arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. (Ap. 2. 16). Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. (Ap. 2. 20-23). se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. (Ap. 3. 3); Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. (Ap. 3. 11); Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te (Ap. 3. 16, 19).

Como podemos perceber no texto o destinador manipula o sujeito através do processo de intimidação, ameaçando-lhe disciplinar, corrigir, com expressões como

“eu disciplino e repreendo quantos amo”. O objetivo é provocar uma transformação no estado de infidelidade, incredulidade e desesperança do sujeito, conferindo-lhe competência, despertando nele o dever-fazer, em face de uma iminente ameaça para que o destinatário volte ao estado de conjunção com o objeto de valor vida.

A outra etapa utilizada pelo destinador em seu processo de Manipulação foi a Provocação. Nessa etapa, o sujeito tenta despertar no outro a competência do querer-fazer, estimulando-o por meio de provocações, por vezes desafiando-o. O destinador em voga tenta provocar seu destinatário, revelando um sentimento de aspiração de que o destinatário lhe fizesse sua vontade, como se vê:

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas (Ap. 3. 15, 18).

Nesta etapa, o processo de Provocação aparece quando o destinador diz ao destinatário: “Quem me dera fosses frio ou quente!”. Essa expressão transparece uma espécie de suspiro pela ação do sujeito, que remete a uma provocação, com o objetivo de conferir ao sujeito a competência do querer-fazer.

Por último, o destinador manipula o sujeito através da etapa da tentação, na qual aquele tenta despertar o querer-fazer dele através de promessas, que se configuram como uma espécie de tentação para o destinatário. Barros coloca o sentido de tentação da seguinte forma: “Na tentação e na intimidação, o manipulador mostra poder e propõe ao manipulado, para que ele faça o esperado, objetos de valor cultural, respectivamente positivo (dinheiro, presentes, vantagens) e negativo (ameaças)” (Barros, 2002, p. 37). Esse aspecto é perceptível em Apocalipse, como segue:

Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus. (Ap. 2. 7); Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte. (Ap. 2. 10-11); Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual

ninguém conhece, exceto aquele que o recebe. (Ap. 2. 17); Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap. 2. 29); Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap. 3. 15-16); — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar; Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei; também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra; Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. (Ap. 3. 7-13); Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap. 3. 14-22).

Como pudemos verificar no segundo programa narrativo identificado, o destinador manipula o destinatário, levando-o a querer-fazer, a fim de que, posta a competência, seja realizada a transformação de estado de infidelidade para o estado de fidelidade, incredulidade para fé e desesperança para esperança, prometendo vitória (vida eterna), em face do aspecto de derrota em que o destinatário estava experimentando. Vimos então como o destinador manipula o destinatário a fim de obter novamente sua fidelidade. O destinador manipula também o sujeito, prometendo-lhe dar como sanção por sua fidelidade, o seu objeto de valor que é a vida. A igreja estava em disjunção com seu objeto de valor, a vida, devido à perseguição que estava sofrendo. Então o destinador manipula a igreja tentando-a a querer-fazer, fazendo isto por meio de promessas.

Na fase final do Nível Narrativo, ou seja, na sanção, o destinador intenta revelar ao destinatário que conseguirá, inevitavelmente, ter de volta seu objeto de valor (vida). Ele o faz demonstrando no final do livro de Apocalipse que a Igreja, após o Juízo Final, será transformada em uma igreja perfeitamente gloriosa e sem mácula, com a ressurreição final de seus fiéis. Ele faz isso por meio do simbolismo

de uma Jerusalém celestial, repleta de pedras preciosas. Essa é a performance no Nível Narrativo, a transformação do sujeito do estado de luto para o estado de vida.

Podemos dizer que ainda nessa fase final do Nível Narrativo, na sanção, que o destinador intenta inculcar em seu destinatário, que ele, destinador, cumprirá invariavelmente sua promessa, dando-lhe uma sanção positiva, a vida eterna, o que fica evidente nos capítulos 21 e 22 de Apocalipse, nos quais, ainda nos primeiros versículos de apocalipse 21, se diz que no futuro, no novo céu e na nova terra não haverá mais dor, nem lágrimas, nem choro, nem luto, ou seja, a igreja não experimentará a morte.

Finalmente, o Nível Narrativo é concluído com uma Sanção do destinador ao destinatário, concedendo-lhe recompensa pela fidelidade, e concedendo aos seus opressores a penalidade do juízo eterno (Ap. 20). Assim, o destinatário tenta imprimir a perspectiva de uma vitória final para o destinatário, como pode ser visto:

Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que nele havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo. (Ap. 20. 12-15).

Como vimos no texto supracitado, o julgamento final de Jesus como destinador corresponde à sanção, onde ele recompensa os fiéis e pune os infiéis. Barros coloca da seguinte forma esta premissa:

Na sanção, o destinador, além de reconhecer o sujeito, integra o percurso narrativo por ele realizado no sistema de valores de que, como destinador, é guardião. Ou seja, o destinador julga a conduta do sujeito e os estados obtidos pelas operações, por sua conformidade ou não com o sistema de valores que representa e, também, em relação aos valores implícitos ou explicitados no contrato inicial com o destinador-manipulador (Barros, 2002, p. 40).

Finalizando a análise a partir do primeiro e segundo nível do percurso gerativo de sentido, concluímos que a narrativa trata de um sujeito destinatário que estava em disjunção com seu objeto de valor, a vida de seus fiéis, o que o estava levando a igreja, a um estado de incredulidade, que se traduziu em desânimo, desesperança, e até mesmo infidelidade. Vimos que o destinador tenta reavivar a fé do destinatário por meio do processo de Manipulação por tentação, sedução, intimidação e provocação, produzindo-lhe competência e performance, resultando em uma futura Sanção, a vida, agora eterna, como recompensa por cumprir o contrato proposto na Manipulação de fidelidade. Essa narrativa forma o pano de fundo do livro. É aqui que se evidenciam as ideologias por trás da narrativa, mas presente implicitamente na narrativa. É justamente no nível discursivo, por meio de figuras e temas, que se pode observar e analisar a configuração ideológica do Livro de Apocalipse, questão a ser tratada no próximo capítulo.

3. A DISCURSIVIDADE DE APOCALIPSE

Como informado na introdução, nosso objetivo neste capítulo é abordar a discursividade do livro de Apocalipse. Pretendemos verificar como a discursividade de Apocalipse manifesta as ideologias já articuladas na narrativa, revelando-se por meio de temas e figuras. Além disso, como afirma Barros, “o exame das estratégias discursivas tem sido um dos principais objetivos dos estudos semióticos nos últimos anos.” (BARROS, 2005, p. 3). Nosso foco neste capítulo é observar também como essas estratégias são utilizadas no livro, para sabermos como o texto de apocalipse faz para dizer o que diz.

O estudo do nível discursivo de um texto interessa também ao nosso trabalho porque é nesse nível que aparecem as circunstâncias vivenciais dos destinatários do texto, bem como as nuances da enunciação nele pressuposta. Sobre a proeminência da sintaxe e da semântica discursiva, Barros comenta que: “Atribui-se especial importância às estruturas discursivas por serem consideradas o lugar, por excelência, de desvelamento da enunciação e da manifestação dos valores sobre os quais está assentado o texto.” (BARROS, 2002, p. 72). Isto é possível porque é nesse nível do discurso que se manifestam as projeções e os recursos utilizados na enunciação (pessoa, tempo e espaço), bem como a figurativização e tematização do discurso.

É nesse terceiro nível, o nível discursivo, que os valores fundamentais se revelam por meio de tematizações e figurativizações. Barros afirma que: “Ainda no nível discursivo, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolve-se sob a forma de temas e, em muitos textos, concretizam-se por meio de figuras” (BARROS, 2005, p. 16). A partir do nível discursivo nos aprofundaremos no contexto social e cultural do livro de Apocalipse, a fim de encontrar os efeitos de sentido provocados pelo texto de João.

O nível discursivo é o nível mais superficial do percurso gerativo do sentido. É nesse nível que há a maior aproximação com o texto manifesto. A passagem do nível narrativo para o nível discursivo se dá quando aquele é assumido pelo sujeito da enunciação. Há uma complexificação das estruturas narrativas quando elas são convertidas para o nível discursivo (BARROS, 2005, p. 53). Essa mudança ocorre quando o enunciador projeta as categorias de pessoa, tempo, espaço no enunciado

e, por meio de figuras e temas encadeadas, estabelece a semântica discursiva, transformando, assim, a narratividade em discursividade.

O uso de figuras no livro de Apocalipse é frequente e substancial. Kistemaker argumenta:

Como os livros proféticos e a literatura de natureza sapiencial do Antigo Testamento estão cheias de sinais, assim o último livro do Novo Testamento tem sua parcela de símbolos. João as vezes interpreta um símbolo, como no de 'aquela antiga serpente chamada Diabo, ou Satanás' (Ap. 12. 9) e as águas que João observa como povos, multidões, nações e línguas (Ap. 17. 15). Outras vezes, o cenário, usos e características de uma dada palavra fornecem uma explicação. O que precisamos considerar é uma descrição adequada da linguagem figurativa. (KISTEMAKER, 2004. P. 24-25).

Diante desse cenário repleto de figuras utilizadas pelo enunciador, não podemos nos furtar de levar em conta a análise dessas figuras de Apocalipse, pois elas reiteram os traços que fundamentam as temáticas do discurso do Apocalipse, o que nos ajuda a entender o efeito de sentido pretendido pelo enunciador.

Assim, a enunciação faz a mediação entre a narratividade (e o nível fundamental) e a discursividade. É no nível discursivo que se evidenciam os valores pressupostos para a construção do texto, ou as condições pelas quais foi constituído. O discurso é, assim, o conteúdo produzido pelo sujeito da enunciação e, ao mesmo tempo, o resultado da comunicação entre o destinador e o destinatário. (BARROS, 2005, p. 54).

A sintaxe discursiva analisa dois aspectos. Segundo Barros, os aspectos são: "o das projeções da instância da enunciação no discurso-enunciado e o das relações sobretudo argumentativas, entre enunciador e enunciatário."

O enunciador, assim como o destinador-manipulador no nível narrativo, tem como objetivo persuadir o enunciatário de que o conteúdo de seu discurso é verdadeiro.

Como afirma Barros: "A enunciação explora, na desembreagem, as categoriais de pessoa, do espaço e do tempo." (BARROS, 2002. p. 74). Assim, é por meio do conceito de desembreagem que o enunciador projeta as categorias de pessoa, tempo e espaço.

A isotopia temporal em Apocalipse pode ser observada por meio de marcas comuns no discurso do livro, tais como expressões que remetem ao futuro, sob um registro de temporalidade de característica natural, como pode ser verificado no

texto a seguir: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João.” (Ap. 1. 1). Bertrand argumenta que “as marcas que instalam e determinam a isotopia temporal são abundantes. Todas têm em comum (traço isotopante) o fato de marcar o ponto de articulação entre um fim e um começo. [...]” (BERTRAND, 2003. p. 196).

Quanto às marcas da isotopia espacial no discurso de Apocalipse, elas são destacadas pelas visões que João relata ter tido ambientadas no céu. Bertrand comenta que “As marcas da isotopia espacial são numerosas. São de duas ordens: nomes próprios de lugares (quatro denominações), e nomes comuns” (BERTRAND, 2003. p. 197). A denominação do lugar comumente usado por João é o céu, como podemos exemplificar: “Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas.” (Ap. 4. 1).

Quanto ao ator da enunciação, como afirma Bertrand, “não recebe aqui nenhuma qualificação descritiva. Suas propriedades são determinadas pela ação [...]”. (BERTRAND, 2003, p. 197). Esse traço aparece em Apocalipse por meio do seguinte trecho: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus.” (Ap. 1. 9).

O modo como o sujeito da enunciação vai operar essas categorias depende de qual efeito de sentido ele pretende provocar nos destinatários, sejam efeitos de proximidade ou distanciamento, de realidade ou referente.

O efeito de proximidade no discurso é operado através da utilização da categoria de primeira pessoa, o que fica evidente tanto pelo frequente uso do pronome em primeira pessoa, como pela introdução do livro, em que o próprio enunciador se coloca como narrador (Ap. 1. 4). O fato de Apocalipse ter sido escrito em primeira pessoa, revela-nos, a princípio, um efeito de sentido de proximidade, aliado ao de subjetividade. Esse efeito de proximidade é algo característico nos escritos cristãos, e não somente isto, na própria filosofia do cristianismo que preza pelo elemento de proximidade entre enunciador e enunciatário. No caso de João, é tido no cristianismo como uma referência em proximidade, pois ele é conhecido

como o discípulo amado de Jesus, que com frequência reclinava a cabeça sobre o peito de Cristo quando este ainda estava entre os discípulos. Além disso, João em suas epístolas, com frequência apela à proximidade cristã, a fim de obter a atenção de seus destinatários. Ao que nos parece, esse efeito de proximidade, provocado pela narrativa em primeira pessoa, tem como objetivo não apenas legitimar o discurso, mas estabelecer ou fortalecer uma relação de confiança entre o enunciador e os enunciatários, com o fim de que esses assimilem positivamente o teor do discurso.

Esses aspectos enunciativos estão pressupostos no texto de Apocalipse, uma vez que o enunciador pressuposto se confunde com o narrador do discurso em voga. João, como ator da enunciação, atribui ao narrador do discurso o dever e o poder narrar o discurso. É dessa forma que é dado ao narrador o poder de ceder internamente a palavra aos interlocutores do discurso, a fim promover efeito de sentido de realidade ou referente. Essas relações contribuem para o estabelecimento das perspectivas do discurso (BARROS, 2005, p. 57).

Concernente ao efeito de proximidade, acrescenta-se ainda o elemento de delegação interna de vozes no discurso. No caso em voga, João, por vezes delega voz a pessoa de Deus ou Jesus, como uma forma de delegação de responsabilidade discursiva (BARROS, 2005, p. 57). Este elemento da sintaxe discursiva tem como estratégia gerar um efeito de realidade. Nesse sentido, podemos salientar a organização do saber, efetivada na delegação de vozes. O enunciador organiza e distribui o saber de formas diferentes, com o objetivo de provocar efeitos de sentidos diversos. Em Apocalipse, João delega voz a Jesus e a Deus, a fim de legitimar e dar um tom de maior autoridade ao seu discurso. Ele o faz quando delega no discurso o saber a Jesus, como aquele que detém o conhecimento do futuro e da realidade.

O narrador de Apocalipse se utiliza do recurso denominado ancoragem, quando relaciona seu discurso a pessoas, datas e espaços, com o objetivo de provocar efeito de sentido de realidade. Ele o faz quando traz ao discurso pessoas, espaços e datas que são conhecidos dos enunciatários. Por exemplo, quando narra que o local da compilação do livro foi numa ilha chamada Patmos, por ocasião de seu exílio. João faz referência à ilha de Patmos como um ícone para acentuar o efeito de sentido de realidade. João relata ainda que os opositores da igreja são configurados como oito reis, em que o oitavo ainda não se manifestara. Isso concorre para a descrição dos imperadores romanos. Sobre o espaço, ainda, João

narra que a cidade sede da oposição moral e física à igreja está cercada por sete montes, uma referência à cidade de Roma. No segundo capítulo de Apocalipse, o enunciador faz referência aos judeus que perseguiram e provocam perseguição aos primeiros cristãos. João intenta provocar o efeito de realidade quando evoca figuras de “pessoas reais”, ou seja, de atores do enunciado, para estabelecer esse simulacro da realidade. Quando João apela a pessoas, ocasiões e lugares “reais” e históricos, ele opera por meio da ancoragem. Aqui já podemos traçar indícios do contexto social de Apocalipse, do ponto de vista discursivo, bem como da linha ideológica do texto, qual seja, uma defesa dos valores do cristianismo primitivo.

Quanto ao processo de manipulação entre enunciador e enunciatário, cumpre-nos afirmar inicialmente que o sujeito da enunciação exerce o papel de enunciador e enunciatário no discurso. Assim, o enunciador projeta a imagem de um enunciatário ideal para o qual ele pode dar competência para que o outro possa crer e/ou fazer. Conseqüentemente, a manipulação ocorre quando o enunciador exerce um fazer persuasivo, enquanto o enunciatário realiza um fazer interpretativo. Esses “fazer” ficam evidentes no discurso e por meio dele.

O exame dessa manipulação se dá pela análise dos contratos e pelos métodos utilizados na persuasão e interpretação entre enunciador e enunciatário. O enunciador estabelece os valores do contrato quando determina como o enunciatário deve interpretar o discurso. Ele o faz construindo no discurso todo um trajeto veridictório, evidenciado pelas pistas ou marcas deixadas no discurso. Nesse processo, o enunciador leva em conta o saber cultural, social e fiduciário ou de crença do enunciatário que pode acreditar ou não na persuasão e precisa, por meio do fazer-interpretativo, observar as pistas nele contidas, e deve fazê-lo a partir de seus conhecimentos e convicções.

Como vimos, no capítulo sobre a Narratividade de Apocalipse, o próprio texto de Apocalipse ressalta João como destinador, e a igreja como destinatário, como podemos verificar no primeiro capítulo de Apocalipse: “João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, [...]” (Ap. 1. 4). No contrato entre o enunciador (João) e o enunciatário (igreja), aquele constrói o discurso de Apocalipse quando, a fim de provocar o efeito de realidade e de proximidade, se utiliza de elementos como espaço (ilha de Patmos, Roma, Jerusalém), pessoa (O narrador em primeira pessoa; a delegação de voz à Jesus; os judeus e o imperador) e tempo (dez dias de sofrimento, Ap. 2). Além disso, o enunciador também constrói seu

discurso evocando a memória do destinatário ao se utilizar de elementos da crença e conhecimento dele como as figuras e semis-símbolos do Antigo Testamento, bem como fazendo uso de intertextual e interdiscursivo entre o Antigo Testamento e seu discurso de Apocalipse. O objetivo de João, enquanto enunciador, é promover um fazer-crer no enunciatário, no sentido de fazer este crer que seu discurso é verdadeiro, uma vez que ele o faz tentando provocar um efeito de sentido de verdade. Uma vez que os enunciatários assumem o discurso como verdadeiro, o próximo passo é crer nele, e assim se tornar competente a responder aos intentos do enunciador.

Além da sintaxe discursiva de Apocalipse, abordaremos a semântica do discurso de Apocalipse. A semântica discursiva se revela por meio de dois procedimentos semânticos, a tematização e a figurativização. De acordo com Barros, “os valores assumidos pelo sujeito na narrativa são, no nível discursivo, disseminados sob a forma de percurso temáticos e recebem investimentos figurativos.” (BARROS, 2005, p. 66). Todo esse processo é assumido pelo sujeito da enunciação, que o opera a fim de estabelecer toda a coerência do discurso e seus efeitos de sentido.

A tematização do discurso é fruto dos valores revelados nas oposições fundamentais e na organização da narrativa. Esses temas se demonstram através de valores abstratos e são, por vezes, organizados em percurso. É possível descrever e perceber estes temas por intermédio dos semas ou traços semânticos recorrentes no discurso.

3.1. A Figurativização em Apocalipse

Abordaremos neste tópico a figurativização em Apocalipse. Segundo Bertrand “figuratividade, portanto, é concebida como uma propriedade semântica fundamental da linguagem. Ela proporciona manifestações graduais, de acordo com o uso que o discurso faz dela.” (BERTRAND, 2003. p. 208). O que depreendemos disso é que, também no Nível Discursivo é possível verificar um percurso que vai desde a verificação dos aspectos da enunciação, até a figurativização, e finalmente a tematização, promovendo uma síntese que culmina no contexto do livro. Verificaremos o uso que o discurso de Apocalipse faz da figuratividade.

As figuras são como uma espécie de mecanismo de construção do discurso e como operações enunciativas utilizadas com o objetivo de intensificar de determinados elementos do discurso. (FIORIN, 2014, p. 3). A semiótica francesa reconhece a importância do estudo de textos figurativos, como defende Fiorin:

No estudo do discurso, a semiótica francesa, por exemplo, reconhece que há dois grandes tipos de textos: os figurativos, que criam simulacros do mundo, e os temáticos, que se destinam a explicar os universos do discurso. Isso significa que a dimensão tropológica da linguagem, que é mais evidente na literatura, está presente em todos os gêneros. A figuratividade é a condição da existência mesma do discurso. (FIORIN, 2014, p. 20).

O livro de Apocalipse é repleto de figuras. Considerando que o teor do discurso de Apocalipse desperta um efeito de sentido de medo, tensão, ansiedade, devido à situação de perseguição sofrida pelos destinatários, bem como devida à natureza da mensagem em si, João faz uso de diversas figura, que, de alguma forma suaviza e minimiza o impacto dessa mensagem. São figuras que remetem à memória afetiva dos judeus, pois relembra o exílio babilônico (a grande babilônia), relembra a libertação do êxodo com as pragas do Egito, relembra a origem da criação descrita em sua literatura, ressalta traços da cultura judaica da época, como a festa de noivado. Todos esses temas são ressaltados por João por meio de figuras que ornamentam e suavizam a mensagem, em face ao sofrimento que os destinatários estavam passando. Uma das funções das figuras é exatamente ornar o discurso. Fiorin salienta que nos primórdios da retórica as figuras eram usadas como enfeites do discurso. Fiorin salienta isso da seguinte forma: “Interessa-nos a ideia de *ornatus*, que foi entendido como embelezamento da linguagem com figuras, com tropos.” (FIORIN, 2014, p. 27).

Existe uma gama muito diversa de figuras, com variadas classificações. Podem ser classificadas por sua concentração semântica, como metáfora, prosopopeia, apóstrofe, oximoro, sinestesia, hipálage. Há figuras por extensão semântica, como a metonímia, sinédoque, antonomásia, ironia, lítotes, hipérbole, eufemismo, preterição, reticência. Concentraremos nosso foco nas figuras mais frequentes em Apocalipse.

Aqui, portanto, pretendemos apontar as principais figuras do livro de Apocalipse, que é um livro repleto de figuras de linguagem, símbolos, ilustrações, profecias etc. Esse é um dos fatores que ajudaram o livro a ter tamanha

proeminência literária e religiosa em todo o mundo. Uma análise desse livro que desprestige a análise de suas figuras poderá facilmente deixar de fazer significativas contribuições ao estudo do texto. A seguir, abordaremos algumas figuras usadas por João.

3.1.1. Padrões Numéricos

O livro de Apocalipse está repleto de referências numéricas, mas não por acaso. São referências que tem não apenas um propósito literário e comunicativo, mas traz temas propostos na figurativização destes números, além de um diálogo intertextual com a literatura do Antigo Testamento. Segundo Kistemaker, “uma das características primordiais de Apocalipse que salta à vista do leitor é o uso de números e seu significado.” (KISTEMAKER, 2004, p. 14). Assim, as referências numéricas simbólicas devem ser consideradas em uma análise do texto.

Os números mais frequentes na redação do livro de Apocalipse são os números sete, três, dez, doze, vinte e quatro, cento e quarenta e quatro mil, que na verdade é doze vezes doze. Para compreendermos o uso figurativo dos números em Apocalipse precisamos tentar entender pelo menos o mínimo, da mentalidade judaica, através da analogia interdiscursiva com o Antigo Testamento.

Para os cristãos do primeiro século, especialmente os de origem judaica, tinha claro em suas mentes as referências por trás dos números, pois estes representam importantes aspectos literários do Antigo Testamento.

Sete, por exemplo, remete à ideia de completude, pois foi em sete dias que o mundo foi criado e concluído, de acordo com Gênesis. Este número aparece com frequência no livro de Apocalipse. João fala de sete cartas às sete igrejas da Ásia Menor. João escreve: “Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.” (Apocalipse 1. 20). A partir da perspectiva intertextual de João, o número sete aqui é faz um diálogo intertextual com o período de sete dias da criação. Nesse sentido o Enunciador intenta demonstrar que a mensagem de Apocalipse tem aplicação à igreja cristã de forma completa e plena, ou seja, com amplo alcance temporal e geográfico.

João usa o sentido figurado do número sete quando busca ressaltar a ira de Deus. Ele o faz quando trata sobre os sete selos, que descrevem, como vimos no primeiro capítulo da tese, a ação soberana de Deus sobre os eventos da história. Nesse sentido João escolho utilizar o número sete apontando para a completude da história. Ele escreve:

Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem! 2 Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer. (Apocalipse 6. 1-2).

Além disso, João também fala em sete trombetas. A figura da trombeta aponta para solenidade. Trata-se de eventos cataclísmicos que são solenemente anunciados, visto a gravidade de suas consequências. João figurativiza novamente o número sete para mostrar que a ira de Deus sobre a terra deve ter ação completa. Vejamos como é narrada este trecho:

Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. 2 Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar. (Apocalipse 8. 1-6).

O mesmo ocorre quando João fala das sete taças da ira de Deus. João escreve: “Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus.” (Apocalipse 15. 1). João então produz um discurso que resalta o tema da justiça, quando utiliza figuras numéricas que apontam para uma ação completa de justiça.

O número vinte e quatro é usado com frequência em Apocalipse e remete à igreja, liderada no Antigo Testamento por doze tribos, e no Novo Testamento por doze Apóstolos. João escreve: “Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro.” (Apocalipse 4. 4). Aqui João tematiza a inclusão, uma vez que os primeiros cristãos, de origem judaica, acreditavam que somente judeus

deveriam fazer parte da igreja. Então João demonstra que tanto os judeus, do ponto de vista étnico, como povos de outras nações são incluídas nos planos de Deus.

O destino amplo e global do livro tem sua maior evidência através da figurativização do número sete. No capítulo primeiro, versículo quarto, João escreve: “João, às sete igrejas que se encontram na Ásia.” (Ap. 1. 4). O número sete se repete no decorrer do livro. Repetições dessa natureza ocupam lugar de destaque em todo o livro. João fala sobre sete igrejas (Ap. 1. 11), sete espíritos (Ap. 1. 4), sete olhos (Ap. 5. 6), sete candeeiros (Ap. 1. 12), sete estrelas (Ap. 1. 16), sete selos (Ap. 5. 1), sete anjos (Ap. 1. 20) sete trombetas (Ap. 8. 6), sete montes e sete reis (Ap. 17. 9), sete tochas (Ap. 4. 5), sete chifres (Ap. 5. 6), sete flagelos (Ap. 15. 1), sete cabeças e sete diademas (Ap. 12. 3), sete taças (Ap. 15. 7), sete trovões (Ap. 10. 3) e sete mil pessoas (Ap. 11. 13). Apesar de ser uma característica do texto bíblico como um todo, o uso de repetições, como bem assevera Alter, “[...] é uma característica bem conhecida da Bíblia [...]” (ALTER, 2007. p. 41), e Greidanus reforça dizendo que “A repetição é uma ferramenta favorecida na narrativa hebraica. Ela abrange desde a repetição de palavras até repetição de discursos inteiros [...]”. Ele ainda, citando Buber, argumenta que

Uma palavra recorrente é uma palavra ou raiz de palavra que se repete significativamente num texto, numa série contínua de textos, ou numa configuração de textos: seguindo essas repetições, o indivíduo é capaz de decifrar ou compreender o significado do texto, ou de qualquer forma, o significado será revelado mais notavelmente. (GREIDANUS, 2006, p. 250).

Esta premissa é válida também para a repetição de números em Apocalipse. Podemos afirmar que livro de Apocalipse é talvez o livro bíblico que mais destaque dá a esse recurso linguístico. Pohl observa que,

[...] o simbolismo dos números constituía um modelo de pensamento de todo o mundo antigo. O exegeta comete um equívoco quando não entende os números em textos antigos a partir da época em que foram escritos. Naquele tempo, era muito mais comum do que hoje expressar sabedorias gerais e interpretar correlações por meio de um número. Isso ocorre acima de tudo com o número sete. (POHL, 2001. p. 68).

Essa repetição, aliada à figurativização em torno do número sete, indica o efeito de sentido de completude, ou seja, que a intenção de João é que Apocalipse seja direcionado a toda cristandade, uma vez que o número sete significa em Apocalipse algo completo e pleno, segunda Kistmaker (2004). Ao que tudo indica

esse sentido de completude do número sete se origina a partir do conceito da criação, em que Deus fez o mundo em sete dias, terminando-o no sétimo dia. Não podemos esquecer que a mentalidade do escritor de Apocalipse é de um judeu conhecedor do Antigo Testamento. Aqui podemos perceber a intertextualidade entre Gênesis e Apocalipse, resultante de seu interdiscurso evidenciado no uso do número sete. Segundo Parnier:

Gênesis e Apocalipse são estruturados pela mesma forma discursiva: o setenário. Gn 1 organiza a criação em sete dias, o Apocalipse desenvolve uma sucessão de setenários: as sete cartas aos sete anjos das sete igrejas (2.1-3.22); os sete selos que fecham o livro e que o Cordeiro abre sucessivamente (6.1-8.1); as sete trombetas tocadas pelos anjos (8,6-11,19) e as sete taças derramadas sobre a terra (16,1-21). São sempre setenários um tanto particulares que não desenvolvem simplesmente listas contínuas, como enumerações, mas formas estruturadas em 6 + 1. O sétimo elemento vem separadamente e os eventos que ocupam o espaço entre 6 e 7 vêm quebrar o efeito da série por introdução de diferentes isotopias. (PARNIER, 2009, p. 3. Tradução nossa).²⁶

O número sete aparece 55 vezes no livro de Apocalipse, e sempre usado com um sentido figurado, apontando para uma ideia de completude. Um exemplo disso é a referência às sete igrejas da Ásia, trazendo a ideia de uma mensagem que contempla todas as igrejas, em todos os lugares, muito embora tomada a partir de sete igrejas locais. Sobre o sentido do número sete e sua relação com os destinatários de Apocalipse, Kistemaker afirma,

Uma das características primordiais do Apocalipse que salta à vista do leitor é o uso de números e seu significado. A um grau surpreendente, o número sete é predominante, tanto explícita quanto implicitamente. Este número não deve ser tomado literalmente, mas deve ser entendido como uma ideia que expressa totalidade ou completude. Por exemplo, Jesus manda João escrever cartas a sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. (1. 11). [...] Jesus se dirige às igrejas de todos os tempos e todos os lugares. O número sete simboliza completude (KISTEMAKER, 2004, p. 14).

²⁶ Genèse et Apocalypse sont structurés par la même forme discursive : le septénaire. Gn 1 dispose la création en sept jours, Apocalypse développe une succession de septénaires : les sept lettres aux sept anges des sept églises (2,1-3,22) ; les sept sceaux qui ferment le livre et que l'Agneau ouvre successivement (6,1-8,1) ; les sept trompettes sonnées par les anges (8,6-11,19) et les sept coupes versées sur la terre (16,1-21). Il s'agit toujours de septénaires un peu particuliers qui ne développent pas simplement des listes continues, comme des énumérations, mais des formes structurées en 6 + 1. Le septième élément vient à part et les événements qui occupent l'espace entre 6 et 7 viennent rompre l'effet de la série en introduisant des isotopies différentes. (Francês – França).

Dentre tantas igrejas existentes no primeiro século, João, então, escolhe dirigir-se às sete igrejas, mantendo um de seus padrões numéricos. Ao final, o destinatário são as igrejas cristãs de todos os lugares e época. Isto explica, talvez, o fenômeno, da cristandade de todos os lugares e épocas tomarem para si o livro de Apocalipse como tendo aplicações imediatas para toda a cristandade.

Nesse sentido, ele se dirige historicamente à sete igrejas locais, mas com a intenção de alcançar fiéis de todos os lugares e tempos. Na verdade, sob um olhar da análise do Discurso Religioso, podemos perceber, o que Fiorin defende sobre o discurso religioso “[...] é um discurso não ancorado no tempo e no espaço, o que denota que é válido para todos os tempos e todos os lugares [...]” (FIORIN, 2013, p. 24). Nesse sentido Mendes também afirma que o discurso bíblico “há dois mil anos vem sendo falado, escrito, compilado, editado, lido e ouvido nos lares e igrejas em determinados pontos do mundo.” (MENDES, 2009. p. 49). Por isso, o discurso por trás das narrativas bíblicas têm sido recepcionado e sempre impactado, em alguma medida, muitas gerações e sociedades mesmo em épocas diferentes, o que também se estende ao livro de Apocalipse.

3.1.2. O Uso de Contrastes

O livro de Apocalipse está repleto de contrastes. Algumas figuras são utilizadas por João como forma de contraste, tematizando assim as tensões e conflitos existentes no cotidiano da igreja. Ecoando Kistemaker, “Apocalipse é um livro cheio de contrastes.” (KISTEMAKER, 2004, p. 17). Há contraste entre Cristo e o Anti-Cristo; contraste entre a Cidade Santa, Jerusalém, e a cidade impura da Babilônia; o contraste entre a mulher vestida de sol representando a igreja, e a grande meretriz que representa o mundo opositor à igreja; há o contraste entre o céu e o inferno; há o contraste entre o cordeiro e o dragão; há o contraste entre as duas bestas e os seres vivos com aparência de animal; o contraste entre o trono de Deus e o trono de Satanás. Há ainda o contraste entre o trono de Deus e o trono de Satanás; entre o céu e o inferno. Mas do que ser um reflexo possível do dualismo neoplatônico do primeiro século, essa estrutura literária de contrastes parece estar mais relacionada aos contrastes existentes em toda a Bíblia, a começar no livro de

Gênesis, como por exemplo, o contraste entre os filhos de Deus e os filhos dos homens, luz e trevas, água e fogo (Gênesis 6).

3.1.3. Elementos da Natureza

É notório o uso frequente de figuras relacionadas à natureza em todo o livro de Apocalipse. João não hesita em usá-las em abundância como recurso literário. Há referência ao arco-íris. João faz várias referências à desordem da natureza, com visões de cataclismas. Faz ainda referência frequente aos astros, o sol, a lua e as estrelas. Também está repleto de referências a trovões e relâmpagos. Há referência a rios, mar, céu, terra, animais diversos, vento, o ar. Nesse sentido parece estar refletindo o aspecto literário relacionado à natureza descrito em diversos livros da Bíblia, como Romanos oito, onde Paulo dá ênfase à criação de Deus. Para Kistemaker, “o livro de Apocalipse está cheio de expressões simbólicas relativas à natureza, inclusive um forte vento (6. 13; 7. 1), um terremoto (8. 5; 11. 19; 16. 18), um fogo consumidor (8. 7; 20. 9) e um período de silêncio (8. 1).” (KISTEMAKER, 2004, p. 26). Fenômenos da natureza fazem parte do texto de apocalipse, de seu início ao fim.

3.1.4. Elemento Somáticos

João também faz frequente uso de figuras relacionadas ao corpo. Já no primeiro capítulo desenvolve várias linhas descrevendo em detalhes partes do corpo do Cristo glorificado. E no decorrer do livro faz referência aos olhos de Deus, seus pés, sua mão. Esse também é reflexo natural da abordagem literária que a Bíblia faz do corpo humano e da divindade se comunicando através de figuras que significam algo fazendo referências ao corpo humano. O estudo do corpo no estudo de Apocalipse é importante, pois livro faz referências ao corpo com certa ênfase. Toda a Bíblia faz frequentes referências ao corpo, mas o livro de Apocalipse dá uma ênfase com maior frequência, por exemplo, quando fala dos detalhes do corpo de Jesus (Apocalipse 1), do corpo da mulher que fugia do dragão (Apocalipse 12), do corpo do dragão (Apocalipse 12), do corpo das duas bestas (Apocalipse 13), e, dos corpos dos mortos no juízo final (Apocalipse 20).

3.1.5. As Cores

O livro de Apocalipse está repleto de descrições e referências a cores. Do início do livro ao seu final, João faz uso frequente desse recurso. O papel das cores na Bíblia Sagrada tem uma importância fundamental. Há um simbolismo por trás das cores na Bíblia, como diz Kistaemaker, “para algumas das cores mencionadas na Escritura, o contexto parece fornecer um significado simbólico.” (KISTEMAKER, 2004, p. 28). Por exemplo, o vermelho remete a sangue e à morte, se ligando ao sacrifício e ao perdão de pecados. Além disso, o escarlate remete por vezes a orgias. Branco por sua vez nos faz lembrar da santidade de Deus. As demais cores fazem eco às cores utilizadas na constituição do tabernáculo o Antigo Testamento.

3.1.6. A Representação do Grotesco: Criaturas

O livro de Apocalipse não é um livro de teor mitológico. Todavia, o autor faz uso de imagens de criaturas diversas e peculiares ao livro de Apocalipse. Há referência a quatro seres viventes, que parecem ser quatro anjos especiais, que ficam em torno do trono de Deus, adorando-o, e tendo em si aparência de animais diversos, mas que relembram animais que remetiam para o Cristo no Antigo Testamento, como cordeiro, cavalo, água, leão. Há também a imagem da figura de um dragão que o texto afirma ser a antiga serpente. Finalmente, há referência a duas bestas, que intentarão perseguir aos cristãos. Essa besta tem dez diademas, e sete chifres. São criaturas incomuns, e que aparecem em Apocalipse, para transmitir uma mensagem específica aos cristãos, como afirma Kistemaker, “Todas essas criaturas, a seu próprio modo, aumentam o simbolismo de Apocalipse.” (KISTEMAKER, 2004, p. 30). Herdando ou tomando como referência, a literatura de Daniel do Antigo Testamento, Apocalipse é rico em uso de figuras e ilustrações através da representação de criaturas.

3.1.7. Pessoas, Lugares e Nomes

João costuma fazer uso de nomes, lugares e pessoas de maneira figurativa, e por vezes de modo literal. Há exemplos de lugares que são relatados literalmente, com a Ásia Menor, e Roma (Apocalipse 1, e 13), o Apóstolo João (Apocalipse 1). Por vezes pessoas e lugares são tratados figurativamente, como as duas testemunhas e a cidade santa (Apocalipse 10 e 11). Na verdade, este é um padrão usado com frequência pelos autores bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. No entanto, devido à natureza do conteúdo de Apocalipse em sua maior parte, os nomes, lugares e pessoas nesse livro, evidentemente, tem uma finalidade figurativa, sob a qual discutiremos no capítulo 3º. Kistemaker elucida este aspecto nas seguintes palavras:

Muitas vezes, o Novo Testamento emprega nomes não como referência às pessoas como tais, mas à posição, a importância e o trabalho delas. Abraão, por exemplo, personifica o pai de todos os crentes; e Moisés, a lei de Deus (Lc 13.16; 19.9; 24.27). Moisés e Elias se juntam a Jesus no monte da Transfiguração, onde Moisés representa a lei; e Elias, os profetas (Mt 17.1–8). Paulo chama Adão de pai da raça humana (Rm 5.14; 1Co 15.22, 45), e Tiago retrata Jó como a encarnação da perseverança (Tg 5.11). O Apocalipse de João registra nomes que ilustram a fidelidade (Antipas; 2.13), o engano (Balaão; 2.14) e a sedução (Jezabel; 2.20). Ele menciona Sodoma e o Egito como símbolos da imoralidade e da escravidão, respectivamente (11.8). Para ele, o monte Sião simboliza a nova Jerusalém, que descerá dos céus como a morada para Deus e seu povo (Ap. 14.1; 21.2–3). KISTEMAKER, 2014. p. 24).

3.1.8. A Figura do Cordeiro

Uma figura muito comum no livro de Apocalipse é a metáfora. As metáforas são concentrações semânticas. A semântica leva em conta traços comuns entre dois significados que coexistem, com o objetivo de dar concretude a uma ideia abstrata. Com isso, ela aumenta a intensidade do sentido. Segundo Fiorin, “Poder-se-ia dizer que o sentido torna-se mais tônico. Ao dar o sentido de tonicidade, a metáfora tem um valor argumentativo muito forte.” (FIORIN, 2014, p. 34). Podemos verificar o uso dessa figura, onde se usa traços confluentes que tonifica o discurso no exemplo da metáfora de Cristo como um cordeiro, como em Apocalipse capítulo 5:

Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; e eu chorava

muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos. Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres viventes e entre os anciãos, de pé, um *Cordeiro* (grifo nosso) como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; e, quando tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do *Cordeiro*, (grifo nosso) tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra. Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares, proclamando em grande voz: Digno é o *Cordeiro* (grifo nosso) que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor. Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo: Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram. (Ap. 5).

Os traços comuns que unem Jesus à figura de um cordeiro é especialmente sua submissão e mansidão em face à sua iminente morte, ora denominada como sacrifício. Isso fica mais claro a partir da relação intertextual e interdiscursiva entre o livro de Isaías, Evangelho de João, Pedro e Apocalipse 5 que lemos, como podemos verificar:

Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas *não abriu a boca* (grifo nosso); como *cordeiro* (grifo nosso) foi levado ao matadouro; e, como *ovelha muda* (grifo nosso) perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido. Designaram-lhe a sepultura com os perversos, mas com o rico esteve na sua morte, posto que nunca fez injustiça, nem dolo algum se achou em sua boca. (Isaías 53. 7-9). No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o *Cordeiro* (grifo nosso) de Deus, que tira o pecado do mundo! É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim. Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água. (João 1. 29-31). Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, *não revidava* (grifo nosso) com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente. (1Pedro 2. 21-23).

A figura do cordeiro, como vimos, remete à mansidão e submissão, mesmo em face à morte. João utiliza esta figura para exortar os destinatários a não alimentarem rancor, revolta ou praticar insurgência contra seus opositores, tomando como exemplo a atitude de Cristo, que no momento de seu julgamento e morte manteve-se manso e humilde. Para fundamentar essa orientação João apela para uma figura muito utilizada na literatura judaica que fazia referência ao messias, a figura do cordeiro. O cordeiro era uma figura que trazia à memória dos judeus, e judeus cristãos, a esperança messiânica, em meio à perseguição, algo que era bem comum nas literaturas judaicas de cunho apocalíptico. Latourette afirma que:

Os apocalipses e a crença em um messias foram proeminentes na fé judia. Os dois foram muitas vezes associados, mas de modo nenhum inseparáveis. Os apocalipses eram uma espécie de literatura que floresceu em círculos judeus nos séculos imediatamente o tempo de Cristo e logo após esse período.” (LATOURETTE, 2006, p. 14).

Concluíamos que a figura do cordeiro tem como objetivo ressaltar o tema da esperança, esperança messiânica, tão em voga nos primeiros séculos do cristianismo.

3.1.9. A figura da mulher grávida

No capítulo doze de Apocalipse, João narra a respeito de uma visão que teve sobre uma mulher vestida de sol e com a lua debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrelas em sua cabeça. João relata que essa mulher estava grávida e prestes a dar à luz. Esta mulher estava com intenso sofrimento, devido às dores de parto. Esta mulher sofredora e ansiosa pelo nascimento de seu filho é a figurativização do sofrimento da igreja que, por causa da perseguição que estava sofrendo nutria forte esperança e anseio pelo aparecimento de Jesus. A relação que se estabelece é a partir de traços da gravidez de uma mulher, tendo como principal traço as contrações e o nascimento do filho. Assim como uma mulher sente contrações, dores e depois usufrui do nascimento do filho, também o povo de Deus aguardava ansiosamente a vinda do messias, sob forte e constante opressões de seus exatores, até que culminou, finalmente no nascimento do filho, que é Jesus. Uma vez que, ao final de Apocalipse, nos capítulos 21 e 22, João ressalta a volta do messias, logo, se estabelece também um contraste entre a primeira vinda do

messias e a segunda, ambas com um conturbado interlúdio sofrido por seus fiéis. Isso reflete a esperança messiânica existente na época. Como afirma Cairns: “A esperança de um messias tinha sido popularizada no mundo romano a partir desta firme proclamação dos judeus [...]. Certamente, os homens instruídos que viveram em Jerusalém na época imediatamente anterior ao nascimento de Cristo tiveram contato com essa esperança. A expectativa de muitos cristãos hoje em torno da vinda de Cristo ajuda-nos a compreender a atmosfera da expectativa no mundo judeu acerca da vinda do Messias.” (CAIRNS, 1988, p. 35).

3.1.10. A figura da noiva

João descreve a igreja ora como uma mulher que deu origem ao Filho de Deus (visto que Jesus era judeu e foi gerado em Israel, que representa a esposa de Deus), ora como uma noiva que aguarda Jesus como noivo que a resgatará. João afirma: “Então veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: ‘vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do cordeiro’.” (Ap. 21. 9). E mais: “Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para seu esposo’.” (Ap. 21. 2). Comentando a metáfora nesta passagem, Kistemaker afirma:

Descrevendo a intimidade de Deus com o seu povo, João usa a metáfora da cerimônia de um casamento em que a noiva é preparada e enfeitada para o seu marido (compare com 19.7; Is 49.18; 61.10). Aquele que preparou e enfeitou a noiva não pode ser a noiva, ou seja, a própria igreja. Não, foi Jesus Cristo que a purificou e a apresentou a ele mesmo, sem mancha ou ruga (Ef 5.26–27). A cerimônia do casamento vai começar e, a partir de agora, noiva e noivo estarão juntos para sempre. (KISTEMAKER, 2014, p. 723,).

Os traços que unem as características de uma noiva e da igreja é a expectativa. Em toda cultura, nos preparativos da cerimônia de um casamento se observa que há uma forte expectativa por parte da noiva para o dia do casamento. Semelhantemente havia uma forte expectativa dos destinatários de serem libertos daquela situação de opressão. Essa expectativa era alimentada pelo discurso da volta de Jesus, que viria como noivo para resgatá-los.

3.1.11. A figura da cidade de Jerusalém

João utiliza também outra figura para descrever a igreja: é a figura de uma cidade, especificamente da cidade de Jerusalém. Jerusalém é uma cidade icônica para os judeus, assim como para os judeus convertidos. Jerusalém é a cidade mais importante para os judeus e para os cristãos porque ela foi fundada pelo rei Davi, o maior rei da história dos hebreus. Além disso, naquele espaço foram construídos os três principais templos: o templo de Salomão, o templo de Esdras e Neemias, e o templo de Herodes nos tempos de Jesus. Dentro do templo, jazia a arca da Aliança, que simboliza a presença de Deus. Além disso, a cidade de Jerusalém ocupa um lugar de importância fundamental para a teologia, para história, para cultura e para religião dos judeus. Sendo assim, João se utiliza propositadamente da figura de Jerusalém para retratar a igreja, com o fim de evidenciar o quanto a igreja é preciosa para Deus, mesmo que sofra perseguição de mundo, também figurado por uma cidade, a cidade da Babilônia. A similaridade metafórica entre a igreja e a cidade de Jerusalém é posto por João, tendo como traços comuns, na mentalidade judaica da época, o fato de que os destinatários estavam sob opressão de inimigos, tal como a cidade de Jerusalém estava sob domínio de Roma. Esta mentalidade, de ver Jerusalém como quem estava sob escravidão é refletida no Novo Testamento por Paulo:

Estas coisas são alegóricas; porque estas mulheres são duas alianças; uma, na verdade, se refere ao monte Sinai, que gera para escravidão; esta é Agar. Ora, Agar é o monte Sinai, na Arábia, e corresponde à Jerusalém atual, que está em escravidão com seus filhos. Mas a Jerusalém lá de cima é livre, a qual é nossa mãe; porque está escrito: Alegra-te, ó estéril, que não dás à luz, exulta e clama, tu que não estás de parto; porque são mais numerosos os filhos da abandonada que os da que tem marido. (Gálatas 4. 24-26).

3.1.12. A Figurativização do Juízo de Deus

No capítulo sexto de Apocalipse, João narra sobre uma visão que teve a respeito de quatro cavalos e seus cavaleiros. Ao que parece, João intenta com o uso da figura dos cavalos para demonstrar a força bélica dos eventos que se seguiriam em um futuro cataclísmico. Isto porque, na antiguidade, um grande instrumento

logístico de guerra era o cavalo. A própria Bíblia encara o cavalo como uma força bélica, pois afirma em outro lugar: “O Cavalo prepara-se para o dia da batalha, mas a vitória vem do Senhor”. (Pv. 21. 31).

João vê quatro cavalos e seus cavaleiros, sendo cada um de uma cor, e com aplicações de juízos diferentes, como segue na descrição:

Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem! 2 Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer. 3 Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem! 4 E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada. 5 Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão. 6 E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho. 7 Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem! 8 E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra. (Ap. 6. 1-8).

Como podemos verificar no texto, a figura dos quatro cavaleiros é resultado da abertura dos quatro primeiros selos, dentre sete selos que serão abertos pelo cordeiro (Jesus). Devemos lembrar que o capítulo quinto narra a respeito da angústia de João ao ver um livro selado com sete selos, e que ninguém era digno de abri-los. Então João é consolado por um ancião que lhe diz que o cordeiro (Jesus) é digno de abrir os selos. O capítulo sexto é a narrativa da abertura dos sete selos, em que os quatro primeiros selos tratam da visão de quatro cavalos e seus cavaleiros, em movimentação como que é uma batalha.

O primeiro cavalo é o cavalo branco. De acordo com Apocalipse capítulo dezenove, o cavaleiro do cavalo branco é Jesus, que sai para vencer. João coloca Jesus como o primeiro cavaleiro para ratificar as próprias palavras de Jesus no primeiro capítulo do livro, em que afirma que ele é o primeiro e o último, o alfa e o ômega, demonstrando uma soberania sobre os eventos históricos.

O segundo cavalo é um cavalo vermelho. Os traços semânticos dessa figura são a cor vermelha do cavalo, bem como o fato de que o texto fala de uma grande espada. A intenção desse cavaleiro é acabar com a paz da terra, em que os homens se matariam uns aos outros. Esses traços semânticos remetem à violência,

especialmente em contexto bélico, pois relata sobre uma grande espada. A figura desse cavalo remete ao tema do juízo de Deus sobre o mundo, ao permitir, em sua soberania revelada no primeiro cavalo, guerras sobre o mundo, como uma forma de castigo e como uma resposta às opressões sofridas por seu povo. Isto nos faz lembrar das palavras de Jesus, registradas no Evangelho de Mateus, capítulo vinte e quatro, no qual ele afirma que nos últimos tempos haverá guerras e rumores de guerra.

O terceiro cavalo é um de cor preta. O seu cavaleiro tinha uma balança na mão, e rogava a si o controle dos alimentos no mundo, em face de uma aparente escassez de alimento, o que nos remete à crise econômica. A figura do cavalo preto nos remete ao tema da pobreza, como resultado do juízo de Deus sobre o mundo. Essa figura também nos faz lembrar das palavras de Jesus em Mateus vinte e quatro, em que ele afirma que nos últimos tempos haverá um aumento da fome no mundo.

O quarto cavalo é o cavalo amarelo. Na verdade, a tradução desta palavra “amarelo” que mais se aproxima do grego original é a palavra esverdeado, uma típica palavra usada para retratar enfermidades. Segundo Kistemaker,

O quarto cavalo da série dos primeiros quatro seles é amarelo esverdeado, no texto grego. Os tradutores geralmente omitem a palavra *verde*, enquanto alguns qualificam o termo *pálido* com o adjetivo *doentamente* ou *mortalmente*. A cor verde amarelado (grego *chloros*) descreve a morte, e a decomposição que provoca náusea. Aqui está o retrato do cavalo amarelo esverdeado da morte.” (KISTEMAKER, 2004. p. 298).

Ao que parece, João tenta demonstrar que Deus derramaria um tipo de castigo sobre o mundo em forma de doenças, por vezes oriundas de animais, pois um dos castigos desse cavalo é causar mal sobre o mundo, através das feras da terra (ou animais selváticos).

3.1.13. As Sete Trombetas

João utiliza outra figura que remete ao tema do juízo de Deus. Ele utiliza a figura de trombetas, especificamente de sete trombetas. As trombetas eram utilizadas na literatura bíblica e judaica para ressaltar um traço cultural da palestina, comum não só aos israelitas, mas aos povos da Mesopotâmia, Palestina e

posteriormente até ao povo grego e romano. Esses povos utilizavam as trombetas em contextos litúrgicos das cerimônias religiosas, para ressaltar a solenidade do momento. Além disso eram utilizadas pelos exércitos.

Um traço semântico comum das trombetas de Apocalipse são os traços que remetem à cena de uma grande pedra ardendo em chamas, caindo do céu sobre a terra. O texto explicita da seguinte forma:

Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. 2 Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. 3 Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; 4 e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. 5 E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. 6 Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar. A primeira trombeta 7 O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde. A segunda trombeta 8 O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, 9 e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações. A terceira trombeta 10 O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha. 11 O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas. A quarta trombeta 12 O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite. 13 Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar! (Ap. 8).

Estes traços de uma rocha ardente caindo sobre a terra ecoam um grande evento cataclísmico, ilustrando da ira de Deus sobre os homens. Trata-se do juízo de Deus sobre as cidades de Sodoma e Gomorra, em que Deus fez cair fogo do céu contra a cidade, como também o faz no Egito, com a sétima praga, no qual foram atiradas pedras à terra do Egito. Além de serem traços que remetem ao tema da justiça e vingança, também são traços inseridos no Apocalipse por meio do diálogo entre o Novo e o Antigo Testamento, nos fazendo lembrar do procedimento linguístico intertextual. Nesse sentido, Barros nos lembra que “outros procedimentos facilitam o reconhecimento das isotopias, tais como a determinação dos conectores de isotopias e das relações intertextuais” (BARROS, 2005, p. 73).

3.1.14. Os Sete Cálices da Ira de Deus

João descreve também, como figura, acerca dos setes cálices da ira de Deus. Essas sete taças da ira de Deus são descritas também como sete flagelos. Tanto o termo taça como flagelo já indicam traços semânticos que remetem à ideia de castigo, juízo e vingança. A ideia de taças cheias indica tanto a sede de vingança, como a ideia de vitória sobre os inimigos. No Salmo 23, por exemplo, é dito: “Preparas-me uma mesa na presença de meus inimigos. O meu cálice transborda.” (Sl. 23). Já o termo flagelo indica castigo. Esse traço era algo bem vívido na mentalidade dos destinatários, uma vez que tanto Jesus sofreu flagelos e açoites, como era comum seus primeiros discípulos serem presos e açoitados. O texto descreve esses elementos, como segue:

Ouvi, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus. 2 Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas. O segundo flagelo 3 Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar. O terceiro flagelo 4 Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. 5 Então, ouvi o anjo das águas dizendo: Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo, pois julgaste estas coisas; 6 porquanto derramaram sangue de santos e de profetas, também sangue lhes tens dado a beber; são dignos disso. 7 Ouvi do altar que se dizia: Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos. O quarto flagelo 8 O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. 9 Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória. O quinto flagelo 10 Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam 11 e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras. O sexto flagelo 12 Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio Eufrates, cujas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol. 13 Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; 14 porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso. 15 (Eis que venho como vem o ladrão . Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha.) 16 Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom. O sétimo flagelo 17 Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está! 18 E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande. 19 E a grande cidade se dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. 20 Todas as

ilhas fugiram, e os montes não foram achados; 21 também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande. (Ap. 16).

Como podemos verificar, alguns termos da figura das taças nos levam ao tema da vingança e juízo de Deus, tais como “úlceras perniciosas”, “sangue”, “queimar”, “fogo”, “calor”, “trevas”, “remordiam” “trovões”, “terremoto”, “desabou do céu”, “saraivada”, “chuva de pedras”. Todas as palavras e expressões indicam traços semânticos que apontam para o tema de vingança e do julgamento divino.

O que podemos observar nesses traços é que eles revelam uma sanção aplicada por Deus aos sujeitos²⁷ que praticaram atos de intolerância religiosa por perseguirem a igreja. Ao que nos parece, o sujeito Arqui-enunciador, Deus, estabeleceu um contrato com a humanidade, através dos dez mandamentos, no qual ele exige comportamentos como o da preservação da vida ou da tolerância para com o próximo. No entanto, quando alguns sujeitos se insurgem contra os cristãos, estão, na verdade, descumprindo esse princípio da tolerância. Logo, o juízo final é a aplicação das sanções de Deus sobre estes sujeitos, visto que, como afirma Barros,

o discurso intolerante é, sobretudo um discurso de sanção aos sujeitos considerados como maus cumpridores de certos contratos sociais: de branqueamento da sociedade, de pureza da língua, de heterossexualidade, de identidade religiosa e outros. Esses sujeitos são, portanto, no momento do julgamento, reconhecidos como maus atores sociais [...], punidos com a perda de direitos, ou até mesmo com a morte. (BARROS, 2016, p. 8).

3.1.15. A Queda da Grande Babilônia

²⁷ Estes sujeitos são descritos na literatura apocalíptica como o “mundo inteiro”, excluindo a igreja sofredora. João escreve que Deus derramará sua vingança sobre o mundo inteiro: “Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra.” (Ap. 3. 10); Descreve-o ainda como o mundo que foi seduzido por Satanás: “E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos.” (Ap. 12. 9). Em outro lugar, João aponta estes sujeitos como todas as nações, as quais estavam enfurecidas contra a igreja: “Na verdade, as nações se enfureceram; chegou, porém, a tua ira, e o tempo determinado para serem julgados os mortos, para se dar o galardão aos teus servos, os profetas, aos santos e aos que temem o teu nome, tanto aos pequenos como aos grandes, e para destruíres os que destroem a terra.” (Ap. 12. 18). Ainda em outro lugar, João denomina-os como os homens (grego antropos, ser humanos) que têm a marca da besta: “Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas.” (Ap. 16. 2).

Outra figura usada em Apocalipse também remete ao tema de juízo de Deus. Trata-se da queda da grande cidade Babilônia. Como já fora demonstrado aqui, a figura da cidade da Babilônia não se refere à antiga Babilônia literalmente. Tampouco de alguma neo-babilônia. Trata-se de uma estratégia enunciativa do enunciador, em usar traços semânticos comuns da história de Israel, que remetem ao histórico e fatídico exílio dos judeus, sob o poder do império Babilônio. Ao que parece, João no processo manipulatório, intenta performar os destinatários a ter uma competência reativa, procurando produzir nos destinatários um efeito de sentido de resiliência, resistência e perseverança, diante do opressor império romano, tal qual os judeus se mostraram perseverantes nos tempos do império babilônio. O texto de Apocalipse 18 retrata essa figurativização no texto a seguir:

Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. 2 Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável, 3 pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria. 4 Ouí outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos; 5 porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou. 6 Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. 7 O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver! 8 Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou. Os lamentos dos admiradores de Babilônia 9 Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio, 10 e, conservando-se de longe, pelo medo do seu tormento, dizem: Ai! Ai! Tu, grande cidade, Babilônia, tu, poderosa cidade! Pois, em uma só hora, chegou o teu juízo. 11 E, sobre ela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria, 12 mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore; 13 e canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado e ovelhas; e de cavalos, de carros, de escravos e até almas humanas. 14 O fruto sazonado, que a tua alma tanto apeteceu, se apartou de ti, e para ti se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca jamais serão achados. 15 Os mercadores destas coisas, que, por meio dela, se enriqueceram, conservar-se-ão de longe, pelo medo do seu tormento, chorando e pranteando, 16 dizendo: Ai! Ai da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura, e de escarlata, adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas, 17 porque, em uma só hora, ficou devastada tamanha riqueza! E todo piloto, e todo aquele que navega livremente, e marinheiros, e quantos labutam no mar conservaram-se de

longe. 18 Então, vendo a fumaceira do seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade? 19 Lançaram pó sobre a cabeça e, chorando e pranteando, gritavam: Ai! Ai da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque, em uma só hora, foi devastada! 20 Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa. A ruína de Babilônia é completa e definitiva 21 Então, um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. 22 E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído de pedra de moinho. 23 Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria. 24 E nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra.

Os traços figurativos desse texto que remetem ao tema da vingança ou julgamento de Deus são: “Caiu”, “Demônios”, “covil”, “imunda”, “viúva”, “pranto”, “cálice”, “ruína”, “fumaceira”, “incêndio”, “pedra de moinho”. Todos os traços semânticos, apontam, de maneira isotópica, para o tema da vingança de Deus sobre os opositores de seus fiéis. As leituras temático-figurativas propostas pelo enunciador estão relacionadas. Os traços de juízo e vingança interrelacionam-se por laços metafóricos e ligam-se, metonimicamente, à isotopia de julgamento que as envolve. Sendo então evidenciado dois discursos: o de julgamento e o de vingança. Podemos asseverar que temos aqui um discurso pluriisotópico.

3.1.16. O Julgamento Final

Finalmente, o tema da vingança e do castigo de Deus é ressaltado pela figura do juiz, por meio da dramatização de um julgamento final, relatado no capítulo vinte de Apocalipse. Ali, vários traços semânticos apelam para a ideia de julgamento e vingança, entendendo a vingança como uma retribuição moral e legal de Deus para com aqueles que quebraram um contrato, ao quebrar o mandamento do amor ao próximo, quando os opositores perseguiram os cristãos. Sobre a vingança Greimas afirma ser ela “[...] um reequilíbrio de sofrimentos entre dois sujeitos antagonistas. Um tal equilíbrio de sofrimentos é um fenômeno intersubjetivo, uma regulação social das paixões.” (GREIMAS, 2014, p. 241). Nesse sentido, afirma ainda Greimas que “o descontentamento se apresenta como pivô passional ao subsumir o desenvolvimento das estruturas passionais que constituem o sintagma passional da

‘cólera’.” (GREIMAS, 2014, p. 226). O capítulo vinte de Apocalipse descreve o julgamento final da seguinte forma:

Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. 12 Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. 13 Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. 14 Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. 15 E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo. (Ap. 20. 11-15).

Nesse trecho do livro, é possível encontrarmos vários traços semânticos apontando para a ideia de julgamento, tais como: “trono”, “mortos”, “livros” e “lago de fogo”. São traços semânticos típicos do ambiente de um tribunal. Esse percurso figurativo de Apocalipse nos traz pista de como o destinador intentara manipular os destinatários, fazendo-os passar do estado de desânimo para perseverança, que parece ser uma ideia central do livro de Apocalipse.

3.1.17. O Diabo e a figura do dragão

João associa as dores de parto da mulher à perseguição causada pelo grande dragão vermelho, que é descrito no restante do texto. João identifica o dragão a Satanás, lembrando que ele também é a antiga serpente do relato do Jardim do Éden. No capítulo vinte, João retrata o Diabo novamente com a figura de um dragão e uma serpente, quando narra a respeito de um anjo que prendeu Satanás e o pôs em um abismo por mil anos. Ao se completarem os mil anos, Satanás será solto e irá reunir os povos de todas as nações a fim de iniciar uma aguda incursão bélica contra a igreja, doravante aqui figurada como uma cidade santa (Ap. 20).

Esse dragão, que é Satanás, arrasta a terça parte das estrelas do céu. As estrelas são referências a anjos, uma vez que no capítulo primeiro João ressalta que em suas narrativas a personificação dessas estrelas se referem a anjos: “Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e os sete candeeiros, as sete estrelas são sete anjos, e os sete candeeiros são as sete igrejas”. (Ap. 1. 20).

João narra aqui como aconteceu a queda de terça parte dos anjos, os quais se tornaram demônios súditos de Satanás.

Tratando ainda sobre o diabo, João narra sobre duas figuras que se referem aos dois sistemas de poder, um político e um religioso. Trata-se das duas famigeradas figuras das duas bestas do Apocalipse. Uma besta emerge da terra e outra emerge do mar. Ao que nos parece, temos aqui uma aplicação de isotopia figurativa, uma vez que o enunciador desenvolve de modo redundante a descrição de traços figurativos, como o traço de uma besta aterrorizante, que tem por objetivo causar um efeito de sentido de caos. João pretende, através de recorrência desse traço (Besta), atribuir ao discurso de Apocalipse uma imagem organizada e completa da situação opressora a que a igreja estava sendo submetida.

A besta que emerge do mar e, assim como o dragão, tem chifres, sete cabeças e dez diademas sobre as cabeças. Ao que tudo indica, esses aspectos dessa figura, envolta a chifres, diademas e cabeças, são referências metafóricas de poder, uma vez que são traços de liderança na Bíblia²⁸. Portanto, a besta se refere a um poder político.

A besta que emerge da terra permite articular a relação entre o ser e o parecer. Segundo João, a besta parece-se com o cordeiro. Isto nos faz lembrar que uma das estratégias de Satanás é tentar sempre imitar o cordeiro. Todavia, João denuncia o aspecto satânico desta besta quando afirma que, na verdade, ela fala como dragão. Por causa destes traços, ter aparência do cordeiro, e ter um forte

²⁸ Kistemaker aponta o simbolismo dessa passagem da seguinte forma: “Se interpretarmos o termo *mar* figuradamente, segue-se que o resto deste versículo seria explicado da mesma forma. Recorrendo à passagem de Daniel 7. 3, João observa não quatro bestas, mas uma como uma combinação de quatro emergindo do mar. Esta besta tem dez chifres e sete cabeças, mas estes números não devem ser tomados literalmente como uma referência a sete reis (Ap. 17. 9, 10). Por exemplo, a enumeração de sete reis é tão diversa que uma explicação indisputável está fora de questão: alguns começam sua contagem a partir dos imperadores romanos, com Júlio César; outros com Augusto; e, ainda outros, com Calígula. Ainda que uma explicação satisfatória pudesse ser dada, o intérprete teria dificuldade em explicar o sentido literal de dez chifres e dez coroas. É prudente entender os números sete e dez simbolicamente como figuras de completude e plenitude, e aplicá-las às forças combinadas dos governos mundiais postos contra os santos da terra. As sete cabeças formam uma frente unida contra Deus, sua Palavra e seu povo, e atacam com o poder completo de dez chifres. As sete cabeças e os dez chifres são os do próprio Satanás, que já foi descrito como o gigante dragão vermelho (Ap. 12. 3). Ainda que permanecendo na tela de fundo, Satanás está usando a besta – uma imagem dos governos mundiais – para fazer a obra por ele. Note que o dragão tinha sete cabeças com sete coroas em suas cabeças, porém a besta tem dez chifres com dez coroas em seus chifres. Todos estes são retratos de poderes terrenos; os números, as cabeças, os chifres e as coroas – todos esses juntos exemplificam uma força tremenda que ninguém reconhecia. Satanás usa os poderes do mundo para pôr em andamento sua causa sobre a terra, pois ele sabe que pouco tempo lhe resta. (Ap. 12. 12). (KISTEMAKER, 2004. p. 478).

discurso sedutor (como a antiga serpente que seduziu Eva), alguns teólogos, como Kistemaker e Pohl, asseveram que se trata aqui de poderes religioso e filosóficos, de teor anticristão²⁹. A besta que emerge da terra tem como característica marcar na testa e nas mãos seus súditos. Satanás, por meio desse poder religioso, irá impor sanções a quem não se submeter a seu sistema, pois João narra que quem não tiver a marca da besta nas mãos e na testa não poderá comercializar, ou seja, não poderá comprar nem vender. Esta marca é um número, que João chama de número de homem, que é seiscentos e sessenta e seis, fazendo um contraste ao número frequentemente usado para as figuras divinas: o número sete. Segundo alguns estudiosos³⁰, João pretende aqui relacionar estas duas bestas ao poder do Império Romano da época, que detinha o poder político e regulamentava as religiões do império, além de ter em si próprio um caráter religioso, uma vez que o imperador exigia reverência como de uma divindade.

3.1.18. O Mundo Opositor

O mundo opositor ao cristianismo é descrito na Bíblia como o mundo, tão somente. Em Apocalipse, esse mundo diz respeito às pessoas e às nações que se levantam contra a igreja. Essas nações são caracterizadas como um sistema que se opõe a Deus, vivendo na prática de rebeldia e orgias.

A primeira figura que João usa para se referir ao mundo rebelde é a figura de uma meretriz, para fazer referência às orgias praticadas por aqueles que perseguem a igreja cristã, como acontecia no período da igreja primitiva que sofria oposição de um império marcado por orgias. Esse retrato do mundo como opositor imoral está narrado no capítulo dezessete de Apocalipse.

²⁹ Kistemaker, por exemplo, assevera que, “A segunda besta não emerge do mar de pessoas como símbolo de força bruta, mas emerge da terra em contraste com o céu. Esta besta se opõe em direta oposição a tudo o que procede do céu e é destituída de tudo o que é celestial. Ele é, portanto, a agregação do pecado que vai da terra ao céu; e, como o falso profeta, ele se põe completamente a serviço do Anticristo. O falso profeta é mencionado três vezes em Apocalipse (Ap. 16, 13; 19. 20; 20. 10). Ele personifica as filosofias seculares, isto é, as teorias profanas de conhecimento que influenciam o pensamento e ações das massas. Seu propósito é por o mundo contra Deus e seu Cristo, contra a revelação e seu povo.”. (KISTEMAKER, 2004, p. 492). Pohl, fazendo comparação entre a primeira besta (poder político) e a segunda besta (poder religioso) argumenta: “à ênfase política dos v. 1-8, agrega-se agora à religiosa e social”. (POHL, 2001. p. 112).

³⁰ Como Kistemaker e Pohl, na nota supracitada.

A segunda figura utilizada por João para descrever o mundo rebelde é a figura da grande Babilônia, no capítulo dezoito. João usa Babilônia para fazer uma referência ao mundo rebelde, tal como Babilônia ficou conhecida para os judeus e os primeiros cristãos como o primeiro grande império que escravizou os judeus, forçando o exílio de muitos deles. Então João se utiliza dessa figura para mostrar o poder bélico, econômico e imoral que jazia no império romano daquela época, bem como em qualquer época e local que há oposição aos cristãos.

Podemos perceber nesses traços que há, em geral, uma coerência semântica que nos leva a temas centrais no livro de Apocalipse. Esses temas são ressaltados nas figuras supracitadas utilizadas pelo autor da enunciação.

Essas figuras são utilizadas pelo sujeito da enunciação de Apocalipse com o objetivo de promover efeito de irrealidade para tratar de um momento futuro em relação à humanidade, reforçado pelo procedimento de ancoragem, culminando assim em uma espécie de iconização³¹ de outro tipo do discurso de Apocalipse. Nesse sentido, para que os destinatários se apossessem do discurso de Apocalipse como verdade, João resalta estas figuras a fim de produzir no imaginário dos destinatários imagens do mundo, por meio de imagens que remetam a outros sentidos.

Estas figuras farão com que o enunciatário de Apocalipse creia no discurso. De certa forma, João estabelece um contrato de veridicção com os enunciatários, no qual estabelece e regulamenta o reconhecimento dessas figuras ressaltadas. A iconização revela-se, assim, como um recurso abundante em Apocalipse. Dessa forma, João constrói a verdade discursiva do texto equilibrando efeitos de realidade e efeitos de enunciação.

É perceptível que no discurso de Apocalipse algumas configurações discursivas se sobressaltam, como por exemplo a que se desenvolve em torno da prisão. Temos a prisão do Apóstolo João, que estava exilado na ilha de Patmos. Há também a prisão de muitos cristãos, citada em uma das cartas. Há ainda a prisão da igreja, presente na perseguição do dragão à mulher, e na morte das duas testemunhas que retratam a igreja, descrita no capítulo décimo. Ainda há a narração da prisão de Satanás no capítulo vinte. Por fim, o texto resalta uma prisão eterna,

³¹ Segundo Barros, iconização é: “o investimento figurativo exaustivo da última fase do procedimento de figurativização, com o objetivo de produzir ilusão referencial ou de realidade.” (BARROS, 2005, p. 83).

denominada como fogo eterno. Esse percurso figurativo da prisão x liberdade recobre o percurso temático do texto.

Ao que pudemos examinar até aqui, o livro de Apocalipse desenvolve isotopias temáticas e figurativas conforme os temas citados acima. Isto nos leva a crer que a linha sintagmática de Apocalipse e a coerência semântica desenvolvem-se a partir dos valores descritivos de liberdade e opressão, bem como os valores fóricos decorrentes destes dois valores.

3.2. A Tematização de Apocalipse: Tema da Opressão

No Nível Fundamental do texto de Apocalipse, algumas oposições semânticas são reveladas, tais como: vida e morte. A primeira referência ao traço morte está em Apocalipse 1.4, no qual João faz referência ao sangue de Jesus, um uso metonímico para a sua morte: “[...] Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados”.

É necessário esclarecer sobre a relação entre a figurativização e o tema. Bertrand nos auxilia nessa compressão quando argumenta que “[...] para ser compreendido, o figurativo precisa ser assumido por um tema. Este último dá valor e sentido às figuras” (BERTRAND, 2003, p. 213).

Em Apocalipse 1. 18 há mais uma referência à morte, quando o enunciador, por meio do narrador, delega voz à pessoa de Jesus, que diz: “[...] estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno”. Ele repete essas palavras na carta à igreja de Esmirna: “[...] Estas coisas diz o primeiro e o último, aquele que esteve morto e tornou a viver” (Ap. 2. 8). Na carta à igreja de Éfeso, Jesus promete a árvore da vida aos que perseverarem: “Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus”. (Ap. 2. 7). Na carta à igreja de Esmirna, Jesus exorta a igreja a ser fiel até à morte: “[...] Sê fiel até a morte, e dar-te-ei a coroa da vida.” (Ap. 2. 10). Ele conclui afirmando que “[...] o vencedor de nenhum modo sofrerá o dano da segunda morte” (Ap. 2. 11).

João continua utilizando o traço semântico morte na carta à igreja de Pérgamo, quando relata sobre a morte de um cristão ironicamente chamado

Antipas³², quando diz: “[...] não negastes a minha fé, nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita” (Ap. 2. 13). Em Apocalipse 6. 9, João relata a respeito dos mártires, quando narra: “Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentava”.

João conclui seu discurso sobre vida e morte no capítulo vinte, no qual ele relata a acerca do julgamento final, nos seguintes termos:

Vi também os mortos, grandes e pequenos, postos em pé, diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o livro da vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que nele havia. E foram julgados um por um, segundo as suas obras. Então a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. E, se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo. (Ap. 20. 11-15).

Em Apocalipse 20. 4 João ainda relata ter uma visão dos decapitados:

Vi ainda tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos.

Como pudemos observar, morte e vida são traços semânticos marcantes no livro de Apocalipse. Esses traços nos remetem ao contexto de Apocalipse. Podemos inferir, a partir daí, que os cristãos do primeiro século estavam sofrendo perseguição religiosa a ponto de muitos serem mortos e até decapitados (Ap. 20. 4).

O que depreendemos dos traços semânticos é que o tema trabalhado por João é o tema da perseguição religiosa ou opressão sobre os cristãos. Esse tema é reforçado ainda por outros traços semânticos em Apocalipse, como os temas do sofrimento, da tribulação, e de prisão. Em Apocalipse 1. 9, por exemplo, João, falando acerca de si mesmo, afirma: “[...] João, irmão vosso e companheiro na tribulação [...]” Em Apocalipse 2. 9, nas palavras de Jesus: “[...] conheço a tua tribulação e a tua pobreza [...]” Em Apocalipse 2. 10 Jesus afirma: “[...] para serdes postos a prova, e tereis tribulação de dez dias [...]” Já em Apocalipse 7. 14 João tem

³² A palavra grega “Antipas” significa “contra todos”.

uma visão dos crentes mortos, e narra: “São estes os que vêm da grande tribulação [...]”. Ainda, no capítulo 2. 10, Jesus afirma: “[...] Não temas as coisas que tens de sofrer [...]”.

Além de mortes e sofrimentos que os cristãos estavam sofrendo, por meio da tematização de Apocalipse podemos inferir, através dos traços de prisão e liberdade, muitos estava sendo presos, o que pode ser observado através de alguns textos, como a fala de João sobre seu exílio: “Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da Palavra e do testemunho de Jesus.” (Ap. 1. 9). Jesus também traz um aviso à igreja primitiva ao afirmar: “Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós [...].” (Ap. 2. 10).

Todos esses traços semânticos temáticos, como morte, sofrimento, tribulação, prova, prisão, exílio, são traços que remetem ao tema de opressão e perseguição. Isto também já traz à luz um pouco sobre o contexto histórico de Apocalipse.

A tematização e a figurativização, bem como os aspectos da desembreagem do discurso de Apocalipse nos ajuda a compreender o contexto do livro, pois a investigação interna do texto aliada à Análise intertextual e interdiscursiva do contexto nos ajuda a chegar na anunciação. Barros elucida esta questão da seguinte forma:

O exame interno do texto não é suficiente, no entanto, para determinar os valores que o discurso veicula. Para tanto, é preciso inserir o texto no contexto de uma ou mais formações ideológicas que lhe atribuem, no fim das contas, o sentido. Pode-se caminhar nessa direção e executar a análise contextual, desde que o contexto seja entendido e examinado como uma organização de textos que dialogam com o texto em questão. Assim concebido, o contexto não se confunde com o “mundo das coisas”, mas se explica como um texto maior, no interior de que cada texto se integra e cobra sentido. Reconstrói-se a enunciação, por conseguinte, de duas perspectivas distintas e complementares: de dentro para fora, a partir da análise interna das muitas pistas espalhadas no texto; de fora para dentro, por meio das relações contextuais — intertextuais do texto em exame. A enunciação assume claramente, na segunda perspectiva, o papel de instância mediadora entre o discurso e o contexto sócio-histórico. (BARROS, 2005, p. 78).

Ao que nos parece, o livro de Apocalipse é fruto de um discurso religioso que tem como pano de fundo a intolerância religiosa sofrida pelos cristãos da Ásia Menor. Os temas de prisão, morte, desânimo, tristeza são eles que reforçam essa percepção. As figuras que remetem ao sofrimento, bem como as que remetem às

promessas de vinganças do próprio Deus, em defesa de seu povo, também elucidam o contexto.

A pressuposição do contexto de Apocalipse, que assevera um contexto de intolerância religiosa, é reforçado também pela literatura teológica, que defende exatamente essa premissa. Nas palavras de Kistemaker, “O período precoce refletiria as perseguições cristãs enfrentadas durante os últimos poucos anos do reinado de Nero (64-68 d.C); o período tardio visualizaria os últimos anos de Domiciano (95-96 d.C)”. (KISTEMAKER, 2004. p. 44). Segundo os estudiosos, então, o cenário histórico do Apocalipse contempla os anos do reinado de Nero a Domiciano. Um período marcado por intensas perseguições aos cristãos. Perseguições que culminaram no exílio do Apóstolo João, o que o motivou a redação do livro.

As figuras exploradas por João são fundamentais para a compreensão e elucidação do contexto, como vimos. A figura da Mulher, por exemplo, ressalta a realidade dos judeus do Antigo Testamento, bem como dos cristãos sob o Novo Testamento, enfrentando fortes e duras perseguições, pressões e, naturalmente nesse cenário também tentações. Ao mesmo tempo a figura serve como uma espécie de consolo para os destinatários, no sentido de lembrá-los de que, a despeito das perseguições e sofrimentos, nada impedirá o surgimento do filho de Deus, como fora da primeira vez.

Também digno de nota é a figura da besta que está sobre sete montes. Esta besta é uma metáfora do governo de Roma, evidenciada pelos traços típicos da selvageria de uma besta, como violência e morte, e pela citação da localização de onde jaz essa besta, sobre sete montes, uma referência à cidade de Roma. Tudo isso aponta para o contexto do livro, a forte pressão e opressão religiosa sofrida pelos cristãos do período dos primeiros imperadores romanos, como Nero e Domiciano. Tácito escreve a respeito do sofrimento dos cristãos neste período:

De início foram presos todos os que se confessavam cristãos. Depois, uma multidão enorme foi condenada não por causa do incêndio, mas acusada de ser opróbio do gênero humano. Acrescenta-se que, uma vez condenados à morte, eles se tornavam objetos de diversão. Alguns, costurados em peles de animais, expiravam despedaçados por cachorros. Outros morriam crucificados. Outros ainda eram transformados em tochas vivas para iluminar a noite.” (BETTERSON, 2007, p. 27).

Devemos notar ainda que a referência figurativa à cidade de Jerusalém que será restaurada (Apocalipse 21) nos dá fortes indícios da confirmação da datação do livro, que aponta, como argumentamos, para cerca de 98 d.C, uma vez que no ano 70 d.C a cidade de Jerusalém foi sitiada, invadida pelo então general romano Tito, que, na mesma ocasião provocou a destruição do templo de Jerusalém, encerrando assim a prática de sacrifícios judaicos até os dias de hoje. Noll cita sobre a destruição do templo e a queda de Jerusalém, quando relata os intentos do general Tito:

No entanto, ainda mesmo antes da queda de Jerusalém e da destruição do templo em 70 AD, a observação de Tito acerca da mútua dependência entre o judaísmo e o cristianismo havia se tornado uma história antiga. (NOLL, 2000, p. 28).

Estas figuras então demonstram que João intentava despertar em seus destinatários esperança e ânimo em meio ao caos. Acreditamos assim, que este contexto foi o que motivou João a escrever o livro de Apocalipse.

Considerações Finais

O que pretendemos com este trabalho foi estudar o livro de Apocalipse à luz da semiótica discursiva, partindo da hipótese de que João se utilizou de diversas estratégias discursivas, como figurativizações temáticas e processos de manipulatórios, com o objetivo de renovar a esperança de seus destinatários, por meio da produção de efeitos de sentido de realidade e proximidade, bem como estimulando-os a performar, a partir da promessa de sanções positivas.

Para demonstrar os resultados de nossa hipótese exploramos inicialmente o livro de Apocalipse na exposição de seu conteúdo, na análise das principais linhas de interpretação dele, bem como uma avaliação de seu conteúdo sob um olhar da semiótica discursiva.

Demonstramos ainda as principais partes do livro de Apocalipse. Nesse sentido verificamos que o livro tem 22 capítulos, mas seu conteúdo se desenrola de uma forma progressiva, através de paralelismos, como no modelo de uma espiral, em que todos os capítulos tratam, de alguma forma, do mesmo tema: resgate da esperança da providência divina nos destinatários, mas progredindo em novos conteúdos que elucidam o teor que já vem sendo descrito nos capítulos anteriores. Lima reforça esse pensamento em sua tese: “Nas sete divisões menores, o autor recapitula a mesma história, enquanto também avança em conceitos e significados.” (LIMA, 2012, p. 217). Nesse sentido, vimos a importância figurativa e metafórica do número sete em Apocalipse, trazendo à memória dos judeus-cristãos sobre as sete etapas da criação divina, descrita em Gênesis. Aqui se evidenciou uma relação de intertextualidade e interdiscurso do Apocalipse com as demais literaturas cristãs bíblicas. Essa descrição progressiva e paralela da narrativa de uma vitória final revela uma das estratégias do discurso de João para com seus destinatários, na intenção de sancioná-los positivamente.

Descrevemos as principais linhas de interpretação do livro de Apocalipse. Vimos que uma das correntes de interpretação tem relação direta com a hipótese sobre a identidade dos destinatários, ou seja, se os destinatários são os cristãos de todos os lugares e épocas (interpretação idealistas), ou se se tratava apenas dos cristãos do período em que fora escrito o livro (interpretação preterista), ou se diz respeito apenas a eventos futuros, com impactos especialmente nos destinatários

futuros (interpretação futurista). Evidenciamos que a interpretação que melhor se enquadra na perceptível intencionalidade de João é a interpretação idealista, pois demonstramos que o Apocalipse traz elementos que remetem ao contexto do período de João, bem como a eventos que, evidentemente se referem a um futuro distante do período de João. E ainda, percebemos que, sob o ponto de vista da narrativa dos eventos, muitos dos eventos nem se quer aconteceram desde Apocalipse até os dias de hoje. Depreendemos disso que trata-se de um livro com aplicações e descrições cabíveis em diversas épocas. Isso demonstra que João usou dessas estratégias discursivas para alcançar não só os primeiros destinatários, mas cristãos de todos os lugares e épocas. O que fundamenta mais ainda esta premissa é o uso estratégico de João construir seu discurso começando com endereçamento às sete igrejas da Ásia Menor. Dentro de toda a figuratividade do número sete, como vimos, este remete à ideia de completude (dialogando com a completude dos sete dias da criação de Gênesis), assim, João parece demonstrar usar esta estratégia discursiva da figura do número sete para dirigir-se à todas as igrejas de todas as épocas e lugares (talvez pressupondo que a perseguição é algo inevitável para os cristãos, como escrito por João em seu Evangelho: “No mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo.” [João 16. 33]).

Analizamos também outras linhas de interpretação de Apocalipse, que têm como ponto de partida a interpretação do capítulo 20, que trata sobre os mil anos de prisão de satanás e reinado de Cristo com a igreja. Devida à dificuldade de interpretação desta narrativa, surgiram três principais linhas de interpretações. São, talvez, as correntes de estudo do livro de Apocalipse que mais proeminência ganharam. Isso porque esse milênio descrito em Apocalipse 20 passa a ser um ponto de referência sobre o momento da volta de Jesus e do julgamento final, pois, como vimos, o capítulo 19 fala sobre a volta de Jesus e sua vitória. Daí alguns defenderemos que Jesus voltará duas vezes, uma vez antes do milênio (os pré-milenistas), e depois uma volta cabal. Outros defendem que a volta de Jesus será após o milênio (os pós-milenistas), pois seguida à narrativa do milênio vem a narrativa sobre o juízo final. Nós não aderimos nenhuma destas interpretações em nosso estudo, pois, como temos demonstrado neste estudo, o livro de Apocalipse privilegia o uso de figuras, especialmente quanto aos números. Logo, assumimos que esse milênio é um período figurativo. Além disso, verificamos que, não só o

capítulo 19 trata da volta de Jesus, mas todo o livro, desde o início, porém narrada através do paralelismo progressivo, como demonstramos. Nos identificamos então com essa linha de interpretação figurativa de Apocalipse capítulo 20, pois entendemos que os mil anos se referem ao longo período da história em que o povo de Deus (Judeus do Antigo Testamento e os cristãos a partir do Novo Testamento) vem sofrendo perseguições. Esta linha de interpretação, denominada amilenista (por considerar o milênio uma metáfora) é a que melhor sentido faz à luz de toda figuratividade do livro. Também nos auxilia a analisar as estratégias discursivas de João.

Em um segundo momento utilizamos o simulacro do quadrado semiótico, bem como da verificação dos processos de manipulações utilizadas por João, como estratégias que viabilizam seu discurso, configurando-se assim também em estratégia discurso do livro.

Verificamos, a partir da análise do quadrado semiótico que João se utilizou da estratégia onde intentou provocar uma transformação em seus destinatários. Essa transformação se deu a partir do nível fundamental, onde os destinatários estavam em um estado de não-morte, e precisavam passar para o estado de vida. Essa vida toma contornos de valor eufórico revelado na sanção positiva, na qualidade de vida futura, em que João denomina-a como ressurreição em Apocalipse 20.

Ainda a partir da perspectiva do nível fundamental, outros valores estavam em jogo, como fé e incredulidade, fidelidade e infidelidade, desânimo e esperança, liberdade e opressão. Esses valores são ressaltados no decorrer de todo o livro, como pôde ser evidenciado.

Como evidência da hipótese de que João utiliza diversas estratégias em seu discurso de Apocalipse, vimos ainda que João intentou provocar a mudança de estados nos destinatários através de diversas manipulações. Essa manipulação operada pelo discurso de João se revela no sujeito destinador Jesus, por intermédio das sete cartas às sete igrejas do Apocalipse. Vimos que nessas cartas João, por intermédio da intermediação de Jesus como juiz das igrejas, manipula as igrejas por meio da tentação, onde narra palavras de Jesus trazendo promessas de sanções positivas, bem como da obtenção do estado em que se encontram para o estado almejado. Também a manipulação se deu através de provocação, quando Jesus

lhes fala: “quem me dera fosse frio ou quente” (Apocalipse 3), com a intenção de tirá-los do estado de mornidão. João opera a manipulação dos destinatários quando narra palavras de Jesus às igrejas através da intimidação, prometendo-lhes sanções negativas. Essa intimidação é fundamentada por João quando descreve no capítulo 1 de Apocalipse a pessoa de Jesus descrita como um juiz. Finalmente João intenta o processo manipulatório através da sedução (palavras ou discurso que ressalta valores positivos do e no indivíduo). Nesse momento Jesus eligia as igrejas, com o intuito de performá-las do estado de desânimo para esperança.

Todo esse processo manipulatório visa promover nos destinatários uma performance, a fim de dar-lhes competência para cumprir o contrato fiduciário, prometendo-lhes positivas sanções no caso de uma performance eficiente. Todo esse processo corrobora nossa hipótese de que João escreveu Apocalipse como estratégia discursiva para, em seu contexto, reanimar seus destinatários (que são as igrejas de sua época e as igrejas de todas as épocas e lugares, pressupondo uma histórica e contínua opressão).

Finalmente, no último capítulo do trabalho demonstramos como João se utilizou de estratégias discursivas como tematização, isotopias, figurativização e desembreagem para provocar uma mudança de estado em seus destinatários. Vimos, por exemplo, que, a partir do conceito de desembreagem em que o enunciador projeta as categorias de pessoa, tempo e espaço, João se utilizou destas categoriais produzindo diversos efeitos de sentido em seu discurso, como efeito de proximidade e de realidade.

No capítulo sobre a discursividade de Apocalipse, verificamos que João usou como estratégia discursiva diversas figuras como metáforas, para ressaltar temas que pretendia explorar em seu discurso. Por intermédio de figuras como uma mulher grávida sendo perseguida por um violento e poderoso dragão, uma besta que reina sobre a capital do império, João resalta temas como opressão, violência, intolerância. Enquanto, por outro lado, quando se utiliza de figuras como noiva, João traz à lume temas como liberdade, usando a metáfora de um noivo que vem resgatar sua noiva. Por fim, João faz uso da metáfora da cidade de Jerusalém celestial, uma vez que a Jerusalém literal jazia em opressão romana, para tratar de temas como esperança.

A partir de uma análise semiótica de Apocalipse verificamos que João se utiliza de diversas estratégias discursivas no intuito de manipular seus destinatários, para então provocar uma mudança de estado nos mesmos. Pressupomos que João alcançou seu objetivo, uma vez que, evidentemente, aquela igreja não morrera, mas resistiu à intolerância religiosa do Império, e avançou, tornando-se uma igreja que subsiste geração após geração, por todos os lugares, como comprova sua história. Nesse sentido, Noll afirma: “A história do cristianismo tem percorrido o seu caminho através das vastas regiões, ao longo de grandes períodos de tempo, em uma enorme variedade de formas.” (NOLL, 2000, p. 12). Cains, semelhantemente afirma: “O cristianismo tem sido a mais global e universal de todas as religiões que surgiram no passado no Oriente Próximo e no Oriente Médio. Além disso, tem sido cada vez mais influente na história da raça humana.” (CAINS, 1988, p. 13). Latourette afirma que: “O cristianismo tornou-se a mais difundida de todas as crenças religiosas [...], medido pelos seus efeitos, o cristianismo se tornou a força mais potente na vida da raça humana”. (LATOURETTE, 2006, p. 17). Em outro lugar Latourette reforça: “Em 1975, o cristianismo ultrapassara e continuava a crescer mais do que todos os outros movimentos religiosos de tamanho e influência global.” (LATOURETTE, 2006, p. 2043). Como estes historiadores atestam, o cristianismo tem perseverado durante seus dois mil anos de história. Isso não se deve apenas ao livro de Apocalipse, mas este teve uma parcela de responsabilidade na esperança e perseverança dos cristãos no decorrer dos séculos. Entendemos que o Apóstolo João conseguiu alcançar seu objeto através das estratégias discursivas contidas no Apocalipse. Assim, encerramos nosso trabalho com uma última citação do livro que foi objeto de nossa análise, sem deixar de mencionar outros caminhos analíticos abertos por nosso estudo, o que poderá lançar novas discussões a respeito de um texto fundamental para a cristandade e, por que não, para a humanidade: “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro”. (Apocalipse 22. 7).

Como pudemos perceber ainda, parece ser possível haver uma aproximação entre os estudos semióticos e a exegese de textos bíblicos, uma vez que, como demonstrado neste e em outros trabalhos, a semiótica tem muito a contribuir no avanço dos estudos da Bíblia. Prevaleceu até o Século XX duas perspectivas principais de exegese bíblica, o método histórico-crítico e o método histórico-gramatical. A partir dos estudos semióticos de textos bíblicos com Greimas e seus

seminários, fica evidente que a exegese bíblica usufruiu de consideráveis considerações. Cardoso argumenta que:

A introdução da semiótica nos estudos da exegese bíblica significava uma ruptura na prática vigente e exigia do exegeta uma mudança radical em seu ponto de vista sobre os textos bíblicos. (CARDOSO, 2017, p. 28).

Não podemos deixar de destacar que também os estudos bíblicos também, de alguma forma, contribuíram para os avanços nos estudos da semiótica discursiva. Cardoso nesse sentido ainda comenta que: “Em contrapartida, os estudos bíblicos contribuíram de modo importante para o desenvolvimento da teoria semiótica de Greimas.” (CARDOSO, 2017, p. 28). De fato, a imensa gama de estruturas literárias e recursos linguísticos contidos na Bíblia formam um conjunto de possibilidades a serem exploradas, tanto para o estudioso da Bíblia como pelos semioticistas.

Referências Bibliográficas

- Almeida Revista e Atualizada (Tradutor). **Bíblia Sagrada**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil. 1993.
- ALTER, Robert. **A Arte da Narrativa Bíblica**. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- BARROS, Diana Luz Pessoa. **Teoria do Discurso. Fundamentos Teóricos**. 3. ed. São Paulo: Editora Humanitas. 2002.
- _____. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo. Editora Ática. 2005.
- BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica Literária**. Bauru: EDUSC. 2003.
- BETTERSON, H. **Documentos da Igreja Cristã**. São Paulo: Editora Aste. 2007.
- CAIRNS, Earle E. **O Cristianismo Através dos Séculos**. São Paulo: Editora Vida. 1988.
- CAMURÇA, Marcel. **Ciências Sociais e Ciências da Religião**. São Paulo: Editora Paulinas, 2008.
- CARDOSO, D. A. **Corpo e Presença na Bíblia Sagrada**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.
- CHABROL, C; MARIN, L. **Semiótica Narrativa dos Textos Bíblicos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1980.
- CLOUSE, Robert G. **Milênio, Significado e Interpretação**. Campinas: Editora Luz Para o Caminho. 1990.
- CARSON, A. D; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Editora Vida. 1997.
- DELORME, Jean. **La Sémiotique Littéraire Interrogée par la Bible**. Nº 102-103. Paris, 2001. Disponível em: <https://bible-lecture.org/wp-content/uploads/2017/10/delorme-semiotique-litteraire>. Acesso em 16 de dez 2023.
- FIORIN, J.L. **A Sacralização da Política**. In: FULANETE, O. N.; BUENO, A. M. *Linguagem e Política: Princípios Teóricos-Discursivos*. São Paulo: Ed. Contexto. 2013. p. 21-38.
- _____. **Bakhtin, Outros Conceitos-Chaves**. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. **Elementos da Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. **Figuras de Retórica**. São Paulo: Editora Contexto. 2014.

- GEISLER, Norman; NIX Willian. **Introdução à Bíblia**. São Paulo: Editora Vida. 1997.
- GRECSHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** São Paulo: Editora Paulinas. 2005.
- GREIDANUS, Sidney. **O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2006.
- GREIMAS, a. J. GROUPE D'ENTREVERNES. **Signes et paraboles: sémiotique et texte évangélique**. Paris: Éditions du Seuil. 1977.
- _____. Sobre o Sentido II. São Paulo. Editora Edusp. 2014.
- _____. **De la colère. Du Sens II: Essais Sémiotiques**. Paris: Éditions Du Seuil, 1983.
- HELLERN, NOTAKER, GAARDER. **O Livro das Religiões**. São Paulo: Cia das Letras. 2000.
- HENDRIKSEN, William. **A Vida Futura Segundo a Bíblia**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2004.
- KISTEMAKER, Simon. **Apocalypse** (J. Hack, M. Hediger, & M. Lane, Trads.; 2ª edição). São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014.
- KISTEMAKER, Simon. **Apocalypse**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2004.
- LATOURETTE, K. S. **Uma História do Cristianismo**. São Paulo: Editora Hagnos. 2006.
- LEONE, M, et, LUISA, M. "**De la sacralización a la lectura: um acercamiento enunciativo de la Biblia**". Tópicos del Seminario. Revista de semiótica Volume 22, "Los límites del texto sagrado", Massimo Leone et María Luisa Solís Zepeda, éditeurs, Année 2009, pages 53 a 74 (Revue éditée par la BUAP, Puebla, Mexique, 2009 - ISSN 1665-1200. Disponível em: www.revue-texto.net/docannexe/file/2556/2009_topicos_texto.pdf. Acesso em 16 de dez 2023.
- LIMA, LEANDRO A. **Apocalypse Como Literatura. Um Estudo Sobre a Importância da Análise da Arte Literária em Apocalypse 12-13**. 2012. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2012.
- LOPES, Augustos Nicodemos. **A Bíblia e Seus Intérpretes**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2007.
- MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. **A (In)distinção entre dialogismo e intertextualidade**. Revista Linguagem e discurso. Universidade Unisul. 2017.

Disponível:http://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discorso/article/view/4847. Acesso em 28 de ago de 2023.

MALZONI, C. Vianney. **As Edições da Bíblia em Circulação no Brasil**. Revista Didaskalia, XL. Universidade Católica de Pernambuco, 2010.

MENDES, Mariza B. T. **No Princípio Era o Poder. Uma Análise Semiótica das Paixões no Discurso do Antigo Testamento**. São Paulo: Ababluume:/FAPESP, 2009.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Estudos de Religiões**. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1078/er.v29n1p102-123>. Acesso em 16 de dez 2023.

NOLL, Mark A. **Momentos Decisivos da História do Cristianismo**. São Paulo: Editora Cultura Cristã. 2000.

PARNIER, Louis. **Construction d'espace et régime de signification genèse – apocalypse**. Centre Pour. Lyon. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.25965/as.2557>. Acesso em 16 de dez 2023.

_____. **Sémiotique et études bibliques. Évolutions méthodologiques et perspectives épistémologiques**. E/C – Rivista dell'Associazione Italiana Studi Semiotici. 2008. Disponível em: http://www.ec-aiss.it/index_d.php?recordID=71 Acessado em 27 de Jul de 2023.

_____. **Sémiotique du discours biblique et questions christologiques**. Érudit, Laval. 1985. Disponível em: <https://id.erudit.org/iderudit/400188ar>. Acesso em 16 de dez 2023.

_____. **Vision et écriture dans le Livre de l'Apocalypse : un problème sémiotique**. Hal Open Science. 128. p. 4-22. Paris, 2007. Disponível em: <https://shs.hal.science/halshs-00359592>. Acesso em 16 de dez 2023.

PATE, C. Martin. **As Interpretações do Apocalipse**. São Paulo: Editora Vida. 2003.

PÉNICAUD, Anne. **Vers une lecture figurative de la bible : les mutations de la sémiotique biblique**. Éditions Centre Sèveres. Paris. 2001. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-recherches-de-science-religieuse-2001-3-page-377.htm>. Acesso em 16 de dez 2023.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João I**. Curitiba: Editora Esperança. 2001.

POHL, Adolf. **Apocalipse de João II**. Curitiba: Editora Esperança. 2001.

STOTT, John. **Entenda a Bíblia**. São Paulo: Editora Mundo Cristão. 2005.

STUART, Douglas e FEE, Gordon. **Manual de Exegese da Bíblia**. São Paulo: Editora Vida Nova. 2008.

THÉRIAUT, Jean-Yves. **Quand la Bible s'ouvre à la lecture sémiotique**. *Proteé*, (34)1, p. 67-75. <https://doi.org/10.7202/013311ar>. Printemps, 2006. Acesso em 16 de dez 2023.

VILKER, Henri. **Hermenêutica Avançada**. São Paulo: Editora Vida. 2002.

ZABATIERO, Júlio. P. T.; LEONEL, João. **Bíblia, Literatura e Linguagem**. São Paulo: Editora Paulus. 2011.

ANEXO: O LIVRO DE APOCALIPSE DE JOÃO

1 **1** Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer e que ele, enviando por intermédio do seu anjo, notificou ao seu servo João, **2** o qual atestou a palavra de Deus e o testemunho de Jesus Cristo, quanto a tudo o que viu. **3** Bem-aventurados aqueles que leem e aqueles que ouvem as palavras da profecia e guardam as coisas nela escritas, pois o tempo está próximo.

Dedicatória às sete igrejas da Ásia

4 João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono **5** e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra.

Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, **6** e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!

7 Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém!

8 Eu sou o Alfa e Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-Poderoso.

A visão de Jesus glorificado

9 Eu, João, irmão vosso e companheiro na tribulação, no reino e na perseverança, em Jesus, achei-me na ilha chamada Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus. **10** Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta, **11** dizendo: O que vês escreve em livro e manda às sete igrejas: Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodiceia. **12** Voltei-me para ver quem falava comigo e, voltado, vi sete candeeiros de ouro **13** e, no meio dos candeeiros, um semelhante a filho de homem, com vestes talares e cingido, à altura do peito, com uma cinta de ouro. **14** A sua cabeça e cabelos eram brancos como alva lã, como neve; os olhos, como chama de fogo; **15** os pés, semelhantes ao bronze polido, como que refinado numa fornalha; a

voz, como voz de muitas águas. **16** Tinha na mão direita sete estrelas, e da boca saía-lhe uma afiada espada de dois gumes. O seu rosto brilhava como o sol na sua força.

17 Quando o vi, caí a seus pés como morto. Porém ele pôs sobre mim a mão direita, dizendo: Não temas; eu sou o primeiro e o último **18** e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos e tenho as chaves da morte e do inferno. **19** Escreve, pois, as coisas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas. **20** Quanto ao mistério das sete estrelas que viste na minha mão direita e aos sete candeeiros de ouro, as sete estrelas são os anjos das sete igrejas, e os sete candeeiros são as sete igrejas.

Carta à igreja em Éfeso

2 1 Ao anjo da igreja em Éfeso escreve:

Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro: **2** Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; **3** e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer. **4** Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. **5** Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas. **6** Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio. **7** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus.

Carta à igreja em Esmirna

8 Ao anjo da igreja em Esmirna escreve:

Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver: **9** Conheço a tua tribulação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás. **10** Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias. Sê fiel

até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. **11** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.

Carta à igreja em Pérgamo

12 Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve:

Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: **13** Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita. **14** Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. **15** Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas. **16** Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. **17** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe.

Carta à igreja em Tiatira

18 Ao anjo da igreja em Tiatira escreve:

Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido: **19** Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. **20** Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. **21** Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. **22** Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. **23** Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. **24** Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e

que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; **25** tão somente conservai o que tendes, até que eu venha. **26** Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, **27** e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; **28** assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. **29** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Carta à igreja em Sardes

3 1 Ao anjo da igreja em Sardes escreve:

Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. **2** Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. **3** Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. **4** Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. **5** O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos. **6** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Carta à igreja em Filadélfia

7 Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve:

Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: **8** Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. **9** Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei. **10** Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. **11** Venho

sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. **12** Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. **13** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

Carta à igreja em Laodiceia

14 Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve:

Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus: **15** Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! **16** Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; **17** pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. **18** Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para te vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas. **19** Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. **20** Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. **21** Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. **22** Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas.

A visão do trono de Deus

4 1 Depois destas coisas, olhei, e eis não somente uma porta aberta no céu, como também a primeira voz que ouvi, como de trombeta ao falar comigo, dizendo: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas. **2** Imediatamente, eu me achei em espírito, e eis armado no céu um trono, e, no trono, alguém sentado; **3** e esse que se acha assentado é semelhante, no aspecto, a pedra de jaspe e de sardônio, e, ao redor do trono, há um arco-íris semelhante, no aspecto, a esmeralda. **4** Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro. **5** Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus. **6** Há diante do

trono um como que mar de vidro, semelhante ao cristal, e também, no meio do trono e à volta do trono, quatro seres vivos cheios de olhos por diante e por detrás. **7** O primeiro ser vivo é semelhante a leão, o segundo, semelhante a novilho, o terceiro tem o rosto como de homem, e o quarto ser vivo é semelhante à águia quando está voando. **8** E os quatro seres vivos, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estão cheios de olhos, ao redor e por dentro; não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando:

Santo, Santo, Santo
 é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso,
 aquele que era, que é e que há de vir.

9 Quando esses seres vivos derem glória, honra e ações de graças ao que se encontra sentado no trono, ao que vive pelos séculos dos séculos, **10** os vinte e quatro anciãos prostrar-se-ão diante daquele que se encontra sentado no trono, adorarão o que vive pelos séculos dos séculos e depositarão as suas coroas diante do trono, proclamando:

11 Tu és digno, Senhor e Deus nosso,
 de receber a glória, a honra e o poder,
 porque todas as coisas tu criaste,
 sim, por causa da tua vontade vieram a existir e foram criadas.

A visão do livro selado com sete selos e a do Cordeiro

5 1 Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro escrito por dentro e por fora, de todo selado com sete selos. **2** Vi, também, um anjo forte, que proclamava em grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de lhe desatar os selos? **3** Ora, nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele; **4** e eu chorava muito, porque ninguém foi achado digno de abrir o livro, nem mesmo de olhar para ele. **5** Todavia, um dos anciãos me disse: Não chores; eis que o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, venceu para abrir o livro e os seus sete selos.

6 Então, vi, no meio do trono e dos quatro seres vivos e entre os anciãos, de pé, um Cordeiro como tendo sido morto. Ele tinha sete chifres, bem como sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus enviados por toda a terra. **7** Veio, pois, e tomou o livro da mão direita daquele que estava sentado no trono; **8** e, quando

tomou o livro, os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo cada um deles uma harpa e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos, **9** e entoavam novo cântico, dizendo:

Digno és de tomar o livro
e de abrir-lhe os selos,
porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus
os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação

10 e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes;
e reinarão sobre a terra.

11 Vi e ouvi uma voz de muitos anjos ao redor do trono, dos seres viventes e dos anciãos, cujo número era de milhões de milhões e milhares de milhares,

12 proclamando em grande voz:

Digno é o Cordeiro que foi morto
de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força,
e honra, e glória, e louvor.

13 Então, ouvi que toda criatura que há no céu e sobre a terra, debaixo da terra e sobre o mar, e tudo o que neles há, estava dizendo:

Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro,
seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio
pelos séculos dos séculos.

14 E os quatro seres viventes respondiam: Amém! Também os anciãos prostraram-se e adoraram.

O Cordeiro abre os selos. O primeiro selo

6 1 Vi quando o Cordeiro abriu um dos sete selos e ouvi um dos quatro seres viventes dizendo, como se fosse voz de trovão: Vem! **2** Vi, então, e eis um cavalo branco e o seu cavaleiro com um arco; e foi-lhe dada uma coroa; e ele saiu vencendo e para vencer.

O segundo selo

3 Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo: Vem! **4** E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para

que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada.

O terceiro selo

5 Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro ser vivente dizendo: Vem! Então, vi, e eis um cavalo preto e o seu cavaleiro com uma balança na mão. **6** E ouvi uma como que voz no meio dos quatro seres viventes dizendo: Uma medida de trigo por um denário; três medidas de cevada por um denário; e não danifiques o azeite e o vinho.

O quarto selo

7 Quando o Cordeiro abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto ser vivente dizendo: Vem! **8** E olhei, e eis um cavalo amarelo e o seu cavaleiro, sendo este chamado Morte; e o Inferno o estava seguindo, e foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra.

O quinto selo

9 Quando ele abriu o quinto selo, vi, debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. **10** Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas, nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? **11** Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram.

O sexto selo

12 Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, **13** as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, **14** e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola.

Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar. **15** Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes **16** e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, **17** porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?

Os cento e quarenta e quatro mil selados de Israel

7 1 Depois disto, vi quatro anjos em pé nos quatro cantos da terra, conservando seguros os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem sobre árvore alguma. **2** Vi outro anjo que subia do nascente do sol, tendo o selo do Deus vivo, e clamou em grande voz aos quatro anjos, aqueles aos quais fora dado fazer dano à terra e ao mar, **3** dizendo: Não danifiqueis nem a terra, nem o mar, nem as árvores, até selarmos na frente os servos do nosso Deus. **4** Então, ouvi o número dos que foram selados, que era cento e quarenta e quatro mil, de todas as tribos dos filhos de Israel: **5** da tribo de Judá foram selados doze mil; da tribo de Rúben, doze mil; da tribo de Gade, doze mil; **6** da tribo de Aser, doze mil; da tribo de Naftali, doze mil; da tribo de Manassés, doze mil; **7** da tribo de Simeão, doze mil; da tribo de Levi, doze mil; da tribo de Issacar, doze mil; **8** da tribo de Zebulom, doze mil; da tribo de José, doze mil; da tribo de Benjamim foram selados doze mil.

A visão dos glorificados

9 Depois destas coisas, vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; **10** e clamavam em grande voz, dizendo:

Ao nosso Deus, que se assenta no trono,
e ao Cordeiro,
pertence a salvação.

11 Todos os anjos estavam de pé rodeando o trono, os anciãos e os quatro seres viventes, e ante o trono se prostraram sobre o seu rosto, e adoraram a Deus, **12** dizendo:

Amém! O louvor, e a glória,
e a sabedoria, e as ações de graças,
e a honra, e o poder, e a força
sejam ao nosso Deus,
pelos séculos dos séculos. Amém!

13 Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? **14** Respondi-lhe: meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: São estes os que vêm da grande tribulação, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, **15** razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário; e aquele que se assenta no trono estenderá sobre eles o seu tabernáculo. **16** Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem ardor algum, **17** pois o Cordeiro que se encontra no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima.

O sétimo selo. Os sete anjos com as suas trombetas

8 1 Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. **2** Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas.

3 Veio outro anjo e ficou de pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foi-lhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; **4** e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. **5** E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremoto. **6** Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar.

A primeira trombeta

7 O primeiro anjo tocou a trombeta, e houve saraiva e fogo de mistura com sangue, e foram atirados à terra. Foi, então, queimada a terça parte da terra, e das árvores, e também toda erva verde.

A segunda trombeta

8 O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue, **9** e morreu a terça parte da criação que tinha vida, existente no mar, e foi destruída a terça parte das embarcações.

A terceira trombeta

10 O terceiro anjo tocou a trombeta, e caiu do céu sobre a terça parte dos rios, e sobre as fontes das águas uma grande estrela, ardendo como tocha. **11** O nome da estrela é Absinto; e a terça parte das águas se tornou em absinto, e muitos dos homens morreram por causa dessas águas, porque se tornaram amargas.

A quarta trombeta

12 O quarto anjo tocou a trombeta, e foi ferida a terça parte do sol, da lua e das estrelas, para que a terça parte deles escurecesse e, na sua terça parte, não brilhasse, tanto o dia como também a noite. **13** Então, vi e ouvi uma águia que, voando pelo meio do céu, dizia em grande voz: Ai! Ai! Ai dos que moram na terra, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar!

A quinta trombeta

9 1 O quinto anjo tocou a trombeta, e vi uma estrela caída do céu na terra. E foi-lhe dada a chave do poço do abismo. **2** Ela abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço como fumaça de grande fornalha, e, com a fumaceira saída do poço, escureceu-se o sol e o ar. **3** Também da fumaça saíram gafanhotos para a terra; e foi-lhes dado poder como o que têm os escorpiões da terra, **4** e foi-lhes dito que não causassem dano à erva da terra, nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma e tão somente aos homens que não têm o selo de Deus sobre a fronte. **5** Foi-lhes também dado, não que os matassem, e sim que os atormentassem durante cinco meses. E o seu tormento era como tormento de escorpião quando fere alguém. **6** Naqueles dias, os homens buscarão a morte e não a acharão; também terão ardente desejo de morrer, mas a morte fugirá deles.

7 O aspecto dos gafanhotos era semelhante a cavalos preparados para a peleja; na sua cabeça havia como que coroas parecendo de ouro; e o seu rosto era como rosto de homem; **8** tinham também cabelos, como cabelos de mulher; os seus

denteados, como dentes de leão; **9** tinham couraças, como couraças de ferro; o barulho que as suas asas faziam era como o barulho de carros de muitos cavalos, quando correm à peleja; **10** tinham ainda cauda, como escorpiões, e ferrão; na cauda tinham poder para causar dano aos homens, por cinco meses; **11** e tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom.

12 O primeiro ai passou. Eis que, depois destas coisas, vêm ainda dois ais.

A sexta trombeta

13 O sexto anjo tocou a trombeta, e ouvi uma voz procedente dos quatro ângulos do altar de ouro que se encontra na presença de Deus, **14** dizendo ao sexto anjo, o mesmo que tem a trombeta: Solta os quatro anjos que se encontram atados junto ao grande rio Eufrates. **15** Foram, então, soltos os quatro anjos que se achavam preparados para a hora, o dia, o mês e o ano, para que matassem a terça parte dos homens. **16** O número dos exércitos da cavalaria era de vinte mil vezes dez milhares; eu ouvi o seu número. **17** Assim, nesta visão, contemplei que os cavalos e os seus cavaleiros tinham couraças cor de fogo, de jacinto e de enxofre. A cabeça dos cavalos era como cabeça de leão, e de sua boca saía fogo, fumaça e enxofre. **18** Por meio destes três flagelos, a saber, pelo fogo, pela fumaça e pelo enxofre que saíam da sua boca, foi morta a terça parte dos homens; **19** pois a força dos cavalos estava na sua boca e na sua cauda, porquanto a sua cauda se parecia com serpentes, e tinha cabeça, e com ela causavam dano.

20 Os outros homens, aqueles que não foram mortos por esses flagelos, não se arrependeram das obras das suas mãos, deixando de adorar os demônios e os ídolos de ouro, de prata, de cobre, de pedra e de pau, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar; **21** nem ainda se arrependeram dos seus assassínios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.

Os anjos e os sete trovões. João e o livrinho

10 1 Vi outro anjo forte descendo do céu, envolto em nuvem, com o arco-íris por cima de sua cabeça; o rosto era como o sol, e as pernas, como colunas de fogo; **2** e tinha na mão um livrinho aberto. Pôs o pé direito sobre o mar e o esquerdo, sobre a terra, **3** e bradou em grande voz, como ruge um leão, e, quando bradou, desferiram

os sete trovões as suas próprias vozes. **4** Logo que falaram os sete trovões, eu ia escrever, mas ouvi uma voz do céu, dizendo: Guarda em segredo as coisas que os sete trovões falaram e não as escrevas. **5** Então, o anjo que vi em pé sobre o mar e sobre a terra levantou a mão direita para o céu **6** e jurou por aquele que vive pelos séculos dos séculos, o mesmo que criou o céu, a terra, o mar e tudo quanto neles existe: Já não haverá demora, **7** mas, nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele estiver para tocar a trombeta, cumprir-se-á, então, o mistério de Deus, segundo ele anunciou aos seus servos, os profetas.

8 A voz que ouvi, vinda do céu, estava de novo falando comigo e dizendo: Vai e toma o livro que se acha aberto na mão do anjo em pé sobre o mar e sobre a terra. **9** Fui, pois, ao anjo, dizendo-lhe que me desse o livrinho. Ele, então, me falou: Toma-o e devora-o; certamente, ele será amargo ao teu estômago, mas, na tua boca, doce como mel. **10** Tomei o livrinho da mão do anjo e o devorei, e, na minha boca, era doce como mel; quando, porém, o comi, o meu estômago ficou amargo. **11** Então, me disseram: É necessário que ainda profetizes a respeito de muitos povos, nações, línguas e reis.

Ordens para medir o santuário de Deus

11 1 Foi-me dado um caniço semelhante a uma vara, e também me foi dito: Dispõe-te e mede o santuário de Deus, o seu altar e os que naquele adoram; **2** mas deixa de parte o átrio exterior do santuário e não o meças, porque foi ele dado aos gentios; estes, por quarenta e dois meses, calcarão aos pés a cidade santa.

As duas testemunhas mártires

3 Darei às minhas duas testemunhas que profetizem por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. **4** São estas as duas oliveiras e os dois candeeiros que se acham em pé diante do Senhor da terra. **5** Se alguém pretende causar-lhes dano, sai fogo da sua boca e devora os inimigos; sim, se alguém pretender causar-lhes dano, certamente, deve morrer. **6** Elas têm autoridade para fechar o céu, para que não chova durante os dias em que profetizarem. Têm autoridade também sobre as águas, para convertê-las em sangue, bem como para ferir a terra com toda sorte de flagelos, tantas vezes quantas quiserem. **7** Quando tiverem, então, concluído o testemunho que devem dar, a besta que surge do abismo pelejará contra elas, e as

vencerá, e matará, **8** e o seu cadáver ficará estirado na praça da grande cidade que, espiritualmente, se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado. **9** Então, muitos dentre os povos, tribos, línguas e nações contemplam os cadáveres das duas testemunhas, por três dias e meio, e não permitem que esses cadáveres sejam sepultados. **10** Os que habitam sobre a terra se alegram por causa deles, realizarão festas e enviarão presentes uns aos outros, porquanto esses dois profetas atormentaram os que moram sobre a terra. **11** Mas, depois dos três dias e meio, um espírito de vida, vindo da parte de Deus, neles penetrou, e eles se ergueram sobre os pés, e àqueles que os viram sobreveio grande medo; **12** e as duas testemunhas ouviram grande voz vinda do céu, dizendo-lhes: Subi para aqui. E subiram ao céu numa nuvem, e os seus inimigos as contemplaram. **13** Naquela hora, houve grande terremoto, e ruiu a décima parte da cidade, e morreram, nesse terremoto, sete mil pessoas, ao passo que as outras ficaram sobremodo aterrorizadas e deram glória ao Deus do céu.

14 Passou o segundo ai. Eis que, sem demora, vem o terceiro ai.

A sétima trombeta

15 O sétimo anjo tocou a trombeta, e houve no céu grandes vozes, dizendo:

O reino do mundo se tornou de nosso Senhor
e do seu Cristo,
e ele reinará pelos séculos dos séculos.

16 E os vinte e quatro anciãos que se encontram sentados no seu trono, diante de Deus, prostraram-se sobre o seu rosto e adoraram a Deus, **17** dizendo:

Graças te damos, Senhor Deus, Todo-Poderoso,
que és e que eras,
porque assumiste o teu grande poder
e passaste a reinar.

18 Na verdade, as nações se enfureceram;
chegou, porém, a tua ira,
e o tempo determinado para serem julgados os mortos,
para se dar o galardão aos teus servos, os profetas,
aos santos e aos que temem o teu nome,
tanto aos pequenos como aos grandes,

e para destruíres os que destroem a terra.

19 Abriu-se, então, o santuário de Deus, que se acha no céu, e foi vista a arca da Aliança no seu santuário, e sobrevieram relâmpagos, vozes, trovões, terremoto e grande saraivada.

A mulher e o dragão

12 1 Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, **2** que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz. **3** Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. **4** A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. **5** Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono. **6** A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias.

Anjos pelejam no céu contra o dragão. A vitória de Cristo e do seu povo

7 Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; **8** todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. **9** E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. **10** Então, ouvi grande voz do céu, proclamando:

Agora, veio a salvação, o poder,
o reino do nosso Deus
e a autoridade do seu Cristo,
pois foi expulso o acusador de nossos irmãos,
o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus.

11 Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro
e por causa da palavra do testemunho que deram
e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida.

12 Por isso, festejai, ó céus,

e vós, os que neles habitais.
 Ai da terra e do mar,
 pois o diabo desceu até vós,
 cheio de grande cólera,
 sabendo que pouco tempo lhe resta.

O dragão persegue a mulher

13 Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão; **14** e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente. **15** Então, a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. **16** A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca. **17** Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar.

A besta que emerge do mar

13 1 Vi emergir do mar uma besta que tinha dez chifres e sete cabeças e, sobre os chifres, dez diademas e, sobre as cabeças, nomes de blasfêmia. **2** A besta que vi era semelhante a leopardo, com pés como de urso e boca como de leão. E deu-lhe o dragão o seu poder, o seu trono e grande autoridade. **3** Então, vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou, seguindo a besta; **4** e adoraram o dragão porque deu a sua autoridade à besta; também adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem pode pelejar contra ela? **5** Foi-lhe dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias e autoridade para agir quarenta e dois meses; **6** e abriu a boca em blasfêmias contra Deus, para lhe difamar o nome e difamar o tabernáculo, a saber, os que habitam no céu. **7** Foi-lhe dado, também, que pelejasse contra os santos e os vencesse. Deu-se-lhe ainda autoridade sobre cada tribo, povo, língua e nação; **8** e adorá-la-ão todos os que habitam sobre a terra, aqueles cujos nomes não

foram escritos no Livro da Vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo. **9** Se alguém tem ouvidos, ouça.

10 Se alguém leva para cativo,
para cativo vai.

Se alguém matar à espada,
necessário é que seja morto à espada.

Aqui está a perseverança e a fidelidade dos santos.

A besta que emerge da terra

11 Vi ainda outra besta emergir da terra; possuía dois chifres, parecendo cordeiro, mas falava como dragão. **12** Exerce toda a autoridade da primeira besta na sua presença. Faz com que a terra e os seus habitantes adorem a primeira besta, cuja ferida mortal fora curada. **13** Também opera grandes sinais, de maneira que até fogo do céu faz descer à terra, diante dos homens. **14** Seduz os que habitam sobre a terra por causa dos sinais que lhe foi dado executar diante da besta, dizendo aos que habitam sobre a terra que façam uma imagem à besta, àquela que, ferida à espada, sobreviveu; **15** e lhe foi dado comunicar fôlego à imagem da besta, para que não só a imagem falasse, como ainda fizesse morrer quantos não adorassem a imagem da besta. **16** A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita ou sobre a fronte, **17** para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da besta ou o número do seu nome. **18** Aqui está a sabedoria. Aquele que tem entendimento calcule o número da besta, pois é número de homem. Ora, esse número é seiscentos e sessenta e seis.

O Cordeiro e os seus remidos no monte Sião

14 1 Olhei, e eis o Cordeiro em pé sobre o monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo na fronte escrito o seu nome e o nome de seu Pai. **2** Ouvi uma voz do céu como voz de muitas águas, como voz de grande trovão; também a voz que ouvi era como de harpistas quando tangem a sua harpa. **3** Entoavam novo cântico diante do trono, diante dos quatro seres vivos e dos anciãos. E ninguém pôde aprender o cântico, senão os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra. **4** São estes os que não se macularam com mulheres, porque são castos. São

eles os seguidores do Cordeiro por onde quer que vá. São os que foram redimidos dentre os homens, primícias para Deus e para o Cordeiro; **5** e não se achou mentira na sua boca; não têm mácula.

A primeira voz

6 Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo, **7** dizendo, em grande voz: Temei a Deus e dai-lhe glória, pois é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas.

A segunda voz

8 Seguiu-se outro anjo, o segundo, dizendo: Caiu, caiu a grande Babilônia que tem dado a beber a todas as nações do vinho da fúria da sua prostituição.

A terceira voz

9 Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na frente ou sobre a mão, **10** também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. **11** A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome. **12** Aqui está a perseverança dos santos, os que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.

A quarta voz

13 Então, ouvi uma voz do céu, dizendo: Escreve: Bem-aventurados os mortos que, desde agora, morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem das suas fadigas, pois as suas obras os acompanham.

A ceifa

14 Olhei, e eis uma nuvem branca, e sentado sobre a nuvem um semelhante a filho de homem, tendo na cabeça uma coroa de ouro e na mão uma foice afiada. **15** Outro anjo saiu do santuário, gritando em grande voz para aquele que se achava sentado sobre a nuvem: Toma a tua foice e ceifa, pois chegou a hora de ceifar, visto que a seara da terra já amadureceu! **16** E aquele que estava sentado sobre a nuvem passou a sua foice sobre a terra, e a terra foi ceifada.

A vindima

17 Então, saiu do santuário, que se encontra no céu, outro anjo, tendo ele mesmo também uma foice afiada. **18** Saiu ainda do altar outro anjo, aquele que tem autoridade sobre o fogo, e falou em grande voz ao que tinha a foice afiada, dizendo: Toma a tua foice afiada e ajunta os cachos da videira da terra, porquanto as suas uvas estão amadurecidas! **19** Então, o anjo passou a sua foice na terra, e vindimou a videira da terra, e lançou-a no grande lagar da cólera de Deus. **20** E o lagar foi pisado fora da cidade, e correu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, numa extensão de mil e seiscentos estádios.

Os sete flagelos

15 1 Vi no céu outro sinal grande e admirável: sete anjos tendo os sete últimos flagelos, pois com estes se consumou a cólera de Deus.

Os remidos entoam o cântico de Moisés e o cântico do Cordeiro

2 Vi como que um mar de vidro, mesclado de fogo, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé no mar de vidro, tendo harpas de Deus; **3** e entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo:

Grandes e admiráveis são as tuas obras,
Senhor Deus, Todo-Poderoso!
Justos e verdadeiros são os teus caminhos,
ó Rei das nações!

4 Quem não temerá
e não glorificará o teu nome, ó Senhor?
Pois só tu és santo;

por isso, todas as nações virão
e adorarão diante de ti,
porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos.

Deus envia os flagelos

5 Depois destas coisas, olhei, e abriu-se no céu o santuário do tabernáculo do Testemunho, **6** e os sete anjos que tinham os sete flagelos saíram do santuário, vestidos de linho puro e resplandecente e cingidos ao peito com cintas de ouro. **7** Então, um dos quatro seres viventes deu aos sete anjos sete taças de ouro, cheias da cólera de Deus, que vive pelos séculos dos séculos. **8** O santuário se encheu de fumaça procedente da glória de Deus e do seu poder, e ninguém podia penetrar no santuário, enquanto não se cumprissem os sete flagelos dos sete anjos.

O primeiro flagelo

16 1 Ouvei, vinda do santuário, uma grande voz, dizendo aos sete anjos: Ide e derramai pela terra as sete taças da cólera de Deus.

2 Saiu, pois, o primeiro anjo e derramou a sua taça pela terra, e, aos homens portadores da marca da besta e adoradores da sua imagem, sobrevieram úlceras malignas e perniciosas.

O segundo flagelo

3 Derramou o segundo a sua taça no mar, e este se tornou em sangue como de morto, e morreu todo ser vivente que havia no mar.

O terceiro flagelo

4 Derramou o terceiro a sua taça nos rios e nas fontes das águas, e se tornaram em sangue. **5** Então, ouvi o anjo das águas dizendo:

Tu és justo, tu que és e que eras, o Santo,
pois julgaste estas coisas;

6 porquanto derramaram sangue de santos e de profetas,
também sangue lhes tens dado a beber;
são dignos disso.

7 Ouvi do altar que se dizia:

Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso,
verdadeiros e justos são os teus juízos.

O quarto flagelo

8 O quarto anjo derramou a sua taça sobre o sol, e foi-lhe dado queimar os homens com fogo. 9 Com efeito, os homens se queimaram com o intenso calor, e blasfemaram o nome de Deus, que tem autoridade sobre estes flagelos, e nem se arrependeram para lhe darem glória.

O quinto flagelo

10 Derramou o quinto a sua taça sobre o trono da besta, cujo reino se tornou em trevas, e os homens remordiam a língua por causa da dor que sentiam 11 e blasfemaram o Deus do céu por causa das angústias e das úlceras que sofriam; e não se arrependeram de suas obras.

O sexto flagelo

12 Derramou o sexto a sua taça sobre o grande rio Eufrates, cujas águas secaram, para que se preparasse o caminho dos reis que vêm do lado do nascimento do sol. 13 Então, vi sair da boca do dragão, da boca da besta e da boca do falso profeta três espíritos imundos semelhantes a rãs; 14 porque eles são espíritos de demônios, operadores de sinais, e se dirigem aos reis do mundo inteiro com o fim de ajuntá-los para a peleja do grande Dia do Deus Todo-Poderoso. 15 (Eis que venho como vem o ladrão . Bem-aventurado aquele que vigia e guarda as suas vestes, para que não ande nu, e não se veja a sua vergonha.) 16 Então, os ajuntaram no lugar que em hebraico se chama Armagedom.

O sétimo flagelo

17 Então, derramou o sétimo anjo a sua taça pelo ar, e saiu grande voz do santuário, do lado do trono, dizendo: Feito está! 18 E sobrevieram relâmpagos, vozes e trovões, e ocorreu grande terremoto, como nunca houve igual desde que há gente sobre a terra; tal foi o terremoto, forte e grande. 19 E a grande cidade se

dividiu em três partes, e caíram as cidades das nações. E lembrou-se Deus da grande Babilônia para dar-lhe o cálice do vinho do furor da sua ira. **20** Todas as ilhas fugiram, e os montes não foram achados; **21** também desabou do céu sobre os homens grande saraivada, com pedras que pesavam cerca de um talento; e, por causa do flagelo da chuva de pedras, os homens blasfemaram de Deus, porquanto o seu flagelo era sobremodo grande.

A descrição da grande meretriz

17 1 Veio um dos sete anjos que têm as sete taças e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei o julgamento da grande meretriz que se acha sentada sobre muitas águas, **2** com quem se prostituíram os reis da terra; e, com o vinho de sua devassidão, foi que se embebedaram os que habitam na terra. **3** Transportou-me o anjo, em espírito, a um deserto e vi uma mulher montada numa besta escarlata, besta repleta de nomes de blasfêmia, com sete cabeças e dez chifres. **4** Achava-se a mulher vestida de púrpura e de escarlata, adornada de ouro, de pedras preciosas e de pérolas, tendo na mão um cálice de ouro transbordante de abominações e com as imundícias da sua prostituição. **5** Na sua frente, achava-se escrito um nome, um mistério: BABILÔNIA, A GRANDE, A MÃE DAS MERETRIZES E DAS ABOMINAÇÕES DA TERRA. **6** Então, vi a mulher embriagada com o sangue dos santos e com o sangue das testemunhas de Jesus; e, quando a vi, admirei-me com grande espanto. **7** O anjo, porém, me disse: Por que te admiraste? Dir-te-ei o mistério da mulher e da besta que tem as sete cabeças e os dez chifres e que leva a mulher: **8** a besta que viste, era e não é, está para emergir do abismo e caminha para a destruição. E aqueles que habitam sobre a terra, cujos nomes não foram escritos no Livro da Vida desde a fundação do mundo, se admirarão, vendo a besta que era e não é, mas aparecerá. **9** Aqui está o sentido, que tem sabedoria: as sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada. São também sete reis, **10** dos quais caíram cinco, um existe, e o outro ainda não chegou; e, quando chegar, tem de durar pouco. **11** E a besta, que era e não é, também é ele, o oitavo rei, e procede dos sete, e caminha para a destruição. **12** Os dez chifres que viste são dez reis, os quais ainda não receberam reino, mas recebem autoridade como reis, com a besta, durante uma hora. **13** Têm estes um só pensamento e oferecem à besta o poder e a autoridade que possuem. **14** Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o

Senhor dos senhores e o Rei dos reis; vencerão também os chamados, eleitos e fiéis que se acham com ele. **15** Falou-me ainda: As águas que viste, onde a meretriz está assentada, são povos, multidões, nações e línguas. **16** Os dez chifres que viste e a besta, esses odiarão a meretriz, e a farão devastada e despojada, e lhe comerão as carnes, e a consumirão no fogo. **17** Porque em seu coração incutiu Deus que realizem o seu pensamento, o executem à uma e deem à besta o reino que possuem, até que se cumpram as palavras de Deus. **18** A mulher que viste é a grande cidade que domina sobre os reis da terra.

O anúncio da queda de Babilônia

18 1 Depois destas coisas, vi descer do céu outro anjo, que tinha grande autoridade, e a terra se iluminou com a sua glória. **2** Então, exclamou com potente voz, dizendo: Caiu! Caiu a grande Babilônia e se tornou morada de demônios, covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável, **3** pois todas as nações têm bebido do vinho do furor da sua prostituição. Com ela se prostituíram os reis da terra. Também os mercadores da terra se enriqueceram à custa da sua luxúria.

4 Ouvei outra voz do céu, dizendo: Retirai-vos dela, povo meu, para não serdes cúmplices em seus pecados e para não participardes dos seus flagelos; **5** porque os seus pecados se acumularam até ao céu, e Deus se lembrou dos atos iníquos que ela praticou. **6** Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, pagai-lhe em dobro segundo as suas obras e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. **7** O quanto a si mesma se glorificou e viveu em luxúria, dai-lhe em igual medida tormento e pranto, porque diz consigo mesma: Estou sentada como rainha. Viúva, não sou. Pranto, nunca hei de ver! **8** Por isso, em um só dia, sobrevirão os seus flagelos: morte, pranto e fome; e será consumida no fogo, porque poderoso é o Senhor Deus, que a julgou.

Os lamentos dos admiradores de Babilônia

9 Ora, chorarão e se lamentarão sobre ela os reis da terra, que com ela se prostituíram e viveram em luxúria, quando virem a fumaceira do seu incêndio, **10** e, conservando-se de longe, pelo medo do seu tormento, dizem: Ai! Ai! Tu, grande cidade, Babilônia, tu, poderosa cidade! Pois, em uma só hora, chegou o teu juízo.

11 E, sobre ela, choram e pranteiam os mercadores da terra, porque já ninguém compra a sua mercadoria, **12** mercadoria de ouro, de prata, de pedras preciosas, de pérolas, de linho finíssimo, de púrpura, de seda, de escarlata; e toda espécie de madeira odorífera, todo gênero de objeto de marfim, toda qualidade de móvel de madeira preciosíssima, de bronze, de ferro e de mármore; **13** e canela de cheiro, especiarias, incenso, unguento, bálsamo, vinho, azeite, flor de farinha, trigo, gado e ovelhas; e de cavalos, de carros, de escravos e até almas humanas. **14** O fruto sazonado, que a tua alma tanto apeteceu, se apartou de ti, e para ti se extinguiu tudo o que é delicado e esplêndido, e nunca jamais serão achados. **15** Os mercadores destas coisas, que, por meio dela, se enriqueceram, conservar-se-ão de longe, pelo medo do seu tormento, chorando e prateando, **16** dizendo: Ai! Ai da grande cidade, que estava vestida de linho finíssimo, de púrpura, e de escarlata, adornada de ouro, e de pedras preciosas, e de pérolas, **17** porque, em uma só hora, ficou devastada tamanha riqueza! E todo piloto, e todo aquele que navega livremente, e marinheiros, e quantos labutam no mar conservaram-se de longe. **18** Então, vendo a fumaceira do seu incêndio, gritavam: Que cidade se compara à grande cidade? **19** Lançaram pó sobre a cabeça e, chorando e prateando, gritavam: Ai! Ai da grande cidade, na qual se enriqueceram todos os que possuíam navios no mar, à custa da sua opulência, porque, em uma só hora, foi devastada! **20** Exultai sobre ela, ó céus, e vós, santos, apóstolos e profetas, porque Deus contra ela julgou a vossa causa.

A ruína de Babilônia é completa e definitiva

21 Então, um anjo forte levantou uma pedra como grande pedra de moinho e arrojou-a para dentro do mar, dizendo: Assim, com ímpeto, será arrojada Babilônia, a grande cidade, e nunca jamais será achada. **22** E voz de harpistas, de músicos, de tocadores de flautas e de clarins jamais em ti se ouvirá, nem artífice algum de qualquer arte jamais em ti se achará, e nunca jamais em ti se ouvirá o ruído de pedra de moinho. **23** Também jamais em ti brilhará luz de candeia; nem voz de noivo ou de noiva jamais em ti se ouvirá, pois os teus mercadores foram os grandes da terra, porque todas as nações foram seduzidas pela tua feitiçaria. **24** E nela se achou sangue de profetas, de santos e de todos os que foram mortos sobre a terra.

O júbilo no céu

19 1 Depois destas coisas, ouvi no céu uma como grande voz de numerosa multidão, dizendo:

Aleluia!

A salvação, e a glória, e o poder são do nosso Deus,

2 porquanto verdadeiros e justos são os seus juízos,

pois julgou a grande meretriz

que corrompia a terra com a sua prostituição

e das mãos dela

vingou o sangue dos seus servos.

3 Segunda vez disseram:

Aleluia!

E a sua fumaça sobe pelos séculos dos séculos.

4 Os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que se acha sentado no trono, dizendo: Amém! Aleluia! **5** Saiu uma voz do trono, exclamando:

Dai louvores ao nosso Deus,

todos os seus servos,

os que o temeis,

os pequenos e os grandes.

6 Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo:

Aleluia!

Pois reina o Senhor,

nosso Deus, o Todo-Poderoso.

7 Alegremo-nos, exultemos

e demos-lhe a glória,

porque são chegadas as bodas do Cordeiro,

cuja esposa a si mesma já se ataviou,

8 pois lhe foi dado vestir-se

de linho finíssimo, resplandecente e puro.

Porque o linho finíssimo são os atos de justiça dos santos.

9 Então, me falou o anjo: Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro. E acrescentou: São estas as verdadeiras palavras de Deus. **10** Prostrei-me ante os seus pés para adorá-lo. Ele, porém, me disse: Vê, não faças isso; sou conservo teu e dos teus irmãos que mantêm o testemunho de Jesus; adora a Deus. Pois o testemunho de Jesus é o espírito da profecia.

Cristo, o vencedor da besta e do falso profeta

11 Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. **12** Os seus olhos são chama de fogo; na sua cabeça, há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, senão ele mesmo. **13** Está vestido com um manto tinto de sangue, e o seu nome se chama o Verbo de Deus; **14** e seguiam-no os exércitos que há no céu, montando cavalos brancos, com vestiduras de linho finíssimo, branco e puro. **15** Sai da sua boca uma espada afiada, para com ela ferir as nações; e ele mesmo as regerà com cetro de ferro e, pessoalmente, pisa o lagar do vinho do furor da ira do Deus Todo-Poderoso. **16** Tem no seu manto e na sua coxa um nome inscrito: REI DOS REIS E SENHOR DOS SENHORES.

17 Então, vi um anjo posto em pé no sol, e clamou com grande voz, falando a todas as aves que voam pelo meio do céu: Vinde, reuni-vos para a grande ceia de Deus, **18** para que comais carnes de reis, carnes de comandantes, carnes de poderosos, carnes de cavalos e seus cavaleiros, carnes de todos, quer livres, quer escravos, tanto pequenos como grandes.

19 E vi a besta e os reis da terra, com os seus exércitos, congregados para pelejarem contra aquele que estava montado no cavalo e contra o seu exército. **20** Mas a besta foi aprisionada, e com ela o falso profeta que, com os sinais feitos diante dela, seduziu aqueles que receberam a marca da besta e eram os adoradores da sua imagem. Os dois foram lançados vivos dentro do lago de fogo que arde com enxofre. **21** Os restantes foram mortos com a espada que saía da boca daquele que estava montado no cavalo. E todas as aves se fartaram das suas carnes.

A prisão de Satanás por mil anos. A primeira ressurreição

20 1 Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. **2** Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás,

e o prendeu por mil anos; **3** lançou-o no abismo, fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto, é necessário que ele seja solto pouco tempo.

4 Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tampouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante mil anos. **5** Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos. Esta é a primeira ressurreição. **6** Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com ele os mil anos.

Satanás é solto e derrotado

7 Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão **8** e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a peleja. O número dessas é como a areia do mar. **9** Marcharam, então, pela superfície da terra e sitiaram o acampamento dos santos e a cidade querida; desceu, porém, fogo do céu e os consumiu. **10** O diabo, o sedutor deles, foi lançado para dentro do lago de fogo e enxofre, onde já se encontram não só a besta como também o falso profeta; e serão atormentados de dia e de noite, pelos séculos dos séculos.

O juízo de Deus

11 Vi um grande trono branco e aquele que nele se assenta, de cuja presença fugiram a terra e o céu, e não se achou lugar para eles. **12** Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros. **13** Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. E foram julgados, um por um, segundo as suas obras. **14** Então, a morte e o inferno foram lançados para dentro do lago de fogo. Esta é a segunda morte, o lago de fogo. **15** E,

se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo.

O novo céu e a nova terra

21 **1** Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. **2** Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. **3** Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. **4** E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.

5 E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. **6** Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim. Eu, a quem tem sede, darei de graça da fonte da água da vida. **7** O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho. **8** Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte.

A nova Jerusalém

9 Então, veio um dos sete anjos que têm as sete taças cheias dos últimos sete flagelos e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; **10** e me transportou, em espírito, até a uma grande e elevada montanha e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, **11** a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina. **12** Tinha grande e alta muralha, doze portas, e, junto às portas, doze anjos, e, sobre elas, nomes inscritos, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. **13** Três portas se achavam a leste, três, ao norte, três, ao sul, e três, a oeste. **14** A muralha da cidade tinha doze fundamentos, e estavam sobre estes os doze nomes dos doze apóstolos do Cordeiro.

15 Aquele que falava comigo tinha por medida uma vara de ouro para medir a cidade, as suas portas e a sua muralha. **16** A cidade é quadrangular, de

comprimento e largura iguais. E mediu a cidade com a vara até doze mil estádios. O seu comprimento, largura e altura são iguais. **17** Mediu também a sua muralha, cento e quarenta e quatro côvados, medida de homem, isto é, de anjo. **18** A estrutura da muralha é de jaspe; também a cidade é de ouro puro, semelhante a vidro límpido. **19** Os fundamentos da muralha da cidade estão adornados de toda espécie de pedras preciosas. O primeiro fundamento é de jaspe; o segundo, de safira; o terceiro, de calcedônia; o quarto, de esmeralda; **20** o quinto, de sardônio; o sexto, de sárdio; o sétimo, de crisólito; o oitavo, de berilo; o nono, de topázio; o décimo, de crisópraso; o undécimo, de jacinto; e o duodécimo, de ametista. **21** As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas, de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente. **22** Nela, não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro. **23** A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada. **24** As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória. **25** As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque, nela, não haverá noite. **26** E lhe trarão a glória e a honra das nações. **27** Nela, nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira, mas somente os inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.

22 1 Então, me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro. **2** No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos. **3** Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela, estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, **4** contemplarão a sua face, e na sua frente está o nome dele. **5** Então, já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

A certeza do cumprimento da profecia deste livro

6 Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer. **7** Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

As admoestações e as promessas finais

8 Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo. **9** Então, ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

10 Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo. **11** Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.

12 E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. **13** Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último, o Princípio e o Fim. **14** Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas. **15** Fora ficam os cães, os feiticeiros, os impuros, os assassinos, os idólatras e todo aquele que ama e pratica a mentira.

16 Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã.

17 O Espírito e a noiva dizem: Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

A conclusão do livro

18 Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; **19** e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro.

20 Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!

A bênção

21 A graça do Senhor Jesus seja com todos.